



BARIANI ORTENCIO  
CICLO DO  
SERTÃO

FORÇA DA TERRA

CONTOS

(t.) TRAMPOLIM



**W**ALDOMIRO BARIANI ORTENCIO nasceu em Igarapava – SP em 24 de julho de 1923. Mudou-se para Goiânia em 1938. Fez o Ginásio e o Científico no Lyceu de Goiânia e apenas o 1º ano de Odontologia. Foi professor de Matemática e industrial. É empresário (Bazar Paulistinha e Anhanguera Shoppings). Publicou 50 livros em todos os gêneros. É premiado pela Academia Brasileira de Letras (Prêmio João Ribeiro – *Cartilha do Folclore Brasileiro*); pela APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte (*Dicionário do Brasil Central*); pela UBE – União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro (*Conjunto de Obras Guimarães Rosa*); pelo IPHAN (Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade) pela trilogia da sabedoria do Centro-Oeste: *Cozinha Goiana – Dicionário do Brasil Central e Medicina Popular do Centro-Oeste*; Prêmio CLIO da

# CICLO DO SERTÃO

FORÇA DA TERRA

**BARIANI ORTENCIO**

**CICLO DO**

**SERTÃO**

**FORÇA DA TERRA**

**CONTOS**



**TRAMPOLIM**



1ª Edição: José Olímpio Editora  
Rio de Janeiro – 1974

© by Waldomiro Bariani Ortencio – 2017

FICHA TÉCNICA

Editor:

*Victor Tagore*

Revisão de texto:

*Maurício Apolinário*

Capa e Diagramação:

*Eward S. Bonasser Jr.*

Coordenação Editorial:

*Izabel Signoreli*

Produção:

*Laila Santoro*

---

O77f Ortencio, Waldomiro Bariani  
Força da terra / Bariani Ortencio. – Brasília, DF :  
Trampolim, 2017.  
151 p. : il. ; (Coleção ciclo do sertão)

Inclui vocabulário regional goiano

ISBN: 978-85-5325-004-2

1. Literatura brasileira. 2. Conto. I. Coletânea  
Bariani Ortencio. II. Série. III. Título.

CDU 821.134.3-34(81)

CDD B869.34

---

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Contatos:

Bariani Ortêncio – [barianiortencio@uol.com.br](mailto:barianiortencio@uol.com.br)

Tagore Editora – [contato@tagoreeditora.com.br](mailto:contato@tagoreeditora.com.br)

TRAMPOLIM é uma marca da TAGORE EDITORA.

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.  
Composto e impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

T A G O R E E D I T O R A

SRTVS Quadra 701, Bloco O, Edifício Novo Centro Multiempresarial, sala 203,  
CEP: 70.340-000, Brasília, DF.

*Para o Carlos Guilherme,  
meu neto.*

C O L E T Â N E A

---

Bianca Ati

## NOTA DA EDITORA

*Dados Biográficos do Autor*

**W**aldomiro BARIANI ORTENCIO é paulista de Igarapava, nascido nas Usinas Junqueira a 24 de julho de 1923, mas foi registrado errado: 24 de outubro. Seu pai, Antônio Ortencio, que é de 24 de outubro; talvez daí a confusão. Dona Josefina Bariani, sua mãe, lecionou corte e costura pelas cidades do interior de São Paulo, Minas Gerais e de Goiás. Seu pai sempre foi carpinteiro e serrador de toras.

Em 1938, a família toda (também avós, tios e primos) transferiu-se para Goiânia. A nova capital iniciava-se, então. Fez os cursos ginásial e científico no Liceu de Goiás e foi até o primeiro ano de Odontologia, desistindo para entrar definitivamente no comércio. Lecionou Matemática e foi alfaiate. Ainda é comerciante. E mais: industrial, fazendeiro e minerador. Casou-se em 1948 com Ana Silva Morais (dona Leuza), da TFG, e tem três casais de filhos e um neto. Foi campeão goiano de futebol por diversas vezes. De *Vão dos Angicos* são as opiniões críticas das orelhas deste *Força da Terra*.

É membro da Academia Goiana de Letras desde 1962. Presidente por três vezes da União Brasileira de Escritores – seção de



Goiás. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e do Conselho Estadual de Cultura. Pertence à Comissão Nacional de Folclore, à Associação Goiana de Imprensa e à Sociedade Geográfica Brasileira.

Participa de várias antologias e conquistou vários prêmios literários. É cidadão Goiano por força de lei no governo do Dr. Otávio Lage de Siqueira.



Goiás, terra trefarta, enfiada, sem nenúfares, Goiás,  
comprido caranguejo em pé, carajamente! Goiás  
atrás, Goiás pujaz, Goiás à frente...

Bariani Ortencio, como lembrança das nossas  
evocações sertanejas, goiano-mineiras.

*Guimarães Rosa*

## O CONTO: CIRCULARIDADE FORMAL

*Emanuel de Moraes*

**N**a crítica, bem dosada de ironia, feita por Mário de Andrade à “generosidade” de certas conceituações de conto que chegam a exceder a tendência ampliadora de “considerar como tal tudo quanto seu autor chame de *conto*”, encontrar-se-á implícita a preocupação de se fixarem os dados essenciais a uma definição tipológica, opondo-se à arbitrariedade da denominação subjetiva. Com efeito, diante da diversidade de expressões, não será de boa técnica admitirem-se tantos conceitos quantos sejam essas variáveis. Daí, as sempre necessárias apreciações teóricas, ao se dizer sobre um livro de contos, como preliminar justificação do seu enquadramento no gênero.

Desconsiderando a discussão classificatória entre gênero e espécie, em literatura, a qual conduziria a extremos de teorização inoportunos aos objetivos desta apresentação, dir-se-á apenas que o conto é um tipo de narrativa. O autor narra uma estória, pouco importando que, por vezes, o elemento descritivo tenha no escrito um apreciável destaque. Pouco importa, também, que não raro o contexto se revista

de um sentido lírico que o aproxima, como realização, do poema em prosa. O importante é a existência de uma estória narrada.

Nessa exigência primária sempre se enquadra Bariani Ortencio: em todos os seus contos ele narra basicamente um acontecimento.

Não se desconhece a amplitude das possibilidades da narrativa, abrangendo, em linhas gerais, desde a épica mítica ao anedótico cotidiano. Mas sem exceder os limites da economia dessa exposição pretender analisar cada uma dessas espécies, quando somente a caracterização do conto pode ter algum interesse.

A narrativa, no conto, deve ser *redonda* (vocabulário que se opõe, por comparação, à linearidade do romance), equivalendo isto a dizer que o princípio deve estar circularmente ligado ao fim, quer na exposição do episódio, do caráter e da ação dos personagens, quer na fixação do ambiente em que se desenvolve esse episódio e até mesmo nos recursos de linguagem de que se serve a expressão. Esse círculo fechado encontra exemplaridade em Machado de Assis, no conto “Anedota do Cabriolé”. Nele, a correspondência princípio-fim revela, com inexcusável clareza, o movimento circular envolvente da trama narrada: – *Cabriolé está aí, sim, senhor, dizia o preto que viera à matriz de S. José chamar o vigário para sacramentar dois moribundos. – Donde veio chamar-se a esta página a anedota do cabriolé.* Essa correspondência princípio-fim, se nem sempre é tão nítida como no exemplo machadiano, é, não obstante, essencial como característica do conto. Ela marca o ponto de encontro das personagens e da trama, num movimento semelhante ao do símbolo da serpente que se devora pela cauda, estabelecendo, pelo giro contínuo em que todas as posições são ocupadas por todos os pontos, um relacionamento de todos os fatos como determinantes da conclusão e como se, do primeiro ao último, todos constituíssem o fato inicial.

Este novo livro de Bariani Ortencio dá bem a medida da sua técnica de contista, aliás já revelada, anteriormente, em outras obras. O seu ambiente preferido ainda é o sertão, ou melhor, o pequeno arraial perdido no sertão, a *corrutela*, como diz, na língua dos caboclos que povoam a paisagem, tal a de “A Requinta”. Ou a cidade pequena,

com os seus problemas provincianos que põem em saliente o humorista (“O Intruso Meritíssimo”), dentre as quais, no caminho da cidade grande, Goiânia, onde as pessoas não mais se conhecem, fotografadas em “Jabuticabas”. Raramente se arrisca além desses ambientes. Contudo, quando faz, não é mal sucedido. Assim, no conto “Alianças de Noivado”, localizável numa cidade qualquer, em que prevalecem os costumes e as coisas das comunidades modernizadas.

Dentro dessa quase constante, variadíssima, porém, é a sua temática, como variado é o seu vocabulário. Por isso, a sua narrativa e a sua descritiva, malgrado aquela permanência ambiental, não se fazem monótonas. Ao mesmo passo, cada personagem é uma figura original. Tal como não se repetem as estórias, nem as soluções, também não se repetem as caracterizações de um para outro conto. Demais, cada personagem encontra-se perfeitamente correlacionado às exigências circunstanciais do tema. Em “A Jardineira”, para se tomar como exemplo logo o segundo conto, dona Mariinha, a personagem central, na sua pequena loucura lírica, em nenhum momento discrepa do jardim de sonho onde vive e em torno do que se faz o assunto intencionalmente singelo, enriquecido por um abundante vocabulário floral. Igualmente, em “Dona Esmeralda dos olhos verdes”, para se exemplificar, agora, com uma das experiências temáticas e vocabulares das mais diversificadas na obra de Bariani Ortencio, este consegue manter em excelente nível a personalidade do Padre Anselmo e da sombra toda sábia de Dona Esmeralda, no difícil correlacionamento com a temática da tentação sexual do padre pelas suas eróticas paroquianas, sem que a narrativa e a descritiva desçam à vulgaridade desnecessária e fácil, apenas para satisfazer à gratuita e pouco saudável exploração da obscenidade. O mesmo pode dizer-se de “Manequim”, em que Bariani Ortencio também se sobrepõe satisfatoriamente, pela habilidade expressional, ao caráter masturbatório de sua personagem. E nessa conjugação, personagens, tema e vocabulário, há que destacar os excelentes contos “O Crucificado” e “Velho Chico”, nos quais o autor eleva sua narrativa à área do trágico, sem, entretanto, abandonar a toada do contador sertanejo, pois o

ambiente é o sertão, em cujas coisas e ação vai, de resto, buscar o seu vocabulário e valorizar a sintaxe do seu habitual estilo indireto livre.

Todavia, no que sobretudo se afirma o autor como contista – posto que as observações feitas até agora se aplicam mais ou menos a todo o gênero narrativo – na circularidade formal de suas estórias. Desde “A Requieta”, ao movimento inicial no sentido *sertão-corrutela* (“a estrada para quem vai pros Nunes”), com que o autor conduz à narrativa da *folia* e de suas ressonâncias, corresponde o movimento no sentido *corrutela-sertão* (dos Nunes, “ganhando a estrada do mundo, até que para nunca mais”), como que o autor põe fim à narrativa, partindo da *folia*. Em “A Jardineira”, o processo se encontra, com rara exceção, bem delineado. O jardim de Dona Mariínha pertence à sua noite íntima: ela o constrói do seu *sonho* (princípio); sonho que o dia – a realidade – não permite (fim).

Excelente é, igualmente, o relacionamento princípio-fim, em “O Crucificado”. O trágico dos *gemidos-uivos de lobo* e dos *gemidos-trovões*, identificando a cena de abertura e conclusão, inclusive com a repetição de frases (“Daniel abriu a janela”), marcando a presença essencial, no desenvolvimento psicológico da trama, da chuva. No conto sobre o desencantamento urbano do Dr. Haroldo, destaque-se a circularidade entre os *dois tempos* de jabuticaba – *com* e *sem* o fruto – emoldurando as atitudes da personagem. No “Velho Chico”, Janjão-Cigano chega, *todos veem*, e, no final, Janjão-Cigano desaparece, *só o velho Chico vê* “o que ninguém via”, sem dúvida, uma reposição de reposição do episódio no seu momento inicial, como quem vai recontá-lo. Em “Alianças de Noivado”, o autor parte da Madame Pimentel, perdida, em que a própria personagem se retrata (“Chegou a cumprimentar-se: – Alô, madame Pimentel”), e termina no exato instante da perda da possibilidade dessa personagem ser a *Madame Pimentel*. O processo se evidencia, no conto “Ciclo”, nestes trechos: “... dizia o soldado... quem vai mandar aqui sou eu... Dona Mariquinha esparramou polvilho sobre a mesa... Jerônimo... vestiu o terno, aprumando-se” (princípio); “... seu sargento... sentou-se no trono. Novamente farinha de trigo e polvilho espalhados... Seu Jerônimo colocando a

gravata tirada há pouco, que havia gente nova mandando na cidade” (fim) . Entre o desejo do pai de que o filho, partindo, se tornasse um homem importante, e a salvação do filho, voltando, de se tornar um criminoso por causa do pai, circula a estória, em “Força da Terra”. Em “Lua Amarela”, na oposição entre as expressões “Paz selvagem” e “O mundo é outro”, com a repetição da paisagem, antes natural, depois iluminada pela luz branca da usina, a evidência é idêntica à do citado exemplo machadiano. O mesmo se poderá dizer de “Algumas vidas”, que começa e termina no *ubá com mudança*, e “Manequim”, em que a temática volta sobre si mesma no destaque da inutilidade do corpo feminino para Zé Manequim.

Cabem ainda algumas palavras sobre a linguagem de Bariani Ortencio. Não se pretende fazer uma análise do vocabulário e do estilo *regionalistas* que, em outras oportunidades, no geral da obra, tem sido assinalado como uma das suas mais fortes características, inclusive por Gilberto Mendonça Teles, em *O Conto brasileiro em Goiás* (D.E.C., Goiânia, 1969). Palavras poucas, apenas para dizer que no autor em exame, como, aliás, nos bons escritores, a língua primeira, logicamente indispensável, é tão somente a base de uma segunda língua individual, portanto, de urna linguagem-arte. Os reparos que se lhe fazem de nem sempre ser fiel ao linguajar da realidade dos seus ambientes sertanejos, ou de não atentar para os fatos conforme os regulamenta a ciência linguística, não invalidam a sua língua literária como representação do real. E não invalidam porque, através dessa linguagem – dentro ou fora do regionalismo – consegue (re)criar uma realidade própria que se sobrepõe, que substitui, como expressão estética, o fato da vida, precipuamente a função do escritor-artista.

É de reiterar-se, pois, que *Força da Terra* constitui uma reafirmação do talento do autor no imaginar estórias e da sua técnica de expressá-las; imaginação e realização que o consagram como contista.

*Petrópolis, fevereiro de 1974.*

# SUMÁRIO

A REQUINTA .....	19
A JARDINEIRA .....	23
O PREDESTINADO.....	27
O INTRUSO MERITÍSSIMO.....	35
O GAVIÃO E O URUBU .....	45
O CRUCIFICADO.....	47
MINIRROMANCE .....	55
JABUTICABAS .....	57
VELHO CHICO.....	69
BOLHAS DE SABÃO.....	75
ALIANÇAS DE NOIVADO.....	81
MOCINHA.....	87
MARIA ROSA VERSUS ROSEMARY .....	95
CICLO .....	101
DONA ESMERALDA DOS OLHOS VERDES .....	105
FORÇA DA TERRA .....	117
LUA AMARELA.....	125



ALGUMAS VIDAS .....	129
SITUAÇÕES.....	135
MANEQUIM.....	143

## A REQUINTA

Quando a Serra Feia reparte no meio dando a estrada para quem vai pros Nunes, numa boa hora, a do sol entrante, descia eu por lá montando o meu tão falado burro Intimador para um pouso de folia nos ditos Nunes. Como eu disse, a hora mais bonita pr'esses nossos lados é aquela, quando os chororós emendam o canto nas palhadas e os jaós impõem dentro do mato, tristeza que arrocha o peito, a gente ouvindo. O burro Intimador, esse nome posto por lhe calhar bem, descia seguro, desviando das pedras, pisando firme, confiado, arreparando o gemer dos pássaros, coisas que muito me encantavam, não sei por quê. Indo assim, perdendo altura, deu lá numa hora que sofreei, retesando as rédeas, fiquei de escuta. Era uma cantiga de folia que vinha macia na onda do vento e voltava diluindo, mas sem sumir de tudo. O meu fraco, o senhor acredita. Separei, cá na minha cabeça, uma coisa da outra, o canto dos pássaros do da toada da folia. Por certo os foliões chegando, louvando os obstáculos nos arcos de bananeira e de bambu que deveriam ter por lá. Nunca soube por que, indago de mim e não acho resposta, que num trinado sentido naquela hora do disparate de nhambuzinhos chororós e jaós, entremeado de canto de folia, o cabelo dos meus braços ficam de pé, os da cabeça, doloridos, uma mágoa afunda o peito, uma tinhana infeliz de trovejar uns gritos acaipirados, jogar o chapéu no chão e arrastar o dedo no gatilho, guspindo a mecha pra riba, furando o vazio do céu. Paixão recolhida nunca tive. Ninguém até hoje me deixou saudade. Falta de dinheiro, dinheiro nunca me faltou. É o tal caso que

pergunto e não tenho resposta. Aí fiquei assuntando, de novo o burro no sobe-desce, tateando pelas muitas pedras do caminho.

Os curiangos já substituindo os outros pássaros e, de vez ou outra, espevitando bem as suas apresentações, os seus avisos, que os cantos discerniam: cu-rian-go, amanhã-eu-vou, João-corta-pau. Mas os tiradores da folia agora cantavam bonito, mais bonito que os curiangos. Sem saber, sentia uma tal saudade, coisa de primeira vez. Na hora do coro, a requinta deixava desejando, que depois me lembrei: era o Agnelo que estava faltando, a sua requinta que eles falam quinta voz. Nessa hora de cobrir por cima, ninguém melhor que ele. Onde andaria o Agnelo? Agnelo, o Aguinél-Folião falado, muito gostava que assim o chamassem. Agradecia e rogava a Deus pela pessoa e sua família, só por lhe dispensarem tamanha distinção. Conhecia o seu valor, a sua grandeza. E não era não? Como é que se tirava folia sem ele, meu Jesus?!

O dito Agnelo desaparecera já pra mais de dois anos. Aí nos Nunes era o lugar que ele mais gostava, onde tinha mais amigos. Ninguém sabe pr'onde foi. Não deixou rasto e nem mandou notícias. Dizem que ficou apaixonado por uma dona casada, mulher de amigo, decerto, mas isso é coisa que não se encobre e ninguém viu, ficando tudo nas suposições. Morrer, não morreu. Há quem diga também... mas meu Jesus Cristo, quem é que viu o quê?! Língua do povo é isso. Agora por bem falar, folia sem o Agnelo... marmelada sem queijo, abraço sem beijo, comparando. Pode estar bom como for, mas sempre faltando qualquer coisa.

O caso é que lá vou eu pros Nunes. Quem tem um animal da linhagem, da iguala do meu, sabe dar valor. Chegar em festa de roça montado assim como eu vinha, o respeito é outro. A intenção era de *por o burro* no piquete, mas os foliões já entravam pelo curral adentro e eu não queria perder mais nada da folia. Amarrei ele com os outros, uma fileira enorme que tampava uma folha inteira do dito curral, da banda de fora. Depois era soltar desarreado no pastinho da frente, com a devida licença do dono. O povo dali, se via logo, era gostador dessas coisas, o jeito tão interessante de seguir. A frente

da casa, coalhada de povo e mais gente empoleirada pelas tábuas, em cima do tronco, da seringa, encabeçando os mourões, homens e moleques, no mais.

Os cantadores já na porta, retirando com os versos o último obstáculo, vencidos já todos os para trás nos arcos instalados, bambus e bananeiras, bandeirolas de papel de seda, as cores de muita variedade, o senhor sabe.

Um crioulo alto, pintando o cabelo, uns sessenta já, requintista especial demais da conta, o maior, se não fosse o Agnelo. Ai, o Agnelo! Era lembrar e estragar a festa, uma espécie de vazio, que não sei explicar. Mas quem é que ali nos Nunes não ia se lembrar do Agnelo? Era baixo!... E o crioulo louvou o dono e a casa com toda a sua obrigação, as criações, a boia, que pelo cheiro ia ser muito boa. Os outros foliões respondiam, duetavam, a tala firme, e o dito crioulo emendava por cima e ia lá naquelas alturas com a sua voz de quinta, por riba de todo mundo. Aí eu cutuquei um homem muito respeitoso, com o chapéu apertado no peito, e falei assim pra ele:

— O Agnelo aí, hein?!...

Vai, ele abriu a boca, balançou a cabeça e não respondeu nada com palavras, mas disse muito, que eu pude ver que ele foi lá nesses mundos e não queria mais voltar. Depois, espaçado, da moda que eu fiz, cutucou um outro, compadre seu, decerto, e falou:

— Ele tá falando no Aguinél!...

Então o homem esqueceu do respeito da hora e falou alto, chamando atenção:

— O Aguinél!... Ninguém mais vai ver outro igual!... Que esperança!...

Lá fora a gente notava a correria muita da mulherada, os serventes, a mesa posta, o farturão danado. Era só terminar o terço cantado pelos foliões, aí eles iam comer primeiro, os distintivos de lacinhos vermelhos na camisa, na lapela dos poucos de paletó.

Agora chegaram na Lapinha, o final da cantoria, num quarto da casa. E foram cantando versos muito bonitos, os nomes dos santos nas fulgurações, gente apinhada assim, não cabendo nem um

dedo. Assim mesmo cachorro e meninada achavam jeito de trançar por baixo.

No último verso, encerrando, o crioulo caprichou, mas quando subiu a voz, estalou mudo, o canto continuando, muito mais bonito ainda, todo mundo lembrando. A requinta dobrou, tremeu, subiu na hora de descer, todos nós encantados, meio bobos, o crioulo só assuntando. Foi aí que o dono do pouso pegou uma lamparina da chama bem espevitada que dançava numa hora sagrada daquela, furou o povo, meteu a luz no rumo da janela aberta e ainda pudemos ver a cara virada pra riba do Agnelo, soltando ou recolhendo os últimos sons, as orelhas grossas, o nariz esburacado, a boca deformada. Aí ele abaixou e virou depressa a cabeça, escondendo, puxou as rédeas e balançou tinindo a canequinha de pedinte na cabeça do arreio. Revirou nos cascos e saiu abrindo gente pelo curral afora, ganhando a estrada do mundo, até que para nunca mais, talvez.

## A JARDINEIRA

Mas que *boa-noite* enorme, dona Mariínha, parece até *hibisco!* Onde é que a senhora arranjou?

— Eu sonhei e trouxe lá do sonho.

— E qual o adubo que a senhora usa, dona Mariínha?

— Esterco nenhum.

E era mesmo, terra esturricada, a pior possível. Ali no seu jardim havia flores diferentes, exóticas, exorbitantes, que ninguém tinha, e todos admiravam. Então, era da manhã à noite:

— Mas que beleza, dona Mariínha, onde que a senhora arrumou?

— Eu sonhei e trouxe lá do sonho.

— Posso levar uma muda?

— Pode, mas só que não pega. Tem que ser trazida mesmo lá do lugar que eu sonho.

— E uma flor, a senhora dá?

— Uma flor eu dou, ganhei!... Agora... a muda não vai adiantar.

— Então quero aquela *boa-noite* ali. Não é *olho-de-juriti* que ela chama?

— O formato é o mesmo, mas porém a flor é bem maior. Me falaram o nome dela mas eu esqueci. Sonho é danado de bom pra gente esquecer.

— Mas a senhora, dona Mariínha, vai sempre no mesmo lugar?

— Olha aqui, dona, o lugar parece que é sempre o mesmo: agora o jeito de ir lá é que é diferente. Essa noite mesmo eu fui com o

Carlão em dois carros, diz que uma camioneta e um Volks e ele guia-va os dois no mesmo tempo.

— Guiava ao mesmo tempo, dona Mariínha? Que coisa esqui-sita!... Só sonho mesmo!...

— Pois é, era sonho mesmo. Depois diz que um carro, não me lembro se foi o Volks ou a camioneta, entrou numa lagoa e nós saí-mos do outro lado, e já não era nenhum dos dois mais. Aí diz que nós fomos chegando num lugar esquisito, mas já era de a pé e, então, quando vi, era o mesmo lugar de sempre. Engraçado, não é? Parece, não sei, que o Carlão falou que já morou lá.

— E quem é o Carlão, dona Mariínha?

— É um rapaz grandão, muito forte mesmo e bonito, que apa-rece sempre que eu sonho. De verdade nunca vi ele, não senhora.

— A senhora não tem filho, dona Mariínha?

— Nunca tive, não, senhora. Era pra ter um, mas pus ele fora. Não queria ter filho naquele tempo. Depois não veio mais. Não sei não, atrapalhei a cabeça... Tem hora que até penso que o Carlão do sonho... não sei não; não dou conta de pôr as coisas direito dentro da cabeça.

— Qual é a flor daí que a senhora mais gosta, dona Mariínha?

— Olha, pra bem falar, eu gosto de todas, mas porém o que engraço mais é com os *buquezinhos*, aqueles ali.

— Mas, não são *gerânios*?

— É, eles falam *gerânio*. A senhora não acha que parece até *hortênsia* vermelha? De longe parece, não parece?

— As folhas eu acho um pouco diferentes, a senhora também não acha?

— Sempre demuda *um* pouco.

— E já está aí no jardim a que a senhora trouxe hoje?

— Está ali, olhe ali, mas não deu flor ainda. É com orvalho que a flor nasce. A flor dela parece uma borboletona de muitas cores, que vai demudando, a coisa mais linda!... Amanhã a senhora passa aqui que já tem dela.

E todas as manhãs lá estava ela lidando com as suas novas flo-res, alguém chegando e admirando, fazendo muitas perguntas. Com

uma lata de óleo de litro ela baldeava água da torneira do pátio para os pés das plantas, uma lata cheinha para cada um. Fazia sempre pela manhã. Aconselhavam-na irrigar à tarde, que assim a terra ficaria molhada a noite toda. Que, de manhã, logo vem o sol, esquentava a água, cozinha as raízes. Ela concordava, mas só irrigava de manhã. Afinal de contas, quem é que tinha um jardim bonito como o dela? Aí é que está.

— Do jeitinho que a senhora pega a muda no sonho nasce da mesma flor?

— Tem vez que nasce, de outras vezes não nasce, não. Também demuda muito. Eu, quando fico pensando no tempo que era mocinha, lá em casa, em Goiás, quando é de noite sonho com as flores daquele tempo. Acho um encanto! Mas vai daí eu trago as mudas e nasce tudo diferente, sempre flores muito grandes. Já pensei: se eu fosse com outro, sem ser o Carlão, um mais fraco um pouco, da moda daquele acolá, talvez então as flores viessem do tamanho que eu pensei, mas quando vejo estou sempre com o Carlão. Não sei não...

— E que flores são essas do seu tempo de menina, que a senhora falou?

— Dessas umas aí, que nós falamos já de agora: era *boa-noite*, *buquezinho*, *hortênsia*, que a gente punha tinta no pé da muda e dava da cor que a gente queria. Tinha também *magnólia*, *perpétua*, *Jacinta* dobrada que não tem mais, *beijo* da flor grande e danada de boa pra engraxar sapato, *flor-de-picão*, que era de um amarelo muito bonito... espera aí... deixa ver mais... *cravo-de-defunto*, daquelas *rosinhas* de cacho, das vermelhas, das brancas .

— E *sempre-viva*, não tinha?

— Tinha também!... tinha *girassol*, que vai tocando em redor do sol e a gente ficava catando as sementinhas e comendo. Ói, até hoje eu sinto o gosto. Hoje estão fazendo óleo, não estão? Quando que a gente ia pensar!... Ah, tinha *maravilha*, daquela que dá giz dentro do cartuchinho, tinha *sempre-lustrosa*, *água-de-colônia*, *viúva-regateira*... Outro dia, a senhora querendo, a gente lembra de mais. Eu não falei nem a metade ainda.



— E a senhora não sonha de dia, dona Mariíinha?

— O jardim não dá prazo pra gente dormir de dia, nada.

Encantava conversar com dona Mariíinha, até enfermeiras e médicos ocupados. O seu jardim tomava os fundos do imenso casarão e já invadia o pátio.

Um dia ela adentrou o gabinete do Diretor, reclamando que os floricultores haviam cortado de enxada e foice todas as suas plantas, murchado todas as suas flores, um dó. Ele, muito paciente, prometeu-lhe, com carinho, tomar enérgicas providências para o caso.

## O PREDESTINADO

O SENHOR ESTEJA CONVOSCO.

— ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS.

— CORAÇÕES AO ALTO.

— O NOSSO CORAÇÃO ESTÁ EM DEUS.

Manhã friorenta de abril. Contritamente, celebrava a Santa Missa das cinco horas padre Antônio. Homem forte, de meia idade, as suas bênçãos coletivas eram famosas e atraíam adeptos de qualquer religião. Diziam-se milagrosas as águas bentas durante essas cerimônias. As pessoas o amavam, e ele mantinha um verdadeiro domínio sobre elas. Bom e severo, não atendia em particular. Só pelos Ofícios. A sua igreja, a do Redentor, conhecida apenas como a igreja de Padre Antônio. Os fiéis não eram muitos àquela hora; somente oito ou dez pessoas bem idosas, que gente velha não sente boa a cama de manhã cedo.

— A PAZ DO SENHOR ESTEJA SEMPRE CONVOSCO.

— O AMOR DE CRISTO NOS UNIU.

Após a bênção, ninguém deixou seus lugares, o que deveria acontecer, cotidiano. O caso é que todos estavam possuídos de uma paz inexplicável, a nave clara, clara como nunca estivera. Vieram chegando os outros fiéis, os da missa das seis, uns trinta ou mais. Padre Antônio voltava a celebrar.

— SENHOR, TENDE PIEDADE DE NÓS.

— CRISTO, TENDE PIEDADE DE NÓS.

Finda a missa, ocorreu o mesmo que na anterior: ninguém saiu. Agora o templo já estava com a metade da lotação, pois o número dos frequentadores das sete horas era bem maior. Havia ali um esquecimento de tudo, um bem-estar jamais experimentado. Então padre Antônio notou que o dia não clareara. E já era para estar bem claro, que não estavam ainda em junho. Era fora da época das chuvas e como trovões surdos, ribombando, aproximando-se, o mundo tremia.

“CORDEIRO DE DEUS, QUE TIRAIS OS PECADOS DO MUNDO, TENDE PIEDADE DE NÓS.”

Quase oito horas, a igreja foi se completando, os bancos ocupados, muita gente de pé, uma aflição enorme nos que chegavam, depois o sossego inexplicável. Padre Antônio chegou até a porta principal. Aí o dia surgiu de uma vez. As cores ficaram mais vivas, mais nítidas, as flores abrindo-se todas; as casas, com as suas tintas, parece que pintadas de novo, o povo assustado. Mas ninguém saía da igreja.

— EIS O CORDEIRO DE DEUS, EIS AQUELE QUE TIRA OS PECADOS DO MUNDO.

— SENHOR, EU NÃO SOU DIGNO QUE ENTREIS EM MINHA MORADA, MAS DIZEI UMA PALAVRA E SEREI SALVO!

E, enquanto estava assim, tudo lindo, também ninguém entrava. Não houve missa das nove, mas às dez foi escurecendo novamente, uma bruma que tapava tudo, formando uma cortina asfíxica de chumbo. O povo entrava aflito, uma aflição esquisita que só era contida ali dentro. Então, durante o santo sacrifício daquela missa, surgiu um rebuliço, gente se apertando, milagre-espaço, abrindo lugar para entrar um caixão de defunto, as quatro pessoas carregando, o choro sentido, ansiosos por aquela paz, o único lugar com luz na cidade. Padre An-

tônio benzeu lá do alto mesmo o morto e mandou que se retirassem. Porém não houve quem pegasse as alças. Mas destamparam o caixão e o defunto estava bonito, como se estivesse vivo. A igreja, superlotada, parecia que não, pois todos se acomodavam bem devido àquela luz, aquela paz.

“PROVA DE AMOR MAIOR NÃO HÁ, QUE DOAR A VIDA PELO IRMÃO.”

Padre Antônio também não se cansava de celebrar.

— Meus prezados irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo... Na-quele tempo disse Jesus a seus discípulos...

E os fiéis ajudavam-no, respondendo e cantando hinos tão bonitos como se ensaiados fossem, hinos que não haviam sido escutados antes.

“AMAI-VOS UNS AOS OUTROS COMO EU VOS TENHO AMADO.”

Continuava escuro lá fora, só ali dentro, claro. O povo agora invadia, entrando todo mundo de uma só vez, trazendo um novo cadáver para ser bento. Era uma impaciência, um desassossego da parte de quem entrava, que ninguém entendia nada e nem perguntava ao padre o que estava acontecendo.

“— SANTO! – SANTO! – SANTO!  
— VAMOS TODOS À CASA DE DEUS  
DO DEUS QUE ALEGRA A NOSSA VIDA  
A IGREJA É A IMAGEM DOS CÉUS:  
NÓS SOMOS A FAMÍLIA REUNIDA.”

Quando se foi a tarde, sete horas da noite, não havia saído um só cristão e muita gente querendo entrar, o corredor do centro cheio de caixões, o povo sentado sobre eles, sem sacrilégio algum, inocente.

“— GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS...  
— E PAZ NA TERRA AOS HOMENS POR ELE AMADOS.”

A desinquietação, o alvoroço, lá fora a névoa negra asfixiante. Era treva muito densa, cortina de chumbo tapando o mundo. O rádio e só o rádio, a única comunicação ainda funcionando, anunciava o mistério envolvendo a terra. Tudo escuro no Brasil, um breu na China, na Itália, nos Estados Unidos, na Rússia, no Vietname, o resto do globo. Os óbitos se sucedendo, cemitérios lotados, mortos insepultos, ninguém podendo fazer a caridade. E o povo aflito vendo a luz na igreja, tentando entrar, a massa compacta lá de dentro não cedendo lugar para um dedo, sequer. Foi aí que padre Antônio resolveu sair e carregou com ele um resplendor que clareava tudo em volta. Então a igreja também se escureceu e todos saíram para acompanhá-lo. A praça cheia de caixões, os condutores e acompanhantes desorientados, indo e vindo, tropeçando-se.

“MARAVILHAS, SIM, ALELUIA! O SENHOR FEZ POR NÓS, ALELUIA!”

Ordenou que pegassem os mortos e fossem para o cemitério. E assim a rua da Saudade se encheu, não cabendo mais nada, o padre na frente, os caixões tantos que pareciam toras de serrarias descendo o rio na borbulha. Padre Antônio puxava a reza, o Terço de que muito gostava, e todos o acompanhavam, rezando, mesmo não sabendo.

“PAI NOSSO, QUE ESTAIS NO CÉU, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME, VENHA A NÓS O VOSSO REINO, SEJA FEITA A VOSSA VONTADE...”

“CAMINHEMOS JUNTOS, SENHOR, ATÉ QUE UM DIA POSSAMOS ESTAR SEMPRE JUNTOS A VÓS”.

Com pouco o cemitério já estava quase repleto e ele, sem oficiar ao sr. Prefeito, ordenou que todos fossem enterrados de

pé. Mesmo assim não comportava. Também surgiu um grande problema, que foi a falta de caixões. Então carregavam as carretas-lixeiras da Prefeitura com cadáveres e os vivos foram puxando, fazendo-se de tratores, preenchendo os vãos das sepulturas, o padre junto, alumando.

Mas nem isto. Padre Antônio não podia deixar seus mortos insepultos. À cremação! Ordenou, autoritário. Aplaudiram-no, unânimes. Ninguém se contrariava com as ordens. Aí as carretas eram levadas para a grande cerâmica dos americanos e empilhados os corpos nas vagonetas refratárias do forno-túnel-contínuo, deslizando vagarosamente pelos trilhos, a temperatura aumentando gradativamente até oitocentos graus, saindo cinza pura do outro lado, o vento soprando forte, encarregando-se de espalhar as cinzas pelo mundo, às origens.

O rádio que padre Antônio conduzia no bolso da batina já se calara, concluindo-se que tudo estava perdido. Somente viviam os iluminados pelo seu resplendor. Confusão reinante, todos querendo chegar mais perto. Peregrinação, busca estafante, padre e fiéis recolhendo cadáveres, levando para o forno, os maçaricos a óleo alimetados, alimentando a caloria do túnel. Padre Antônio rezava alto e todos o acompanhavam, quem não sabia rezando assim mesmo, aprendendo sem ver.

— O SOFRIMENTO E A MORTE PARA NÓS JÁ NÃO SÃO MAIS TREVAS, JÁ NÃO SÃO ALGO DO ABSURDO. OS PECADORES RECEBEM O PERDÃO. PARA O MUNDO INTEIRO NASCEU UMA NOVA ESPERANÇA.

— AO NOSSO DEUS E SALVADOR, HONRA E GLÓRIA, POR JESUS RESSUSCITADO, QUE NOS AJUDA CAMINHANDO CONOSCO.

E por onde ele passava, a sua luz exorbitante clareava muito mais que o sol dum dia daqueles do mês de abril, as plantas muito verdes, as flores com as cores acentuadas, todas as tintas aplicadas muito vivas. Fora dela, da luz aureolada, era a névoa escura

que vedava o mundo, que sufocava e matava. E o padre procurando mortos, colhendo mortos, cremando mortos. Possuía resistência para andar dias inteiros, todas noites (se as houvesse), sem parar, pegando, carregando os sucumbidos para o forno crematório. Mas no seu caminho ia deixando os estropiados, que se arrastavam para acompanhá-lo, pisados pelos que ainda caminhavam.

“MUITOS SERÃO CHAMADOS, MAS POUCOS SERÃO OS ESCOLHIDOS.”

Assim, aumentando os mortos, diminuindo os vivos, a luta para a caridade era cada vez mais renhida.

Aí uma legião que vinha bem atrás e que não rezava, fez fileira com padre Antônio e gritava, uníssona, a sua oração:

“PAZ E AMOR! PAZ E AMOR! PAZ E AMOR!”

Padre Antônio abraçou-se com eles e foram caminhando, quase mais ninguém para sepultar, rezando:

“A PAZ! A PAZ! A PAZ!”

Os cabelos longos e sujos, as barbas espessas e mal tratadas, sandálias de couro, esfaceladas, as roupas de muitas cores, grande medalhão com um emblema direcional no centro, as vozes em coro, entoando:

“PAZ E AMOR! PAZ E AMOR! PAZ E AMOR!”

— Pai Nosso, irmãos, a oração que o Pai nos ensinou! Mas padre Antônio rezou sozinho.

Foram se distanciando da companhia dele e entraram no nevoeiro de chumbo, as falas engrolando-se, abafando-se...

“A PAZ! A Paz. a paz...”

Depois de vários dias, sem que ele encontrasse um único vestígio de vida, dirigiu-se para o forno da cerâmica. A vagoneta refratária lá estava à sua espera, que o seu retorno era automático. Do outro lado o vento soprava forte, levando as últimas cinzas, cerrando ainda mais o nevoeiro negro, a cortina da morte. Compreendeu que era o único homem vivo sobre a Terra.

Principiou pelo Pai Nosso, o grosso rosário firme entre os dedos calosos, e adentrou-se pelo túnel incandescente. Não como um suicida comum fugindo da vida, mas como o predestinado serra-fila da Humanidade.



## O INTRUSO MERITÍSSIMO

**N**unca nada calhara tão bem para ele quanto o jipe velho do cunhado e a sua nomeação para Juiz de Direito. O jipe poderia ficar até um mês, enquanto viajasse o dono. Para assumir o cargo faltavam ainda mais de vinte dias, tempo suficiente para uma boa folga, descanso merecido que ele estava à estafa. Abril, 21, sua posse e inauguração do Fórum. A cidade emancipara-se há pouco. Já funcionavam a Prefeitura, a Câmara de Vereadores, o Banco do Estado. Como a elevação a comarca demorara muito, tramitando com morosidade a papelada, todos os processos referentes àquela zona tinham ficado sem julgamento, aguardando a chegada do juiz. Ora, o Dr. Anacleto teria dois grandes problemas com isso: o primeiro, o trabalho de julgar tudo aquilo; segundo, aguentar as partes interessadas, cada qual puxando brasa para sua sardinha. Aproveitaria todo esse tempo disponível para pescar, desligar-se de tudo. Apaixonado pela pesca e caça miúdas, o Rio do Peixe, seu conhecido, pertencia ao Município de sua jurisdição. O negócio: ir para lá, aproveitar o jipe, manter-se incógnito, pescar e caçar. Depois da posse, devolver o carro, levar a família.

Cidade bem desenvolvida na pecuária, agora com o progresso das estradas, crescia também a agricultura, principalmente a cultura do arroz. Beirando oitenta léguas, a Capital. Dr. Anacleto tomou um quarto na Pensão Mineira, nome infalível em qualquer interior. Ele mesmo arrumava a cama. Trancava-o a chave, ao sair. Medo de que alguém bulisse nos seus documentos, visse a nomeação, a mala

dos livros. Saindo bem cedo, com o escuro, voltava à noite. Jantar e recolher-se, a sua própria ordem. Prosear com ninguém; desligar-se, a questão. As varas ficavam escondidas no mato, só trazendo a cartucheira e o produto do dia. Deixava umas pindas e uma linha larga iscadas. O resultado, todo à dona Eliete, dispensando qualquer pagamento. Esporte, descanso intelectual, higiene mental, graças a Deus. Cedo levava o almoço, tudo misturado numa lata de cera Parquetina, fazendo vez de marmitta, a comida bem curtidinha, gostosa. Ali pelas oito ou nove horas da noite tomava seu banho, jantava no quarto.

Como nada passa despercebido, ainda mais numa cidade pequena, faziam-se a seu respeito as mais desencontradas suposições. Um homem de bons modos como aquele não era de ficar enfiado no mato como bicho o dia todo, trancado no quarto sem conversar, conhecer alguém, dar-se a conhecer. Por que trancava o quarto quando saía? Por que levava a chave, contrariando o regulamento da pensão? Comer escondido? Um leproso, seria? Afinal, as autoridades constituídas tinham o direito de saber sobre os forasteiros. Havia dente de coelho no caso. Um criminoso escondendo-se? Cientista estrangeiro espionando nossas jazidas? Agente de um país inimigo? O gerente do Banco achou que não escaparia de um assalto à sua agência. O farmacêutico insistia agora com veemência no seu velho prognóstico sobre as riquezas minerais da região. A barba por fazer, cerrada e negra, um guerrilheiro? O povo conjecturava, as autoridades preocupavam-se, controvérsia. O Cabo batia na tecla do quarto trancado e a chave carregada. Dr. Anacleto pescando e passarinhando no seu muito bom dele. A Pensão Mineira aumentando a freguesia, que o cardápio era na base de matrinxã, piau, pacu, pintado, jaó, inhambu e pomba-do-bando. Até veado e paca. Dona Eliete luxava muito: “Mais um pedacinho de paca, moço?” “Pega o peito da jaó, seu Geraldo”. “O senhor prefere o peixe frito ou ensopado?” “Amanhã tem matrinxã assada inteira, gente!”

Manhãzinha fazia poeira rumo ao Rio do Peixe, uma légua dali, os curiosos com as portas e janelas semicerradas.

Abril, 14. Faltava uma semana para a inauguração do Fórum e a chegada do Juiz. Ele deveria vir pela manhã no avião da FAB, que passava mensalmente, servindo todo o norte do Estado. O prefeito Fortunato Moreira mandara assear um quarto especialmente para hospedá-lo. Era de seu interesse a permanência do magistrado em sua casa a fim de acertar alguns pontos, inclusive as nomeações de um cunhado advogado para Promotor Público e do tio para Delegado. O pai duma mulherzinha que ele andava enrolado com ela queria ser porteiro do Fórum. Deixá-lo a par dos processos a serem julgados, elucidar as partes, a vida esmiuçada de cada um. Ainda, nomear serventes, pessoas amigas e correligionários, para pequenos cargos, cumprindo promessas da campanha. Mas a parte principal de tudo, em caráter de urgência, o caso do intruso, aquele quinta-coluna, decerto.

Coronel Indalécio, ex-chefe político, candidato derrotado, o de mais interesse nos processos, dono das terras por onde o Dr. Anacleto andava, não resistia à ansiedade em conhecê-lo, dizer umas verdades até então camufladas, desmascarar muita gente abelhuda e medida a besta; enfim, oferecer os seus préstimos, em haveres também, se fosse o caso.

O Doutor continuava anônimo, o pescador para uns, o intruso para outros. O Cabo da Polícia comandava o destacamento, ele e dois soldados. Com a chegada do Juiz seria nomeado Delegado, tinha certeza, porque o único bacharel em Direito ali era o tio do Prefeito, mas um rábula desgraçado que a Revolução não ia aceitar, pensamento lá dele. Receava vir um delegado especial porque, como afirmava o farmacêutico, devido às jazidas de minérios o município seria transformado em área de Segurança Nacional.

O Prefeito pediu providências para que protegessem a cidade contra certos elementos considerados perigosos à Segurança. O Cabo, agindo, quis que dona Eliete abrisse o quarto. Ela perguntou-lhe se era bonito aquilo. Que viesse à noite, falasse cara a cara com o hóspede, que o homem não era bicho, não. Estava pagando a conta direitinho. Afinal de contas havia votado no seu Fortunato,

que a respeitassem, exigia. Aí o Cabo puxou para trás e mandou um praça pombear. Este dito praça, sabedor que ele andava armado de espingarda, deu umas voltas lá no mato, sempre em sentido contrário e voltou dizendo não ter visto nem cheiro do homem, a não ser o jipe na beira do rio, sempre no mesmo lugar. Acompanhara o rasto. Talvez fosse mesmo guerrilheiro, preparando o negócio, pois desaparecia como por encanto. Ele, sim, que não era besta para arriscar-se a levar uma chumbada na cara, ganhando a miséria que ganhava. E para justificar a sua infrutifidade detetivesca, saiu inventando o diabo do hóspede de dona Eliete. O Cabo confabulou com o sr. Prefeito a fim de pedirem Força Federal, pois tratava-se de um caso de subversão política; tinha, aliás, não tinha dúvidas, e isto era lá da competência da Polícia Federal. O sr. Fortunato achou, por fim, ser o caso também da competência do Juiz de Direito, que ele estava por chegar e, aí, tudo se elucidaria. Prender o homem e borracha nele, o Juiz rente, arguindo: russo? cubano? Guevara? Marighela? Você conhece o Tarzan de Castro?

Os mais descontraídos, corriam os boatos. Coronel Indalécio chegou a afirmar para alguns que já apalavrara com o Dr. Juiz, na Capital, e que no dia 21 chegaria no avião da FAB, mostrara-lhe até a requisição da passagem com privilégio, sentando em poltrona e não em cima da carga como os outros. Fortunato Moreira achou, por sua vez, que também deveria ir a Goiânia dialogar com o Doutor, mas o 21 estava mesmo aí e precisava preparar a recepção. Seria uma festa à altura da sua administração, aquela administração prometida ao povo nos palanques. Para isto já convidara os catireiros, que tinham trabalhado com muito êxito na sua campanha. Dona Luisinha, diretora do Grupo, encarregada do desfile escolar. A Banda de Música do Libânio, do Peixe, ensaiava já diariamente, que festa sem banda de música nunca que ia ser festa.

Dona Luisinha encarregou o Prof. Geraldo de ensaiar os alunos pelas ruas, com o surdo e os dois tambores. Estava achando difícil a escolha dos garotos que iriam dar as boas-vindas ao Dr. Juiz. Um menino falaria assim:

“Os alunos do Grupo Escolar Municipal de Goialândia desejam as boas-vindas ao sr. Juiz Dr. Anacleto de Moraes, fazendo votos para que Deus o proteja e que faça justiça nesta comunidade. Tenho dito.”

Uma garota, uniformizada como as demais, apenas diferenciada com uma rosa vermelha nos cabelos, deveria entregar-lhe um buquê de rosas amarelas, que significam amizade, dizendo:

“Aceite, Dr. Anacleto de Moraes, esta singela mas sincera homenagem do povo de Goialândia”.

Um problema: o casal de meninos que dava conta do recado era feio, encardido, não tinha calçados. O jeito foi comprar uns tênis pé de anjo e cortar-lhes os cabelos gadanhados. O banquete na Câmara seria com convites especiais, os dois soldados na porta para evitarem *intrusos*.

Hoje, 21 de abril. O dia amanhecera claro. O avião chegaria das 9 às 10 horas, se Deus quisesse. Dr. Anacleto encabulou a proprietária: pediu banho, barbeou-se e vestiu o seu tergalzinho azul-claro. Colocou a nomeação no bolso do paletó e saiu à procura da autoridade competente. As ruas irrigadas estavam com muita gente que demandava à praça da igreja, donde partiria o desfile. Bandeirolas de muitas cores de papel de seda amarradas em cordel por toda a Avenida. Saindo da cidade, até o aeroporto, lá chamado de campo de aviação, também tudo irrigado, os inúmeros arcos de bambus e bananeiras com as folhagens ainda verdes, enfeitadas também com bandeirolas. Mais de duzentos alunos do Grupo, meninos e meninas uniformizados de azul e branco, todos; calçados, alguns. Professor Geraldo tentando colocá-los em fila dupla, o surdo e os tambores já nos seus lugares, adiante. Os catireiros no eterno afina-viola, a ensaiar as modas de homenagens selecionadas, os recortados, dentro do bar. A Banda de Música, com os pausinhos acertados, aguardava

a sua posição no desfile. Dr. Anacleto, fã número 1 de catira, às vezes fazia parte nas rodadas de cachaça que eram oferecidas aos violeiros, pagando algumas também .

Deu ordens, o Prefeito, para que se formasse o cortejo. Arre-medo de fanfarra na vanguarda, no plan-plan-rata-plan, o Grupo Escolar perfilado, atrás. Imediatamente as quatro alunas mais ajeitadinhas, uniformes novos, segurando as fitas vermelhas que formavam o quadro das autoridades, o sr. Prefeito e senhora, a diretora do Grupo, seu Vigário, todos de dentro, o Prefeito só faltando a coroa na cabeça para parecer com o Imperador na festa do Divino. Em seguida a Banda do Libânio tocando Brasília-21 de Abril. Depois, os dez catireiros, dois violeiros à frente, formando duas auréolas, lá na linguagem deles. Daí para trás, o povo entusiasmado, ninguém sabendo bem o motivo da passeata. Sabia que era feriado, dia de festa. Afinal, iria ver avião, o que já era alguma coisa.

O Prefeito mandou o Cabo vigiar o intruso. Que pegasse voluntários e formasse um contingente de segurança pessoal para o Juiz. Teria chegado a hora de atacar, será? Que ficasse de olho. O Cabo ia e vinha, trazendo notícias sobre o seu comportamento. Achava que não tinha nada não, pois o homem se divertia com os catireiros e chupava umas pinguinhas muito folgado. Fortunato, vivo, mandou que chegassem cachaça no lazarento e assuntasse bem o que ele dizia. Nada como cachaça para abrir o bico do freguês.

Dr. Anacleto ficava ora junto à Banda, ora com os violeiros, porque assim que cessava o toque, o outro começava. Havia hora que a Banda repetia duas ou três vezes a mesma parte e o Manezinho dos catireiros ficava nervoso, tirando-lhe a chance de aparecer mais. Depois vinha com as suas modas infundáveis, repetindo os recortados tantas vezes quantas evoluções faziam, irritando também o seu Libânio pelas mesmas razões. Bem na dianteira, na cabeça, rata-plan-plan-plan, Prof. Geraldo briquitando para pôr a turma no passo certo. Os da catira, assim que chegavam a casa de gente conhecida, sempre o recortado em alusão às pessoas, às moças bonitas nas janelas. Isso quando a Banda estava tocando, para não perder tempo.

Dr. Anacleto vibrava, entusiasmado, aceitando de vez em quando um golezinho. E lá vai lentamente a massa, agora espichando, depois encolhendo, os estudantes a marcarem passo na cadência custosa dos tambores. Dentro do quadro de fitas, os dois pares conversavam animados, o Governador da cidade à frente com o Vigário e as duas senhoras de braços dados, atrás.

Dr. Anacleto achava que iriam para a casa do Imperador, onde tudo é farto, como em Pirenópolis. Lá entregaria o documento. Mas o cortejo entrou pelo campo afora, indo aglomerar-se numa área limpa, o pátio de desembarque. Algum convidado especial chegaria para as homenagens a Tiradentes, pensou. Os meninos receberam o debandar, os músicos procurando umas sombras poucas debaixo duns paus-terra e pequizeiros, para os instrumentos. Um balde, descendo e subindo continuado numa cisterna, que o sol estava quente e a sede era muita. Prefeito Fortunato arranjava sempre uma desculpa e, de lado, puxava o papel escrito do bolso e dava uma lembradinha. O mesmo fazia dona Luisinha, isolada com os dois garotos, pedindo para repetirem as frases previamente decoradas. A menininha foi saber dela se era para recitar “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...”, e dona Luisinha ralhou, dizendo que já falara mais de não sei quantas vezes que era na hora do, banquete, lá na, Câmara, onde o pai dela era vereador. Os violeiros não paravam; cada um querendo apresentar modas de sua autoria. O Juiz estava entretido com eles, pedindo para cantar uma moda assim, aquela que falava na história de dois canarinhos, moda lá de Bela Vista, capaz.

Dez horas daquela manhã de abril, o céu azul sem nuvens, sol pondo tudo para tremer à distância. De vez em quando aquela expectativa ao ouvirem um ruído parecido com motor de avião. Mas não era o DC-3. As pessoas mais representativas olhavam com desconfiança o *intruso*, o tal guerrilheiro ou assaltante de bancos. Que estaria fazendo ali? E o perigo de vida do dr. Juiz? O Prefeito confortava-os dizendo das providências que tomara.

Quase meio-dia, alguém divisou uma cruzinha lá no horizonte e o vento, trazendo o barulho dos motores, anunciou a grande descoberta:

— Evém! Evém! Ói ele acolá!

Uma correria. Alguns meninos calçavam os tênis, os adultos penteando os cabelos empoeirados, Prof. Geraldo, afobado, a recompor os alunos, dona Luisinha preparando seus pequenos intelectuais. Fogueteiro Quinzinho queria saber se já era hora de meter fogo no trem. Fortunato, aproveitando a confusão, deu mais uma olhada no papel. Seu Vigário sorria bondoso, alheio. O Douglas deu aquela volta, mostrando que ia descer mesmo, e embicou na pista. Aterrissou e veio balançando, soprando poeira para trás. Rabeou. Assim que se desligaram os motores, as autoridades aproximaram-se, dona. Luisinha com as crianças, o buquê de rosas murchas e cheias de poeira, a Banda soprando sofregamente a Canção do Soldado. O momento, de extrema expectativa. Os fregueses da farmácia do Custódio (homem de muitas luzes) esperavam apear um Juiz togado, a beca confeccionada em Paris. Talvez um senhor muito sério, a balança da Justiça na mão, a Bíblia na outra. Outros conheciam os juízes dos filmes de caubóis e pensavam numa pessoa daquele jeito. Desceram militares de verde e cinza, alguns nortistas vestidos espalhafatosamente, todos em trânsito. O homem esperado não descia. Fortunato Moreira foi saber e ficou decepcionado:

— Ele não veio!... – disse desapontado para o padre.

— Uai, então não veio?!

— Não veio não!

— Mas que coisa!...

*Aí foi aquela desordem, todos indagando do Prefeito o que poderia ter acontecido, aglomerando-se em redor. Depois foram dispersando-se, os meninos arrancando os tênis, os músicos guardando nos bolsos os bocais dos instrumentos. As rosas amarelas do buquê, despetaladas, a espetar a garotinha. Jogou fora.*

Dr. Anacleto ouviu de muitas bocas que o Dr. Juiz não havia chegado. Levou um susto, pois deu com a coisa. Então aquilo tudo



era para esperá-lo? E agora, José? Fez-se de besta, que o jeito era esse, e perguntou ao Prefeito que, precavido, não lhe deu resposta, olhando-o com raiva, repreendendo o Cabo:

— Mas quem é afinal que estão esperando?

Aí o Vigário respondeu para ele, com bondade:

— Era o Juiz de Direito que teria de vir e não veio.

— Ora, ora, mas como é que não falaram antes?

— E o que ia resolver? – perguntou o Prefeito, desconfiado.

— Resolveria tudo! O Juiz sou eu! Aqui está a minha nomeação!...

Prefeito Fortunato pegou o documento ainda com desconfiança. Ficou emocionado ao ver o timbre do Tribunal de Justiça, corou, tremeu um pouco. E agora, José? Junto estava a carteira de identidade do Doutor. Conferiu a cara. Empurrou, nervoso, os membros do Contingente de Segurança e pôs-se eufórico, gritando, meio mundo assustando:

— Gente, aqui está o Dr. Juiz! – e logo, mais calmo: – Mas que surpresa, doutor!...

Novamente a correria, todos querendo ver o Juiz, Prof. Geraldo e dona Luisinha lutando para tricomparem os alunos, estes decepcionados pela figura do Juiz, pois julgavam-no um atleta, um campeão da Seleção Brasileira de Futebol.

Agora o cortejo voltava com dr. Anacleto dentro do quadro de fitas. O Prefeito, muito desajeitado, sorrindo e fechando a cara ao mesmo tempo. Os catireiros adiantaram-se, emparelhando-se com as autoridades, uma satisfação muito aparente e rasgaram um recortado bem ritmado e sapateados com versos do Marreco:

Esperemos o avião  
e o Juiz não veio não.  
Esse mundo tá virando,  
veja só como é que é:  
muié tá virando homem,  
homem tá virando muié.  
Mas o povo tá feliz,  
pescador virou Juiz.

## O GAVIÃO E O URUBU

**É** velha, mas vá lá, mais esta vez.

Havia numa árvore muito alta e seca, no meio do pasto, um gavião e um urubu. A manhã estava linda com aquele sol quentinho do mês de abril, gostoso. As aves no quenta-sol. Quando vai daí, uma delas, o Gavião, puxou conversa:

— O dia apenas começou e eu já estou com uma fome danada. Quero que o meu sangue se esquite bem para que eu possa ser bastante veloz e abater, facilmente, minha presa.

— E... eu também – disse o Urubu – terei que dar uma espiadela por aí, para ver se consigo alguma carniça, porque quando a gente come cedo tem todo o dia para voar, planar completamente despreocupado.

O Gavião grasnou, irônico:

— Credo! Carniça!... Carne morta, fria?! Comigo é só na carne verde, da hora, quente, bem quente. Quem come carniça é sempre desprezível.

— Ponto de vista, amigo. Deus fez o mundo e nos criou todos de acordo: o amigo é veloz, tem asas em aerodinâmica, por isso aprecia a presa quente e pode manter esse luxo. Quanto a mim, tenho o voo moroso e morreria de fome se tivesse de caçar. Posso, no entanto, mais tino de observação e um faro invejável até aos próprios cães. Como carne fria e não cometo o pecado de matar. Vivo do que os outros matam. Sou necrófago (aí o Urubu abriu um pouco as asas, arribou a cabeça, pegou ares de importância e continuou vernaculista, procurando aplausos), sou necrófago, repito,

uma espécie de agente fúnebre e faxineiro da Prefeitura. Não vê que até a minha plumagem se assemelha a uma vestimenta de luto? Sou necrólatra e também necrópole...

— Virgem! Que xaropada! Quanta coisa logo de manhã! Só sei que a vida anda difícil, caçando, quanto mais achar pronto, morto, frio, fedido!... Estou somente à espera de uma rolinha. Veja como escolho até o que comer. Se não comê-la toda deixarei o resto esfriar para você, mas... acho que isso não vai acontecer, pois uma rolinha não é grande e a minha fome é voraz.

— Não é preciso, amigo Gavião, eu sempre encontro o que comer. Não se preocupe comigo, não.

Eis que passa rápido, em linha reta, uma bonita rola. O Gavião disse:

— Não posso perder tempo. Tiau! Lá vou eu!...

E o danado largou-se ainda mais rápido que a rolinha. O Urubu ficou no alto do jatobá, assuntando a cena. O Gavião perseguia com astúcia o passarinho que, para defender-se, fazia inúmeros zigzagues. Voam daqui, voam dali, torcem de cá, torcem de lá, e o Urubu firme no galho do pé de jatobá, apreciando. A pomba-rola, astuta, atirou-se como único meio de salvar-se a um emaranhado de taquaras, e saiu do outro lado ilesa, voando. O Gavião, bem maior, ficou preso e gravemente ferido. Aí então o Urubu bateu asas e sobrevoou o taquaral.

— Tira-me daqui, amigo Urubu – implorou o pobre moribundo.

O Urubu sentou-se bem perto, num galho, e limitou-se a não dizer nada. Ficou urubusservando.

— Pelo Santo amor que tem em Deus, livra-me destes espinhos que me matam!... Não fica aí parado, pensando, acode-me, amigo!...

— Eu estou pensando mesmo, meu caro amigo. Estou lembrando a nossa conversa na árvore d'indagorinha. De fato presa está bem difícil mesmo, mas acontece que estou garantido por hoje. Vou dar meu voo de despreocupação por aí, pelo céu, e depois eu volto. Enquanto isso, esfria, meu caro Gavião!...

## O CRUCIFICADO

É o homem, mãe?...

— Que homem, menino, não tá vendo que é uivo de lobo?

Olhos parados, narizinho trêmulo, o menino ficou na expectativa de novo gemido, medroso. O marido picando fumo, a palha entre os dedos, Tiana reclamou:

— Eta mundo danado de enganoso, gente!... – foi para a cozinha inventar serviço.

Daniel terminou o cigarro e puxava fumaça, revirando o palheiro na boca, ajeitando a brasa, o reparo do feitio. Somente quietava a espigar vago, quando o crucificado gemia, pedindo água, na imploração.

— Passa já dormir, menino! – ordenou o pai.

Tiana veio com uma cuia:

— Aqui parece que não tem homem nessa corrutela! Eu vou levar água pro desinfeliz.

— Tu vai é criar caso com compadre Absalão...

— Compadre... até nem sei adonde que você tava com a cabeça de dar o menino praquela herege batizar!...

— Você não sabe arrumar jeito de viver não, mulher?

“Água!... um’água pelo amor de Deus!..”

Houve uma tréguia, o silêncio dentro da casa. Tiana tremeu o corpo:

— Eu levo!...

— Se fosse você não ia. O bandido tá pagando, mereceu.

Um vento de chuva entrou pelas cachorras do telhado, resolvendo o problema do casal. Daniel abriu a janela e viu relâmpagos

longe, escutou ribombos surdos, trovoadas. Novamente implorando o homem no pasto.

— Agora mesmo ele bebe: chuva já, já tá aí – informou Daniel, aliviado.

— Só mesmo Deus pra ter dó e acudir a judiação do mundo.

Despejou a cuia no pote. O menino foi dormir, que morria de medo de trovões.

Homem aparentemente bom, manso e justiceiro, o Coronel Absalão, chefe político que dirigia a corrutela. Fazia às vezes de Juiz, Delegado, Padre e Advogado. Julgava, porque resolvia e determinava problemas. Padre, também, pois era o confessor do populacho. Advogado das causas, lia e escrevia cartas alheias.

Desacatando sua autoridade aparecia algum bagunceiro de fora, pondo janelas e portas pra fechar. Bom nos conselhos, reparador na base da boa educação, dava jeito em muitos deles. Agora, se o fulano fosse teimoso era hora do Barreto ou Barretense, conforme, entrar em cena. Mulato magro e de meia estatura, manquitola e analfabeto, esse Barreto. Lia satisfeito as ordens nos olhos do patrão. Quando o indivíduo vinha montado, tirava-lhe as armas, amarrava-o muito bem atravessado na sela, levantava o rabo do animal e tacava malagueta curtida no óleo bem lá nas vergonhas do bicho. Era uma disparada divertida, todo mundo achando bom. Seria desatado e livre bem longe dali, que naquela vizinhança ninguém tinha coragem e nem pretendia desobedecer o Coronel. Se o arruaceiro não tivesse o seu de-montar, aí o caso era de crucificação. Numa canga, os pulsos presos às furas dos canzis pelas brochas, os pés atados ao cambão pelo tamoeiro, na fura da chavelha, carregado e largado no pasto, a cem braços do córrego d'água, depois de ingerir meio litro de salmoura bem forte. Uma sede dos trezentos!

O pau-d'arco da praça servia para pernoite de cabra mais manso, amarrado enquanto o efeito da cachaça durasse.

Na Aparecida, quadra de festa. Três missas no programa de domingo. De Bela Vista, o padre. Época de casamentos, batizados e bênçãos. Mesa posta diária para os compadres, afilhados e correligionários. A venda, estocada de-um-tudo, sortindo a roceirama, prazo de safra. Dona Bárbara, primeira dama, ultimando na máquina de costura, enxovais. As mulheres na igreja, as crianças trançando, os homens nas vendas, a cachaça subindo.

Com o pé esquerdo levantara Zé Constâncio, lá das Grimpas. Rumara para a festa. Começou picando a bestona queimada, marcha de muito agrado da moçada, indo e vindo, varando ruas, cortando o largo. Filete branco na aba larga do chapéu preto, lenço também preto de bolinhas brancas, ao pescoço, uma cabeça de boi feita de chifre, o nó. Camisa xadrezona, a guaiaca amarela jogando bem com a calça de algodão grosso, da cor ganga, tecida e cozida pela mãe, a velha Constância. As esporas de rosetas pequenas e pontas aguçadas nas mateiras encardidas.

Deixar as armas na guarda do Coronel Absalão, o costume, mas ele disse que não, que era responsável pelos seus atos, sempre fora. Também andar sem o revólver, para ele, o mesmo que estar nu. Sendo agregado do Coronel Placidino Vieira, tinha dinheiro pra pagar e gostava de escolher o lugar de comer, foi o que respondeu ao Coronel, que mandara chamá-lo para almoçar, uns conselhozinhos de sobremesa, sabia.

Experimentando umas e outras já havia bebericado em quase todos os botecos. Apareceria por lá para provar a pinga do Coronel, mais tarde. Que esperasse, se quisesse.

Absalão gostava de testemunhas. Esparramava dizeres, dava ênfase. Chegavam ofegantes, os enredeiros. Zé Constâncio galopava no meio do povo. Agora fazia cavalhada. Corria ao redor da igreja, dava um tiro em cada esquina, batia o sino à bala. Recolhiam-se as pessoas sensatas, portas e janelas nas trancas. Os de fora se ajuntando, pegando os pertences, arreando os animais, diluindo-se.

Barraqueiros também obedecendo ao toque de retirada do bagunceiro. Fim de festa.

O candidato à canga do Coronel baixou na casinha do João Mocó, vindo de pouco, também das Grimpas. Entrou de pontapé na porta da frente, Mocó fugindo pelos fundos. Garrou de abraços com Raimundinha, ela querendo, forçada, seu velho rabicho. Com pouco, os dois pela rua. Raimundinha na garupa, mão atarracada, uma, a outra escondendo a cara de vergonha muita, será? Zé Constâncio quis entrar na igreja, cavalo e garupa, mas o padre fez plantão, olhinhos brilhando, lábios tecendo reza, o animal afastando por si, mastigando freio. Zé deu de rédeas, arredou. Foi lá, veio cá, sapecou dois tiros no chão, voltou, atirou pra trás, tiniu o sino, fez o diabo. Depois, na venda, deu pinga pra moça no bico da garrafa e entornou metade, goela abaixo, isso sem apear, pedindo, exigindo, intimando pressa. A mula a sapatear na calçada do Coronel, ele de coronhadas nas portas fechadas, gritando, sem palavras. Que fossem para casa, iria passar café, deixasse daquilo, Raimundinha pedia. Cabeça quente, a pinga nos cornos, o homem era surdo. Pegou distância, cacos de telhas voaram no baque do trinta, a cumeeira do velho Absalão. As mulheres choravam, tremiam, os homens apreensivos, as crianças achando bom. Tudo fechado, o povoado morto, acabou-se a graça. Mocó, rabo nas pernas, bebia café no rabo do fogão, na cozinha do Coronel. Também Zé Constâncio bebia café, café do Mocó, na cama do Mocó.

— Eta mundo danado de enganoso, gente!... Será que não tem homem nessa corrutela?!

— O compadre Absalão sabe o que faz, Tiana...

—Esse nosso compadre é um molenga. Aqui tá precisando é das mulheres vestir calça, isso sim!...

— Falar é fácil.

— Eu queria ser homem só pra você ver uma coisa. O desgraçado não passava do segundo tiro, ah, isso não passava não!...

Portas e janelas lacradas, Tiana lavava o arroz na cuia, preparava o de-comer. A mortalha entre os dedos, Daniel picava fumo, inzoneiro. Quanto mais demorasse, melhor. Era a distração. Punha

plena confiança no seu compadre, o Coronel Absalão de Souza. O Zico, molecote de doze anos, pelevava pela fresta da janela pra divisar algum trem lá fora, na tarde que morria.

Zé Constâncio, dia seguinte, mandou Raimundinha ir lá na loja do Coronel comprar uma caixa de balas 38. Absalão disse-lhe que não tinha balas.

— Aí, quanta!...

— Essas são do gasto, minha filha, não são pra vender.

— Não sei não. O revólver dele ainda tá cheio, mas ele pode querer vim até aqui buscar.

— Pois diga que as portas estão abertas. Até acho bom, que quero dar uns conselhos pra ele, que está precisando muito. Fala que eu pedi pra dar um pulinho aqui. Com a ideia fresca a gente vai poder conversar melhor.

Pois o senhor não acredita que o danado recebeu o recado e foi mesmo?! Acontece que a casa era bem retirada e ele, pra chegar, quebrou várias vezes a munheca pelas vendolas muitas. Já chegou no rompante, agravando sem cumprimentar. O Coronel, homem tão bom que era, não gostou do agravo.

— Tou acostumado é mandar buscar e trazer. O senhor tá me enfezando muito, homem, e eu não gosto disso! Se o meu dinheiro for pouco, manda a conta pro meu patrão, que o senhor sabe quem é, que muito bem conhece – e jogou um bolo de notas amarrotadas no balcão. O lojeiro, prudente, guardara o estoque de munições.

— Eu não tenho balas pra vender, meu amigo... O senhor tenha paciência, descanse um pouco, faz um bom sono e segue caminho, Deixa a gente aqui em paz. Isso fica feio pro senhor mais o seu patrão, o Coronel Placidino, que é um homem de bem, muito meu amigo.

— Falou bonito, seu Abre Salão, mas acontece que eu não sou pé de cruzeiro pra escutar o seu chorete. O senhor me passa a caixa de balas, ou vai arrepender demais da conta.

Barreto deu um passo adiante, a mão no ferro. Absalão imobilizou-o com um olhar. Zé Constâncio mandou um pontapé no



balcão e chamou o capanga pra fora, saindo. O Coronel segurou Barreto pelo ombro, falando baixo, enérgico:

— Você está doido, Barreto? Vão pensar que eu mandei chamar o homem pra matar aqui dentro da minha casa! Depois a gente acerta o passo dele, dá um custeio bom no bicho. Deixa estar, por enquanto.

— Desaforo demais da conta, patrão!

— Deixa estar.

O bagunceiro foi lá de fora e lascou toda a carga da arma na parede e na calçada.

— Achou ruim, seu um?!

— Demais da conta, excomungado! Barretense! ! Pega o homem, filho de Deus!

Nisto, um guardado especial de meia dúzia de homens afeiçoados, saiu de dentro de casa, passando pela venda.

Num piscar de olhos Barretense-velho-de-guerra acertara o bandido e já estava com ele pelo chão, quando os outros ajudaram a amarrá-lo.

— Ô João Mocó, vem correndo aqui, menino! – gritou o Coronel.

O homem veio medroso, desconfiado, passos incertos, consultando os lados.

— Vai lá na sua casa e traz a besta do miserento! Barreto, traz você a canga! Deixa lá os canzís.

Enquanto os tentos de couro cru eram atados à munheca do desgraçado e o tamoeiro ia enleando os tornozelos na ponta do cambão, João Mocó chegava com a mula.

— Olha aqui, pessoal – disse o Coronel, especialmente à rua cheia –, depois que a besta arrastar o estafermo pro pasto, o João Mocó vai ficar com ela mais os arreios que é pra pagar o aluguel, quer dizer, a humilhação que sofreu desse bandido!

João Mocó foi puxando o animal e o crucificado, desfalecido.

Aí Barretense consultou, alto:

— É pra dar a salmoura aqui mesmo, patrão?

— De agora em diante é por sua conta! O que fizer tá muito bem feito!

De volta, quando Mocó passou na venda, segurando a besta, alguém troçou:

— Só assim pra você possuir um-de-montar, hein João?

Como previra Daniel, a chuva viera em pouco prazo.

Era Deus quem vinha dar de beber ao judiado. Tentando chegar ao córrego, já havia aprontado um amassador enorme no capim, mas não conseguira mais que esfregar-se pelo chão, as soqueiras arrancadas.

Houve uma calma geral em todos os lares. Somente Tiana ficava conjeturando: “Amarrado até poderia morrer afogado, chuva daquele tanto...”. Daniel dizia que a chuva fora forte, mas que não deu pra tanto. Na cama, Tiana procurava distinguir, separar os gemidos do homem do barulho dos trovões, mas só ouvia trovões. Nessa atenção, adormeceu.

O temporal cessara. Daniel abriu a janela e ficou espiando a madrugada. Trovões longínquos ribombavam, tremendo tudo, balançando as nuvens, peneirando água no chererém. No acende e apaga, querendo a noite ser dia, clarões batidos de cima abaixo recortam nuvens formando imagens imaginosas, ora um gigante, ora uma barco enorme, um imenso rabo de galo, figuras a discernir. O céu, uma constante solda elétrica, soldando, tentando consertar o mundo.

## MINIRROMANCE

**E**ra um desses amores violentos em que um não faz nada sem o outro, ambos a mesma sombra. Também duas pessoas orgulhosas de seus atos, intransigentes nas suas opiniões. Gênios explosivos, viviam numa eterna briga. Lindas e perfeitas criaturas para o amor.

Separaram-se os noivos. Ele fora transferido por indeterminado tempo, missão comercial. Voltaria para o casamento, mas não sem receber antes uma carta conciliadora dela, que na briga de despedida jurara não lhe escrever uma só linha. Ele também não, estava dito, mas se recebesse uma carta voltaria mais rápido que a resposta pelo correio.

Passaram-se semanas, meses, um ano. Ninguém se pronunciava. Apenas os corações... Assim que chegara, a firma, aliás, a filha do presidente presenteara-lhe com duas assinaturas: uma do *Santuário de Aparecida* e outra da *Família Cristã*, números que recebia e arquivava sem ler.

Dois anos depois, apenas notícias por terceiros: tinham visto fulana, haviam visto beltrano, ambos solteiros. Nem recados, ao menos. O povo, antes implicante, incomodado, agora acomodado.

Três anos. Ela, desiludida, beata, geniosa, rezadeira, devota Filha de Maria, coroa-cinza, que a brasa do amor esfriara há tempo, ida a esperança. Ele, o genro do Presidente da firma, próspero, bem-ca-

sado, feliz. Feliz?! Uma garotinha de um ano, saudável e traquinas, com exagero de inteligência, como são agora quase todas as crianças. Por que o nome de Marilda na filhinha? Se alguém estivesse dentro dele poderia notar o que lhe ia pelo íntimo, a esposa fazendo de vez.

As coleções formavam duas grandes pilhas, uma do *Santuário de Aparecida*, outra da *Família Cristã*, que ainda continuava recebendo, a mulher lendo todos os números. Só os dele, do tempo de solteiro, intactos como os recebera das mãos do carteiro.

Mais quatro anos. Marildinha, recortando revista para trabalhos escolares, entregou ao pai uma carta fechada, a ele endereçada, que achara dentro de uma das primeiras *Família Cristã*, lapso do carteiro, o certo. A garotinha achou engraçado, ficou curiosa ao ver o seu nome nas costas do envelope.

Reacenderia ele, das cinzas, brasas quase mortas? Não teve coragem de abri-la. Para o fogo vivo, que destrói tudo. Depois, o vento que carrega as cinzas.

## JABUTICABAS

“**T**odas as coisas têm seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu segundo o termo que a cada uma foi prescrito. Há tempo de nascer, e tempo de morrer. Há tempo de guerra e tempo de paz.” Assim diz o Eclesiastes. Tudo tem o seu tempo, mas tempo bom mesmo é o de jabuticabas.

Sr. Haroldo, de profissão advogado, por isso Dr. Haroldo, comprou uma chácara, ou melhor, um sitiozinho, na estrada de Bela Vista. Bela Vista já é sinônimo de jabuticabas. A compra dessa propriedade lhe acarretou dois imensos prazeres, um há muito dormindo lá com ele. O de possuir uma terra perto da cidade, onde pudesse ir quase todos os dias, cuidar das plantas, das criações. O outro, não esperava, foi a aquisição de muitos amigos importantes.

Comprou livros técnicos e ocupou-se. Dividiu e bateu pastos. Adquiriu gado. Fez rodízios de pastagens segundo inovações pecuárias. Semeou jaraguá nas baixadas de cultura e meloso cabelo-de-negro no cerrado. Carpiu o jabuticabal e reformou uma calçada comprida, tal qual uma passarela de cimento, que ia dos fundos da casa às jabuticabeiras. Tudo com muito gosto, muita técnica aprendida nos livros, ele de cima de tudo. Amanhecia lá e vinha almoçar em casa. Muitas e muitas vezes voltava ao sítio, à tarde, regressando já bem noite, satisfeíssimo da vida. O seu trabalho profissional desenvolvia melhor, mais inspirado, a saúde rachando no seu corpo queimado de sol, regado de leite de pojo pelas manhãs, frutas comidas ali nos pés. A felicidade é assim, esta uma das várias formas. Dr. Haroldo estava na dele. Até aquele

nervosismo surgido ultimamente, perdendo sempre a paciência com os auxiliares e mesmo com os clientes, desaparecera.

As cascas das jabuticabeiras começaram a arrebentar e ele sabia que a floração estava próxima, alguns dias mais. Cuidou de passar canais do rego d'água entre as fruteiras. Vieram as flores. Anunciou para a família, os parentes e os amigos íntimos, que dali a um mês as frutas estariam maduras. E fez-se o verbo. Pão-duro, que foi, comprava com uma satisfação incontida trenheira nos supermercados para receber os convidados.

Comparava, mostrava, explicando tudo, como era antes, como ficou agora, serviços da sua cachola e dos seus braços, os mais. Sabiam lá o que são trezentas jabuticabeiras? Será que alguém teria tantas assim? Duvidavam. Era o seu orgulho.

Num sábado cedo, manual na mão, podando as roseiras da frente da sede, chinelos metidos nas meias presas por ligas, parou o serviço e ficou olhando curioso um Galaxie reluzente, meandrando. Quem seria? O carro parou e um senhor vestido à esporte desceu risonho, cumprimentando-o como se há muito se conhecessem. A senhora jovem e bonita apertou-lhe a mão com bastante força e foi casa adentro até a cozinha, recebida surpreendentemente por dona Elba. Um dos filhos, molecote duns 14 anos, abriu o porta-malas e distribuiu latas, cestos e sacolas às outras crianças e a duas morenas-fechadas, empregadas, decerto. Foram passarela abaixo, rumo às jabuticabeiras. Com pouco os homens já estavam também pela cozinha, dona Elba afobada, passando um cafezinho, ligeirinha. O homem era gerente de Banco, a mulher, professora de cursinho pré-universitário, Dr. Haroldo se desculpando, se desmanchando em gentilezas. Tomado o café, pediram licença e foram para as fruteiras. O proprietário não os pôde acompanhar porque aportara um Mercedes 220 SS, gelo, os metais refletindo o sol, ofuscando. Tudo se repetiu. O carro nem parou e as crianças e empregadas e mais amigos se embrenharam pomar adentro, uns mal apenas podendo carregar as latas vazias, a mãe recomendando cuida-

do, com aquele carinho tão próprio das senhoras elegantes. Era um doutor médico, pediatra, que ficou pesaroso em saber que eles não tinham filhos pequenos, porque o prazer era servir, *et cetera* e tal. Dona Elba trocava ideias com a esposa do médico sobre a educação sexual dos filhos. A professora dissera-lhe francamente que qualquer problema na Universidade com o rapaz ou com a moça, que a procurasse, davam-se muito bem, ela e o Reitor, não se fizessem de rogados. O negócio começou a virar uma maravilha.

Nesse dia recebeu visitas em nove carros, pessoas importantes, profissionais liberais, sendo alguns colegas seus de profissão, altos comerciantes, secretários do Governo, todos oferecendo seus préstimos, era só precisar, que os procurasse. Dr. Haroldo estava radiante. Convidou-os para que voltassem. Que viessem também durante a semana, pela tarde, que ele estaria lá, que aproveitassem bem as frutas, pois jabuticabas são efêmeras.

O caseiro encarregado, que continuou no emprego, disse-lhe que o patrão anterior vendia frutas por seu intermédio, rachando o dinheiro entre eles e que se esquecera de dizer, mas esperava que não houvesse oposição.

— Mas eu não tenho coragem de vender... tenho muitos amigos, como você está vendo...

— Mas doutor!... é fruta demais da conta!... quem é que vai dar conta? Pra quem for seu amigo o senhor dá, pra quem não for, eu vendo.

— Não sei não...

— Tem uma porção de gente aí esperando, tudo gente já freguês daqui de todos anos.

— E o preço?

— Mil réis por cabeça pra chupar no pé, dez por quarta pra levar... tou acostumado, doutor. A gente separa um talhão, uns cem pés do lado de cá, o resto o senhor dá.

Dr. Haroldo confiava o queixo raspado e sorriu com o resultado calculado de repente, na cabeça, economista que era. Não havia pensado nisso. A renda daria para custear o peão e...

— Mas tem uma coisa, seu Francisco!...

— Sim, senhor.

— O senhor vai vendendo, vai apurando o dinheiro, nós acertaremos todos os dias, mas se por acaso as frutas não derem para os meus amigos, a gente para com a venda, tá certo?

— Isso é como lá diz, o senhor é o dono, o senhor é quem manda.

As novas aquisições de amizades foram se sucedendo durante a temporada. O gerente do Banco da Reserva se oferecia, o do Banco Financeiro Agrícola se oferecia, todos se ofereciam, que fosse lá fazer um empréstimo, juro baratinho, bobaginha de nada. Outros que não eram de Bancos e que estavam perto, se ofereciam para um avalzinho, que não se vexasse não, amigo era pra essas coisas. Muitos comerciantes pediram o seu cartão, que sempre tinham serviços advocatícios. Ficavam admirados em ver lá que era também economista. Teve alguém do Governo que lhe garantiu que assim que surgisse uma oportunidade, galgaria à Procuradoria do Estado. O principal era ele já ser do mesmo partido. Que tivesse um pouco de paciência. Agradecia, que se precisasse sairia por lá,

O Dr. Haroldo era auditor de diversas firmas importantes, sempre convocado para síndico e perito em concordatas e falências, suas especialidades. Agora, com as jabuticabas, a coisa melhoraria, escolheria as causas. De situação financeira tranquila, muito controlado, a chácara fora recebida em acerto de honorários. Jamais pensou em fazer um empréstimo bancário, pagar juros, pedir favores, jogo que via no que dava, concordatas, depois falências, ele contratado, como tem acontecido.

As jabuticabas acabaram-se. Alguns iam lá perdendo viagem, saíam resmungando, ele muito vivo, notando. Com mais alguns dias tudo voltou ao ritmo antigo, os parentes, os amigos íntimos, só eles. Ninguém o procurou em casa, na cidade, visitas prometidas inúmeras vezes. Ele, que não bebia, mantinha a cristaleira com diversas marcas de uísques importados. Mas compreendia que quase ninguém visita ninguém, que a vida de hoje não dá tempo, a tele-



visão prendendo todo mundo em casa. Até ele mesmo não saía, viciado que estava nas novelas.

Mas onde já se viu fazendeiro morar em apartamento? Onde dependurar os cachos de bananas, onde por os frangos caipiras? Frango de granja presta? Tem gosto? Era o cúmulo continuar morando ali. Começou a indagar, ficou sabendo o valor do seu apartamento, especulou preços de residências nos diversos setores e viu que, juntando o dinheiro da venda com o seu, ainda necessitaria uma parte para pagamento à vista, inimigo que era de financiamentos imobiliários. A mulher, que sempre desejou morar numa casa com quintal, como no seu tempo de moça, lembrou-lhe das ofertas dos gerentes, aquele povo tão bom, gente tão amiga. Ora, o negócio era só escolher o Banco de sua preferência. Foram tantas as promessas que estava difícil a opção. Resolveu e saiu a campo. A esposa lembrara bem. Jogando um barrozinho, vendo os juros, esperaria a oferta. Nunca o braço a torcer. Talvez entraria numa faixa secreta de juros menores, prazo maior, que sempre acreditou existir. E enumerou as visitas. Partiu para a primeira.

O gerente, amigão lá da chácara, estava sentado na sua poltrona, atendendo ao telefone. Chegou risonho, sem cumprimentar falando, mas sim com um meneio de cabeça. A resposta veio-lhe também da mesma forma. Fez gestos para que se assentasse. Terminada a interminável conversa ao telefone, virou-se para o Dr. Haroldo e perguntou-lhe no que poderia servir, mas não afetuosamente, como grandes amigos que eram, e sim apenas como a um cliente vulgar. Ficou decepcionado com a recepção e envermelhou o rosto de vergonha ou sabe-se lá de raiva, uma coisa assim.

— O senhor não está lembrado de mim?

— Estou, mas não me lembro de onde, o senhor sabe... – e gesticulou a mão levantada – a gente vê, fala com tanta gente...

Ele esteve para se levantar e bater em retirada, sem mais nem menos, mas usou o processo que adotava de contar até dez:

— O senhor não se lembra das jabuticabas? – arriscou.

— Ah, sim, como não?! As jabuticabas!... o senhor também gosta de jabuticabas? Aliás, o senhor tem jabuticabas!... a sua chácara é onde mesmo? O senhor sabe, são tantos os convites que depois a gente passa até por sem educação, como está acontecendo agora... – e gesticulou as mãos.

Aquilo já era demais. Esteve para... mas conteve-se. Não era do seu feitio desfeitear quem quer que fosse. Até onde iria aquele cretino? Explicou:

— A minha é na estrada de Bela Vista, o senhor foi lá umas cinco ou seis vezes.

— Ah, sim! Que coisa!... como foi me passar, acontecer isso, gente?! Banco põe a gente doido, sabe, doutor... – e bateu com as pontas dos dedos na testa, depois estalou os dedos para que o nome lhe acudisse à boca.

— Haroldo.

— Isso, Dr. Haroldo! Como não haveria de lembrar? Então, tudo bom, 100%? Muita jabuticaba?

— Ainda não é tempo, mas...

— É isso mesmo! – e bateu a mão espalmada na testa.

Dr. Haroldo esfriara e deu-lhe o desconto. De fato sabia que Banco era aquilo mesmo, fábrica de doidos. O homem parecia meio estafado, estava na cara. Perguntado, expôs-lhe o negócio. O gerente concordou em tudo. Pediu para que fizesse o cadastro, que não reparasse não, que era exigência do Banco Central. Inspectores e fiscais não estavam dando sossego, clamou. O suplicante ficou decepcionado novamente, não esperava por isso. O cadastro poderia ser feito depois. Pensou que sairia com o dinheiro na hora, os avalistas levados noutra dia, pois julgara-se tão amigo do gerente. Havia se oferecido tanto! Agora o corretor estava esperando, iria ficar com um carão desgraçado com o homem. Ele não era disso. Ficou chateadíssimo. Pegou o formulário do cadastro, despediu-se sem graça, ia saindo quando o *amigo* chamou-o e entregou-lhe, consertando, a promissória.

— Faça o cadastro, preencha a promissória, volte aqui depois, será sempre um prazer.

Saiu pisando em ovos, o salão do Banco enorme, custando demais para ganhar a rua, respirar.

De origem humilde, veio do interior e morou em quartos alugados, custeando os estudos com o seu próprio ganho, miserável àquela época, que era o de caixeiro, único mercado de emprego que existia. Venceu sozinho, casou-se com moça simples como ele e manteve sempre aquela sua humildade, honestíssimo em todos os sentidos. Respeitava e gostava de ser respeitado. Meticuloso e calmo, não perdia uma só causa. Alguém chegava a dizer que ele vencia pelo cansaço alheio. Nunca entrara em um Banco para uma transação em seu nome. A primeira vez, aquela, e o resultado, aquele.

Depois de muito relutar, visitou outros Bancos. Precisava do dinheiro. A cantiga repetiu-se. Ninguém se lembrava dele e, quando se identificava, a chapa era a mesma: cadastro, avalistas, média bancária, empréstimos suspensos até segunda ordem, circulares, inspetores, fiscais, computadores, o Banco Central. Apenas um deles o reconheceu de imediato e veio abraçá-lo, chamando-o pelo nome. Tudo ia muito bem, conversando sobre os negócios, a situação do país, o calor, as lavouras, as intempéries e... jabuticabas. Mas quando o Dr. Haroldo disse da finalidade da visita, o gerente encheu a mesa de circulares, ordens enérgicas da matriz:

— Se o amigo tivesse vindo antes, quando lhe falei, ainda poderia ser, mas agora... gerente de Banco ficou assim, doutor – e cruzou os braços – não pode fazer mais nada.

Acontece que o doutor acostumou, depois de tudo isso, perdeu um pouco daquele verniz e resolveu entrar firme na dança. Voltou ao primeiro com o cadastro pronto. Afinal dava na mesma, tanto um como outro, e com aquele já havia o cadastro e a promissória na mão. Teve que voltar lá por três vezes até que encontrasse o homem. Já foi recebido melhor, tendo sido achado ótimo o seu cadastro e pouca a importância desejada.

— Ótimo, ótimo, tudo bem. Agora vamos ver os avalistas. O senhor arranja dois que tenham cadastro aqui, está bem?

Dr. Haroldo foi lá nas nuvens e voltou. Arranjar quem? Não tinha coragem de pedir e considerava o aval um absurdo. Jamais daria um aval a quem quer que fosse. Lembrou-se dos amigos das jabuticabas que lhe ofereceram, insistindo. Conversou sobre eles com o gerente, pegou os seus endereços. Mandou dona Elba. Novas decepções. Uns eram proibidos avaliar por força de contratos, outros não estavam em condições. Afinal arranjou dois. Levou os nomes. O gerente colocou todo o peso do corpo sobre os braços apoiados nas mãos que calcavam a mesa.

— Não sei não... – e chamou um auxiliar. – Veja lá as fichas destes correntistas.

Franziu a testa, fez muxoxos, vários trejeitos com a boca, juntou o beijo de baixo com o nariz...

— Todos os dois estão carregados, já atingiram o limite. Não vão servir não, doutor. Infelizmente o senhor vai ter que arrumar outros. Sinto muito, mas...

Já arregaçara mesmo as mangas. O jeito, encontrar outros avalistas. Buscou-os entre os seus próprios clientes, satisfeitos em servi-lo. Agora queria ver qual a desculpa.

Novamente pediu as fichas dos comerciantes e careteou, calcando o tampo da mesa com as mãos, os braços estendidos, a poltrona afastada com um golpe de bunda, ele de pé.

— Os avalistas são bons. Agora penso que não vai haver mais problemas.

O paciente descruzou as pernas e tornou a cruzá-las.

— O cadastro está OK (ó cá, pronunciou), os avalistas descarregados, não vai haver problemas... agora vou mandar a moça fazer a sua ficha, abrir a conta...

Lá veio ela de minissaia, que muito encabulou o Dr. Haroldo, que não sabia onde meter os olhos, afora as pernas da moça. Entrementes, o gerente conversava sobre jabuticabas. Explicava, ensinando o padre-nosso-ao-vigário, que agora, durante o mês de maio, passando o rego d'água nos pés, dariam temporonas, frutas bem mais doces e apreciadas porque seriam algumas em cada pé. Uma delí-

cia, afirmava, e pedia para avisá-lo assim que estivessem maduras. O jabuticabista garantiu que iria fazer isso. Que pudesse esperar.

— Mas na época mesmo, com aviso ou sem ele, estaremos lá. A criançada só fala na sua chácara. Há muitos lugares por aí, mas nenhum tão bom. Também, trezentos pés!... sabe lá o que é isso, hein, Dr. Haroldo? – e bateu-lhe no ombro, amistoso. – Aquelas a gente nem sente a casca arrebentar na boca, de tão finas. É puro mel!... Uma delícia...

A moça entregou a ficha assinada.

— Ótimo, ótimo! Está tudo certinho... não vai haver problema nenhum. Agora o senhor leva esta ficha e pede para um dos dois abonar a sua assinatura. Qualquer um dos dois serve. É rotina do Banco. Basta apenas um.

— Então eu vou e volto logo.

— Isso! Do jeito que o senhor achar melhor.

Saiu apressado e voltou mesmo logo. Esperou atender um sujeito conversador, que gesticulava muito, explicando. Mesmo assim foi convidado a sentar-se, para esperar.

O gerente levantou-se, pôs as fichas sobre a mesa, começou aquele sestro de calcar o tampo da mesa com as mãos, os braços estirados, a poltrona empurrada para trás.

— Tudo OK. Está 100%. Cadastro feito, avalistas certos, a ficha preenchida, abonadinha, não vai ter problema nenhum.

Aí ele pegou um impresso de depósito e preencheu-o à vista do Doutor. Olhou para ele, a esferográfica sobre o papel e perguntou quanto ia depositar. Dr. Haroldo ficou meio confuso, pensou que era o empréstimo, respondeu que ia depositar tudo, depois emitiria um cheque para o saque ou daria à Imobiliária.

— Tudo, quanto?

— O total.

— Não estou entendendo.

— ?!...

— O senhor pode abrir a conta até com duzentos cruzeiros. Terá que ir depositando. Depois de 90 dias tira-se o saldo médio,

exigência do Banco Central, e aí darei três vezes a sua média. É um direito constituído que o senhor adquire no Banco.

O nosso homem engoliu seco e não teve palavras. Nisso o telefone chamou mais uma vez, que o telefone não parava de chamar. As orelhas pegando fogo, os nervos do rosto retesados, levantou-se e saiu. Que fossem à puta que pariu, gerente, Banco, promissórias, jabuticabas, tudo! Bem claro: à puta que pariu!

Por muitos dias passou nervoso, sem poder trabalhar. Nem foi à chácara, preocupando muito dona Elba, para quem não contava absolutamente nada. Faria o negócio da casa depois, com os próprios recursos. Sempre os teve. Arrebanharia créditos seus espalhados. Que demorasse mais algum tempo, pronto! E daí? Não estava morando na rua?...

Aquilo não ficaria assim. Não encheria mais a pança de vagabundo nenhum. Isso não encheria mesmo não. Comprou um Collins de 3 libras, uma lima KF, encabou bem o machado, cabo de canela-de-velha, afiou-o bastante com a lima, depois de tê-lo vasado no esmeril. Começou, ele mesmo, a derrubada das jabuticabeiras. Não aceitou palpites nem auxílio de ninguém. Foi pondo abaixo uma por uma. Vieram-lhe as bolhas de sangue nas mãos e foram arrebetando espremidas ao cabo da ferramenta. Sucederam-lhes os calos que foram engrossando, doloridos. Olhava para as mãos e convenciam-se de que aquilo era uma honra. Quantas vezes não ouvira estas palavras: “Eu não sou vagabundo não, doutor. Olha as minhas mãos”. E as mãos eram um ralo grosso daqueles de ralar milho para pamonha, calos só, um dó.

As jabuticabeiras restantes foram soltando as cascas. O machadeiro compreendia a intenção das árvores e amiudava os golpes. Vieram também as primeiras flores. Os troncos ficaram branquinhos de um branco enrugado. Ele fechava os olhos para elas e metia o machado. Sabia que dali a um mês as frutas estariam maduras. Mal o dia clareando, já estava lá, o machado cantando firme. À tarde, depois do serviço do escritório, voltava, e o machado comia feio até escurecer. Era outro homem, satisfeito, realizado. Julgaram-no louco.

Seu Francisco não sabia o que fazer. Loucura na certa. Passava sebo derretido nos calos do patrão. Mas com tudo isso ele não abatia mais que oito ou dez árvores por dia. Afinal de contas, doutor é uma coisa e machadeiro, bem outra. E lá vem vindo as frutinhas verdes, teimosas, agarradinhas nos troncos, nos galhos, desafiando. O machado pá-pá-pá... As frutas crescendo, o machado sádico cantando fúnebre. As frutas rajando-se de preto, Dr. Haroldo não dando por isso. Estava aflito, queria a derrubada total antes que elas amadurecessem. Havia vez que não ia nem em casa almoçar e não aceitava o que lhe ofereciam. Machado o dia inteiro, um trabalho estafante que o punha mais descansando que batendo machado mesmo.

As forças redobraram quando chegou às últimas árvores. Pôs tudo abaixo. Uma coivara só, o pomar inteiro. Ficava contente em ver o mundão de frutas murchando e caindo dos galhos morrentes. “Com paciência de homem não se brinca, gente! Não se despreza nem a um cachorro, cambada! Vão conhecer, papudos!”

No sábado, bem cedo, lá estava ele no jardim, os chinelos metidos nas meias pretas bem esticadas pelas canelas, sungadas pelas ligas presas acima da barriga da perna. Esperava ansioso, olhos miúdos, chispantes, a satisfação estampada nas maçãs entumecidas do rosto. Mexia nas plantas, de araque, fazendo hora.

Começaram a chegar os primeiros carros, Galaxie, Mercedes, Dodge. Homens, meninos, empregadas, mulheres outras, latas e cestos vazios, descendo apressados, correndo pela passarela de cimento. Dr. Haroldo, amoitado, os comparou a um desfile de circo. Palhaços! E ele do seu camarote, gozava.

As senhoras procuravam dona Elba na cozinha que, sem graça, se desculpava pela falta do café, que não sabia como o Haroldo havia se esquecido de comprar.

## VELHO CHICO

**T**rês horas da tarde. Os cascos soavam surdos na marcha preguiçosa dos animais cansados. A poeira fina reverberando no treme-treme do calor asfixiante. Portas e janelas fechadas. O menino, ainda sonolento, arriscou a espiar quem passava. Era Janjão-Cigano em trânsito pelo povoado com a tropa rumo a Mato Grosso. Quatorze animais, bons cavalos e bestada de cabeceira, as orelhas no voo lerdo de pássaro, em cadência com as pernas trôpegas, Janjão-Cigano montado numa mula quase em pelo, uma perna cruzada sobre o baixeiro a gingar no trote-balanço. As poucas casas na terra vermelha, os moradores, a tropa, Janjão, todos em ritmo indolente e pachorrento.

O menino olhou, os olhos lacrimejantes pela claridade intensa, abriu a boca no bocejo preguiçoso, assuntou anunciando para dentro:

— É o cigano ladrão de cavalo, mãe!...

— Passa já pra dentro, trem! Num vê que espiar cigano dá azar, menino?!

O tropel foi crescendo pras bandas da venda do Dico. Ali Janjão peou os animais, que o pasto era bom e não havia cercas. Desceu alguns trens da bruaca, jogando-os num canto da venda. Comprou uma garrafa de pinga, que no retalho saía mais caro. Dico abriu uma lata de sardinha e trouxe um prato com colher e uma cabeça de cebola, bem grande, o costume. O cigano tirou a faca da cintura. Rodelas de cebola com sardinha, goles de pinga, mastigava em cima, o almoço.



— Algum soldado por aqui?

— Nenhum, não, senhor, por enquanto. Só na quadra da festa.

Não gostava do freguês. Ia indo muito bem, mas por pouco tempo, pois logo se embebedava, ficando valente. Ninguém entrava na venda, durante dias. O prejuízo era enorme para o pacato comerciante. Ainda bem que pagava tudo certo e, de certa feita, até lhe dera um forno para farinha.

Poço-da-Piranha, lá chamado, para trás e para frente Rio Claro, seu nome na geografia, até o Araguaia. Cozinhava para a turma da ponte nova, o Chico Rita. Chico Rita e Joana, ele preto velho alquebrado, ela a filha mentecapta de 18 anos sofridos, dando trabalhos, carapinha sempre breada de gordura de porco, o corpo lumiento de tanta esfregação com areia nas águas do rio. A coitadinha cantava andando, indo e vindo, que dava o dia, os olhos grandes, muito brancos, assuntando o pai com afeição na lida das panelas, enormes caldeirões. Morava mais ela num rancho de buriti, ali mesmo à beira da cozinha, que era rancho também coberto de folhas de buriti. Ele, todo zelo, filha única que lhe deixara a mãe, uma negra safada que rolava pelo mundo amando quem lhe desse fumo e um gole de cachaça. Velho Chico, cozinheiro bom, inventando um trem qualquer na contínua falta de iguarias. Ele mesmo fisgava, num instante, bitelas piranhas, ali pertinho, encostado na ponte velha de madeira. Esperava logo a faca na cabeça dos peixes, que a menina gostava de pegá-los, admirando com o sol entrante, a nuance, a variação dos matizes. Piranha é um bicho engraçado, que até depois de morto morde na gente, palavras lá dele. Daí o cuidado.

A pobrezinha, aluada, quase fazia nada, que o pai não deixava, como também não era capaz, mas ia à venda do Dico buscar poucas coisas. Lá o Dico punha-lhe na mão uma pedra de açúcar preto, com que ela se deleitava.

As piranhas, Chico preparava-as com maestria, cortando fininho, de trás pra frente, que agradeciam bem o tempero caprichado. Era o primeiro a comê-las. Para cada peão, uma concha grande de

feijão, uma espumadeira de arroz e dois bons nacos de peixe. Farinha de mandioca e pimenta, servidos em separado e à vontade. Tinha dia que ele passava só a piranha, tão bom achava.

— A Dasdores ainda anda por aí?

— Depois da festa sumiu. Não vi ela mais, não – explicou- lhe Dico.

Essa Dasdores era filha do vilarejo e de vez em quando desaparecia, deixando os rapazes sem mulher, única que era no ofício. Janjão demorava sempre dois ou três dias por sua causa.

A virgenzinha retinta, com vontade de comer açúcar, pegou litro vazio qualquer e foi buscar querosene. O cigano ficou de olho na negrinha, enquanto o vendeiro apressava o avio, enchendo o casco com a bomba, apanhando um punhado de açúcar, pondo na mão da mocinha, levando-a para a porta, mão caridosa no ombro, lá dela. Janjão chamou-a:

— Vem cá, minha florzinha.

A bobinha parou e riu ingênuo. Dico preocupou-se, não sabendo o que dizer, tentando empurrá-la para a porta. Aí o cigano:

— Vamos ali onde tá a tropa, que eu tenho uma carga de rapadura doce, doce como um mel.

Joaninha estendeu-lhe a mão, num sorriso santo, contra o dele, sedutor, o encanto da boca de fogo, pelos dentes de ouro, olhos congestionados, lábios grossos, rosto todo trêmulo pelo efeito do álcool. Dico-vendeiro ainda levou o braço para dizer que não, que o Chico Rita era amigo, um velho santo, muito estimado por todo mundo, e que não merecia aquilo. Mas lá ia, rindo, a pobrezinha pela mão do cigano, rumo ao pasto da tropa. Pensou em reagir, mas viu-se covarde, deixou. Depois ainda ouviu-lhe os gritos, o vento trazendo, os gritos sumindo.

Janjão-Cigano arribou caminho. Joaninha ficou esquisita, preocupando muito o velho Chico. Não ficava onde tivesse homem e levantava dormindo, sobressaltada, gritando. O velho passou a dormir

no rancho da cozinha, deixando a menina só, pois corria até mesmo dele. Às vezes dava um sumiço e ele custava encontrá-la. Dava volta para desviar de homem.

O velho ficou muito magoado quando soube da estória. Dico lhe contara tudo. Não esboçou uma só palavra. Ficava a olhar comprido lá no horizonte a ver o que ninguém via. Joaninha, rebelde, ia muito bem pelo trilheiro, cantarolando e, menos se esperava, ó ela calada, estatalando os olhos, estampando pavor, socando-se no cerrado. O peão ficava sentido com aquilo, modo o respeito ao velho. Passeava sem destino, beirando o rio, a figura no some-appece pelo capinzal alto naquela cantiga do lari-lari-larái, que chega não tem fim. As solas dos pés enrugadas e brancas pelo muito andar n'água, aguinha limpa que rolava em cima de alvos cascalhos. Uma vontade danada de ficar branca, talvez incentivada pela cor da palma das mãos, da planta dos pés, aquela esfregação de areia pelo corpo retinto.

Um dia desaparecera e em vão foi procurada. Chico Rita continuou a cozinhar, pescar, a comer piranhas. O mundo não é assim, sempre não foi assim? Vai mudar, será?

Terminada a ponte o empreiteiro foi para outro serviço, levando a turma. Chico Rita não quis ir. Ficaria por ali mesmo, cozinhando para garimpeiros, que o garimpo era de fama e não faltava quem viesse pelear.

Um curau, por nome Zé Mulato, falava-lhe sempre dumas terras devolutas lá pro norte, que iria requerer, se Deus quisesse. Não era preciso bamburrar, não. Bastaria arrancar qualquer coisa que não fossem os míseros xibius. Contava maravilhas dessas terras, que o negro escutava admirado.

— Vamos pra lá, seu Chico. É só a conta da gente arrumar um dinheirinho aqui, nós soca o pé aí pro norte.

O velho Chico achava que um dia, talvez, quem sabe?

Zé Mulato por duas ou três vezes ganhara uns cobres e chamara o companheiro:

— Vamos agora? Lá o senhor cuida do servicinho leve, que do bruto cuidado eu.

Chico Rita não se animava, dizendo que ainda não era tempo. E ele inventando o que comer. Mas passavam mesmo era ir comendo piranhas com pirão. O garimpeiro sentia vontade de morder firme um naco de carne de vaca mas, até que a coisa melhorasse... piranha.

— O senhor não enjoa, seu Chico?

— De que, esse-menino, de piranha?

— É.

— Eu acho é bom. Num é de hoje que panho peixe naquele poço. Ainda não enjoiei não, esse-menino, graças a Deus.

Três horas da tarde. Os cascos soavam surdos na marcha preguiçosa dos animais cansados. A poeira fina esvoaçante no treme-treme revérbero do mormaço sobre os telhados encardidos. Portas e janelas fechadas na indolência perene do dia a dia. O menino abriu a porta e fechou, rápido, antes que a mãe ralhasse. Sabia que dava azar olhar cigano ladrão de cavalo. Era Janjão-Cigano que chegava com a tropa. Foi lá pra venda do Dico. Perguntou se não havia ouvido falar de capturas, o que o vendeiro respondeu-lhe desconhecer até o que fosse captura. Comprou três latas de sardinha, cabeças de cebola, pão, duas garrafas de pinga. Dico achou bom ele dizer que ia pear a tropa na beira do rio e pousar debaixo da ponte velha.

O sol mal saindo, o comerciante recebeu um jipe cheio de homens da cidade, perguntando pelo cigano.

— Comprou dia-ontem uns trens de comer e saiu com a tropa. Não falou pra onde, não, senhor.

— A tropa nós achamos na beira do rio. Debaixo da ponte velha encontramos os trens dele com sortimentos que o senhor vendeu, mas o homem não encontramos, não. Diz que ele faz ponto aqui.

— Sempre fez mesmo, não nego não, senhor, mas ontem ele só comprou os trens, procurou se eu conhecia captura e foi saindo.

— Nós vamos dar uma olhada aí pra dentro.

— Está às ordens, vocês não reparando, pode entrar, sim, senhor.

O homem mandou que revistassem também o paiol.

— E uma tal Dasdores, onde é que ela mora, hein?

— A família mora logo acolá em riba, mas ela sumiu daqui faz bem mais de ano.

— Ele deve estar aqui por perto. É procurar até achar!... – ordenou.

Já à tarde o jipe foi embora. A tropa, desapareada, levada por dois peões contratados na corrutela.

Chico Rita apareceu bem humorado, cantarolando o lari-lari-larái. Zé Mulato ficou satisfeito em ver o preto velho sair de seu prolongado amuo:

— Tá parecendo que viu passarinho verde, meu velho!...

— Vamos ver as suas terras, seu Zé Mulato?

— De sopetão assim, seu Chico?! O senhor sabe que ainda não juntei os cobres.

— Se ‘tou te convidando é porque cobre eu tenho. Pelo preço que vancê diz dá pra comprar muita terra que chega pra nós dois.

— Uai, sendo assim!...

— Vou ali no poço, sapecar um de-comer num instante e arribamos nesta hora.

Zé Mulato foi preparar o necessário para a viagem. Depois o velho fez arroz, feijão e piranha ensopada. Alguns garimpeiros, que comiam com eles, convidados para o bota-fora, prometeram que um dia, se Deus quisesse, quando menos esperassem, sairiam por lá. Chico Rita, alegre, mas calado, comia capitães de feijão com arroz e farinha, carregados de pimenta malagueta. Alguém notou e perguntou admirado:

— Uai, seu Chico, o que foi que assucedeu hoje que o senhor não quer comer piranha?! – e um outro:

— E logo hoje que ela tá mais gostosa?

— Quá, gente, hoje não ‘tou com vontade nada. Outro dia, quem sabe?!...

Ficou a olhar comprido lá no horizonte, a ver o que ninguém via, prato cheio, o capitão esquecido nas pontas dos dedos lambuzados.

## BOLHAS DE SABÃO

**P**sicotrópico. Basta falsificar a assinatura do médico. É muito fácil, quase não dá prazer. Dizem que sou calado, mas acho que falo muito. O caso é que falo sozinho, falo comigo mesmo, que é mais prático, mais compreensivo. Introspecção, a moda. Eu me entendo. É o que basta. Não encho o saco de ninguém. Ninguém enche o meu. Não proibiram de rodar o meu livro? Não me expulsaram da Universidade? Então falo pouco? Num livro tem jeito de se falar pouco? Por que proibiram de rodar o livro? Pois sim. Sou um sujeito universal. Pensam mal de mim, mas em compensação acho todo mundo muito chato. Cretinos. Faço algumas exceções, às vezes, contrariado. É o caso do Onofre e de Lurdes. Cleuza, estou cozinhando-a com pouco fogo. Não sei, não; tenho as minhas dúvidas, mas ninguém me tira da cabeça que ela está sendo instrumento de alguém, para não dizer, diretamente, do Onofre que é seu primo. Essa estória de primo dá uma mixórdia dos diabos. Não vê as estórias do Machado? Pra quem sabe ler um pingo é letra. E essa saraivada e conselhos que a menina agora vem por cima do papai? Só pode ser coisa dirigida. Teleguiado. Tecnologia. A época. Mas uma coisa me deixa satisfeito comigo mesmo: sou inteligente e perspicaz. Ah, perspicaz! Isso sim, é o que sou!... Tem muita gente que não sabe disso, mas não me interessa absolutamente o que pensam de mim. Prefiro ler Tio Patinhas a ouvir as frases feitas do Onofre pela boca de Cleuza. Leio e aprendo. Ouvir, deixo passar. O que entra por um ouvido sai pelo outro, mas o que entra pelos olhos não sai pela nuca.

Isto é a lógica. Sou lógico. Sou razão. Não preciso de conselhos. Preciso de dinheiro, a mola propulsora do mundo. Saturno-V empurrando Apolo-XI. Mãe pede para pai e ele manda. Não aceito, porque ele humilha Mãe e quer saber a rotina dos meus gastos. Não sou moleque, não sou de satisfações. Vou conversar com o Dr. Antunes, o advogado. O velho não pode perder a demanda. Mãe não vive sem pai. Ela arranja dinheiro sem ele saber. Para o dela não é necessário explicações. É pena que Mãe não dirija a fazenda. Deus livre e guarde, Pai morrendo, vou ajudar Mãe a dirigir os negócios. Deixo Cleuza, largo Lurdes, levo Onofre. Onofrão! Velhaco! Não me querem na Sociedade. Não brindo mais ninguém com chope. Vou brindar com cachaça de engenho, pinga alambicada na hora, da quente, tontura rápida, zonzeira suave. Produção minha e de Mãe. “Viúva Anézia Rodrigues & Filho.” Mãe não vai querer nome dela em garrafa de cachaça. Fica só o seu, dirá. O mundo é dos jovens, meu filho. “Fabricada e Engarrafada por Alarico Rodrigues Figueiredo”. Fico pensando. Trabalhar toma muito tempo. Quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro, mas se a turma se danar com as bolinhas, acabo me virando na pesada. Amigo é pra essas coisas. Intelecto em ação. O Dr. Valladares, ele próprio, não distinguirá a sua assinatura da imitação. Psicotrópico. Pois sim. Dane-se a turma. Sou filho de gente boa. Dizem que eu não presto, mas é engano. Se o erro não fosse humano, ia virar a cara de alguém por aí. Mas sou como protestante: quando me dão de um lado viro a cara e mando bater do outro. Jota Cristo perdoou todo mundo e tem um cartazão danado. E isso lá vem por séculos *seculorum* amém. Ninguém desbanca o homem. Eu, hein?! O Horácio convidou-me para assaltar um Banco. Implantaríamos a moda aqui. Depois de dois ou três assaltos passaremos a dar autógrafos. O povo gosta de heróis. O povo quer heróis sempre. Onofre diz que já viu cemitério de heróis, mas de medrosos, nem uma cova. Vamos ser a exceção da regra. Seremos heróis. A morte é glória. Seremos solicitados. A Sociedade me receberá. Faremos ricas as instituições de caridade. “Dinheiro do povo para o povo”, o *slogan*. Horácio diz que dá, que o dinheiro é do povo, pensamento lá dele,

mas eu não concordo com o Horácio. Dinheiro é do povo dentro do Banco, mas fora é nosso. Dar? E quem vai por flores na minha sepultura? Cleuza? Lurdes? Onofre? Não. Mãe. Só ela. Vamos fabricar cachaça. Todo mundo bebe cachaça. O melhor negócio do mundo. “Aguardente Martinho da Vila”, que tudo tem que ser moda. Roubar Banco? Eu não sei se me falta algum parafuso na cabeça ou se está sobrando algum. Tem hora que penso o que dá o dia em coisas que não me interessam. Parece que uma força estranha conduz-me a fazer o que não quero. Teleguiado. Tecnologia. A Época. Tenho plena certeza de que ninguém vai me tirar da cabeça que poderia assaltar um Banco por tabela. Ordem indireta. Matemática só para as grandes cabeças. Esse negócio de revólver na mão, só com Horácio. Se tivesse dinheiro iria tomar um chope. Brindaria. O brasileiro brinda com chope. “Martinho da Vila”. Vai brindar com cachaça. Seria de confiança, o braço direito do Gerente do Banco. Chegaria logo a tesoureiro. Esconderia em meio à papelada do arquivo um tufo de dinheiro. Milhões. Se a inspeção baixasse, diria ser questão de segurança. Num assalto aquele dinheiro se salvaria. Se se desse o assalto antes, debitaria aquela importância aos ladrões. Gostaria de ver a cara do Horácio, quando lesse no jornal: “Assaltantes levaram 50.000 do Banco tal”, sendo que haviam levado apenas 20.000, comparando. Um barato! Ia ser a maior fábrica de cachaça do mundo. Por isso que não adoto o trabalho. Para uma pessoa inteligente e que tem problemas com parafusos, tudo sai genial. Não vou querer a ponta de revisor no jornal do João Carlos. Amanhã vou empregar-me em um banco. Entro nem que seja como contínuo. Subo rapidamente. Genial. Não tem problema. Horácio! Calminha, meu chapa. Fubá também vai ter o seu dia de mingau. Psicotrópico. Falta a folha em branco do Dr. Valladares. Hoje visitarei Cleuza. Irei ao consultório, mas não falarei com o Dr. Valladares. Cleuza tem o bloco. Enquanto leva o cliente para a sala do doutor, retiro uma folha. Para mim não, mas a turma precisa das bolinhas. Já tracei o meu caminho. O velho não aguentará muito. A demanda vai estourar-lhe o coração. Vou fabricar pinga, da boa. “Martinho da Vila”, se até lá não caiu. O mundo é



movimento, tudo é atualidade. Quem caiu, já era. Martinho da Vila, vamos ver se aguenta. Cleuza de dia, Lurdes à noite. Na cidade, no asfalto, gosto da noite. Na fazenda, matarei as noite. A fuligem da lamparina não me deixa respirar. De dia verei Cleuza, à noite estarei com Lurdes. Onofre que se dane. Amizade tem hora. Eu gostaria mais do Onofre, se ele não fosse tão certinho, querendo acertar os outros também. Detesto tudo que tem arestas. Onofre é uma caixa de fósforos, a forma. Todo proporcional, a gravata no centro, o cabelo repartidinho. Sapatos polidos. Ah, se Onofre me aparecesse esgadanhado, o paletó às costas, a gravata no bolso, um sapato sem amarrar, a barba por fazer ou mal escanhoada... ah, eu lhe daria aquele abraço! Nem mais veria a Lurdes, prometia. Gosto de Lurdes, no fim. Alterada. Descalça. Descuidada. Fala pastosa, enrolando meus cabelos nos dedos tratados, o esmalte semissolto, como se acetona lhe caísse pela metade das unhas. Fazer amor, meu bem? O arremate. O mundo diluído. A noite ida. Depois de um dia pesado, sonolento. A Lurdes se queixa da concorrência desleal. Ela nunca quer o meu dinheiro, embora eu quase não o tenha, mas faço-me filho de pai abastado. Faço-me? Sou? Nas casas de tolerância não se fatura mais nada. A tal concorrência desleal, de que fala Lurdes, entre mulheres oficiais, registradas, de carteira-de-prostituta, e as senhoritas não oficiais mais as madames, é desleal e esmagadora. Desleal pra cachorro! Ninguém de dinheiro, de posição, frequenta a zona. É no centro da cidade, nos escritórios, nos *rendezvous* camuflados-extra-oficiais, as almofadas dos carros como berços de amor. Hotel Prado. Hotel das Estrelas. Não há taxa, não há consumo obrigatório, não se remunera ninguém, a não ser a *coisinha* que precisa para o enxoval, um presente para o noivo, as prestações da boutique, o remédio da mãe. As reputações não se expõem, ambas as partes se segredam. Assim diz Lurdes, aliás, assim, clama Lurdes, mas não quer meu dinheiro. Disse que um dia põe termo à vida. Isto me fascinou. Sou hipócrita? Sádico? Não sei. Um fascínio esquisito, que eu não sabia se as palavras que proferia eram minhas. Falava, falava, como nunca, pois fui de falar pouco sempre, o senhor sabe. Eu lhe disse que seria ótimo, mas

que o fizesse com decência. Pra que viver se a vida não tem mais sentido? Eu vou fabricar cachaça, mas ela, Lurdes, o que pode esperar da vida? Um homem, mais outro, dinheiros minguados, dinheirinho? E Carlinhos, o filho dela? Ora, Carlinhos viverá. O desenlace libertaria o moleque. Seria adotado. Não seria mais filho da puta. Ter vontade de morrer e fazê-lo com dignidade, acho lindo. Lindo de morrer! Concorrência desleal, falta de interesse pela vida, não há mulher, não há Lurdes que aguente. As pobrezinhas estão passando fome. Um maço de cigarros que se abre lá, esvai-se em minutos. São delgados dedinhos de unhas brilhantes que dançam na borda superior do Minister: – Com licença, meu bem! – Fuma, putada! A minha alegria é ver o fumaceira de meus cigarros em muitas bocas. Se a fumaça não diluísse, então os vinte Minister levantariam uma nuvem negra para o céu, um cogumelo atômico sobre aquela Hiroshima arrasada, depravada. Até Lurdes, um espectro amarelo, diluindo. Morra, Lurdes! Corte os pulsos. É moda. Morra lentamente, meu bem. Deixe a vida esvair-se com a fumaça. Entre para o mundo desconhecido como um lento amanhecer. Volte às origens na mesma lentidão, no mesmo mistério. Vá serena. Escolha um bom lugar. Faça uma sondagem segura. Prevista. Bem lenta. Maravilhosa. Apolo-XI chegando à Lua. Bacana à beça! Vá, amor. Fuja dessas noites de incerteza. Não fique por mim, que não sou futuro. Caso-me com Cleuza. Você conhece o Onofre? O que, Carlinhos? Ora, bobinha, deixe uma carta comprometedora. Escolha um cara de dinheiro que explore seu corpo e vingue-se. Meta-lhe a culpa. Anestésie-se com o uísque dele e não sentirá dor. Tudo bem lento. Calminha. A vida esvaindo-se. O espírito diluindo-se. Um mundo maravilhoso e desconhecido surgindo, ponteiro de relógio sendo. Apolo-XI alunisando... Tudo muito bacana!...

Caso-me com Cleuza.

Você conhece o Onofre?

O que, Carlinhos?

Ora, bobinha, deixe uma carta comprometedora.

Amanhecia. Onofre, saindo da república, jornal na mão, levava Alarico. O rapaz rindo da bobagem do amigo, carregando-o às pressas para a fazenda.

— Ela nunca que ia fazer, nunca que ia ter coragem de fazer isso comigo! Eu não matei ninguém! Bebemos apenas muito uísque. Isso é mentira de jornal! Você sabe, amigo velho, papel aceita tudo. Por isso não quis aquele emprego do João Carlos!...

## ALIANÇAS DE NOIVADO

**M**arisa espreguiçou-se na cama, o corpo dormente. Sumiu o rosto no travesseiro, o pranto. Depois, virou-se e passou a olhar a mesma lâmpada, os olhos fixos, sem piscar, distraíndo-se com os raios de luz indo e vindo, sucedendo-se. Ah, aquele ovo de Páscoa!...

Abriu a porta do guarda-roupa e enfrentou o espelho, ajeitando-se. Ficaria tão bem naquela foto quanto madame Pimentel? Cuidando-se, não restavam dúvidas. Chegou a cumprimentar-se: “Alô, madame Pimentel!...”

No seu quarto, à luz de uma lâmpada pendente, lia e relia, analisando os detalhes, o clichê da senhora Pimentel na coluna social. Sozinha no mundo, quarto alugado, sem maiores recursos nem esperanças, martirizada por aquela folha de jornal. Caprichosa lhe fora a vida. Até *O Diário*, que nunca a atraía, viera-lhe já aberto, coisa arranjada, parece. Deitada de bruços, os cotovelos afundando o jornal no colchão, queixo apoiado, os olhos marejados, formando prismas com os raios da luz. Era triste lembrar que tudo estivera em suas mãos e deixara passar. Ah, aquele ovo de Páscoa!... Madame Pimentel, pois sim!

Agora, atravessada na cama, voltou ao jornal. Vivia em torno da oportunidade perdida. Soltou o pensamento para voar, buscar coisas. Os olhos fitos na luz, a folha no peito, virou-se de costas. Era a posição de desencanaixotar lembranças.

Sempre confiara no futuro de seu Cláudio Pimentel que a crônica ali dizia ser um dos homens de maior projeção em todo

o estado. Industrial e comerciante, político e intelectual. Não figurava como uma das dez-mais apenas, madame Pimentel, mas sim como doadora da moderna Maternidade Dona Iraídes Pimentel. Seu desespero abafado, só os olhos contando, fazia-a voltar àquele domingo de Páscoa, quando vira Cláudio pela última vez. Cheio de ideias guardadas, era um rapaz tímido, chegado de novo para a república que ficava na mesma rua onde ela residia com a mãe, que também, de há muito, só saudades. No caminho para a repartição sempre o via. Ele, de volta da escola, via-a também à porta, chegada, arrumada. Primeiro olhadelas, depois os cumprimentos, as paradinhas. Mais tarde a entrada rápida para o café. Devagarinho, no costume diário, cevado, afeiçoara-se a ele, ao passo que ele já estava, também, caidinho por ela. Moça bastante vivida, Marisa tinha lá seus quatro ou cinco anos a mais que o namorado, rapaz de pouco traquejo de cidade grande. Viu nele a tábua de salvação, pois perdera muitos pretendentes, confiando sempre, deixando adiantarem-se com ela. Com este, não: levaria o anzol sem puxar a linha, levaria. Apenas as mãos dadas nos passeios, no cinema, a repulsa ao menor que fosse o toque, o choro fingido, as lágrimas falsas à mínima apalpadela. E ele cada vez mais preso, sonhador.

Barnabé de pouca remuneração, encurtaram o de-boca, ela e a mãe, e castigava no de-vestir, no de-calçar, os decotes muitos e as barras curtas, atentando. Corpo maduro, fruta pra ser colhida. E esse artifício, busto querendo saltar, pernas grossas tremendo, os pés pequenos, sapatos enfeitando, ia emaranhando sempre mais o coitado.

Inteligente, o moço tomou pé e pegou firmeza. Fez-se duro, já impunha. Era o verde na esperança de trazer o maduro. E ia trazendo, puxando devagar. Hoje menos decote, amanhã a saia mais baixa um pouquinho, cedido. Depois a trégua das mutações do cabelo, já um beijo no rosto. Ela, ratazana roendo sempre às bocadinhas, percebeu tudo, deixando-se levar, as engrenagens casando dentes, engraxadas.

A mãe, realçando a candura dos bordados, a meiguice dos arremates e a fineza do tecido, o quanto custaria hoje, punha o rapaz a par da sua responsabilidade. O enxoval estava praticamente pronto, que moça pobre, mesmo sem noivo, vai sempre conseguindo uma peça ou outra, embora as prestações muitas, arrochando o orçamento modesto. Cláudio, nó fechado atravancando o fôlego, puxava para trás no seu bom jeito de rapaz honesto. Seria com ela sim, mas não agora. Com pequena mesada de casa, renda sua única, estudava. Se quisesse abandonar tudo, daria para logo, matando o seu ideal, o dom das invenções industriais que ele possuía, a decepção dos familiares.

Na base de segredo, em oficina de um amigo, havia construído já duas miniaturas: uma maromba cerâmica, desprovida totalmente de eixos: 300.000 tijolos diários. A outra, um tear sem engrenagens, por indução. Este dispensava quase que toda mão de obra, pois apenas um operador tomaria conta de dezoito deles. Somente em *róialtis* daria para ficar altamente bilionário. Já pedira os registros das patentes. Um caso de paciência, que se guardasse o enxoval por mais algum tempo, e era ver Deus abençoando a união. Contava minuciosamente sobre as tais máquinas, pedindo segredo para a moça, que o ouvia de mentira.

Aproximava-se a Páscoa. Previamente ambos escolheram os presentes. Ele ganharia uma camisa. Ela, uma blusa, o decote no gosto, baixo, meia-taça, lá no manequim da butique. Cláudio não estava de acordo. Pedia que procurasse uma outra, pois achava o decote escandaloso. Marisa teimava. Seria aquela ou nada.

Pediu na véspera, na butique, para que se aparecesse um rapaz alto, moreno claro, bigode preto, bem aparentado, que lhe vendessem a blusa. Caso contrário ficaria com ela.

Trocaram-se pela manhã, por portadores, os pacotes. A camisa assentou-lhe bem. Ela, contrariada, recebeu um ovo de Páscoa, todo especial, presente tradicional na família dele. Papel, fitas, cores.

— Meu Deus, que cabeça dura!... Eu esperava aquela blusa!...

Resolveu aguardar até a tarde, pois à noite iriam ao cinema.

Talvez o outro presente ainda viesse.

Impaciente, saiu, passou pela butique. Lá estava a blusa vestida no mesmo lugar, o decote no problema.

Na confeitaria de seu Manuel contou-lhe uma estória, dizendo que dependia de um favorzinho dele. Tudo que estivesse ao seu alcance faria, respondeu o portuga, lisonjeado.

— É o seguinte, seu Manuel: acabo de ganhar este ovo lindo. Olha que beleza! Sou sozinha e tenho uma alergia tremenda por chocolate. Olha aqui: só de falar o braço já está empelotando todo; olha só, seu Manuel, passa a mão.

O homem pegou, tateando, malicioso:

— Minha Nossa Senhora, e é mesmo!...

— Eu quero vender para comprar outra coisa e por no lugar.

— Bem, eu aqui tenho... – e virou-se na banquetta do caixa para verificar as prateleiras. Marisa atalhou-o:

— Acontece, seu Manoel, que o presente já está escolhido e não é objeto de mercearia. É de butique.

O negociante trejeitou-se, alisou o farto bigode, sacudiu o corpaço:

— Bem, aí neste caso eu não poderia pagar um preço que serve para a menina. Hoje ninguém vai me comprar mais ovo de Páscoa. Só no ano que vem, e até lá...

— Quanto?

— Digamos lá... trinta cruzeiros.

— Oh, seu Manoel, eu precisava de cinquenta...

— Bem, por uma moça tão bonita, vá lá, mas garanto a senhorita que trinta já era bastante.

— Estou sensibilizada, seu Manuel. O senhor também é muito simpático.

Fez o negócio e despediu-se com um tiauzinho, que desconcertou o homem. Ele pediu que viesse sempre. Cláudio, indiretamente, havia-lhe presenteado com a blusa. Capricho de moça inteligente.

À noitinha, o rapaz chegava com um terno novo e a camisa que lhe dera Marisa.

— Olá, elegante! – saudou-o a moça, numa simpatia jamais vista. Cláudio, embora vestida com a tal blusa, achou-a lindíssima.

— Elegante está você. Elegante e bonita. Apenas elegante seria injustiça, uma verdadeira injustiça.

— Olha aí como ele está galanteador!...

— É aquela blusa?

— An, an – fez Marisa num muxoxo charmante.

— Mas como ficou bem em você!... até o decote ficou razoável... Aquele manequim me enganou, sabe?

— Não ficou zangado?

— Quem? Eu?! Logo hoje, um dos dias mais felizes da minha vida?

— Certo mesmo?!

— Juro.

Procurando ouvir o que ela ocultava, Cláudio, curioso, bebia a fala da moça. Tomou-lhe as mãos. Examinou-as. Como quem pergunta se não lhe está escondendo alguma coisa, o rosto meio torto; sorriu sem mostrar os dentes.

— O quê?... Fala, bobinho!...

— E o Ovo da Páscoa?

— Comemos... Não era pra comer não?

— E o recheio?

— Comemos todinho. Não sobrou nada dentro do recheio?

— Nada?!

Ambos se olhavam. Ele, semblante de riso sem graça. Ela, interrogativa. Um minuto de silêncio pelo desencanto.

— Bem, Cláudio, acho que se não andarmos depressa não pegaremos mais a segunda sessão.

— Eu resolvi: não vou mais ao cinema.

— Não vai?! Não vai ou não vamos?

— Eu não vou. Você, querendo, pode ir.

— O que foi que aconteceu com você, filhinho?! Estou lhe achando tão esquisito!...

— Uma dor de cabeça inesperada.

— Tome um comprimido que tenho aqui.



— Não, não. Não é a primeira vez. Tenho um remédio próprio lá em casa.

— Mas logo hoje?!...

— Pois é, logo hoje.

## MOCINHA

O apelido viera desde o dia em que entrara para a casa dos padres.

Só lá de ano em ano que aparecia alguém. Padre Antônio lavava e passava, serviços seus ainda, arrumar, cozinhar. Era do claustro para a igreja, uma voltinha diária, sempre pela tarde, pelos arredores, que gostava muito de ver as barras coloridas do céu. Não frequentava a casa de ninguém. Convites públicos, esses somente, aceitava. Modesto de vida, ferocíssimo no púlpito. Desancava dali, veementemente, corrupções sociais e políticas. Muitos presentes recebia, que as paroquianas não tinham coragem de fazer um lá que fosse sem lhe mandar um tanto.

Visitavam-no, esporadicamente, quando jogavam dama ou torrinha, o farmacêutico, o juiz, o médico. Não preferindo nem preterindo, jamais pagava visitas. Havia entrado na casa dos sessenta, se bem que com seu modo desajeitado e tímido aparentasse ter menos.

Um fator de ordem natural o caso e nome de Mocinha, a sua permanência naquela casa. Foi pela quadra das missões, quando padre Antônio hospedou dois colegas. Sabiam que ele fazia tudo. Dona Floripes, da Irmandade do Rosário, estava com uma afilhada vinda do Baixadão, moça humilde e honesta, trabalhadeira, garantia. Mandou-a contra a vontade dele, para que ajudasse durante aqueles dias.

Não necessitava pagar nada, era uma contribuição. O padre nem perguntou por nome. Após as missões ela continuou ali, pois não a reclamaram nem ele pensou em devolvê-la. Subnutrida e ape-

nas com um vestido barato, de algodão, viera. O padre não se incomodou, mas as associadas da Irmandade levaram roupas, que a moça não poderia ficar só com aquele bate-não-quara.

Transmitindo o pouco que sabiam, as Filhas de Maria lecionavam durante a semana, quando a igreja se improvisava em escola. Aos domingos, catecismo. Pela manhã e à tarde frequentavam as crianças; tardinha, antes da Reza, os adultos. Padre Antônio dava a sua volta. Os alunos já ficavam para as orações.

Mocinha, desenvolvendo-se em inteligência e formas, foi ficando. A escrita da Paróquia já estava por sua conta, pois aprendera a ler, escrever e contar: batizados, casamentos, registros, assim como todos os serviços da casa paroquial. Tornou-se morena forte, carnuda, a mala de roupa na cabeça, lavada e enxuta, tremendo-lhe as pernas na subida da ladeira, vinda da fonte. Nunca dissera seu nome a ninguém e era chamada por Mocinha, como atendera aos padres, nos seus primeiros dias. Aquela humildade tacanha foi-se transformando e ela passou a ser dada com todos, até passeadeira. Já se começava a falar dela, mas quem é que escapa disso em cidade pequena? Despertando raiva e despeito, era a tentação de muitos. Bem fornida dentro dos seus vinte anos, parecia não maliciar as coisas, sempre certinha, parece. Os boatos chegavam aos ouvidos do padre, mas ele dizia que Mocinha era como outra qualquer, precisava divertir-se, tinha lá seus direitos, e o resto não passava de invencionice do povo.

Numa certa época os comentários esfriaram. Mas como nem tudo fica sempre debaixo das cinzas, a bomba estourou: a moça estava *esperando*. Alguém viu e irradiou com onda de muita força. Pelas nove ou dez da noite as casas não se fecharam. Todos queriam mais informações, mais detalhes. Como um raio, sobre a cabeça do padre caiu a culpa:

— Era por isso que ele não ligava!...

Da porta ou da janela, perguntavam-se a quem passasse pela calçada:

— Já sabe de mais alguma coisa?

— Não sei de nada; não sei se sei o que a senhora sabe, mas fiquei sabendo indagorinha que o padre...

— Ora, pois dessa eu não sabia ainda não, criatura!... então...

Já a turma da Irmandade propalava contra. Onde é que podia? Tinha cabimento uma injúria dessa? Rezavam pelo padre. As Filhas de Maria escasseando algumas, desculpas alegando, afazeres muitos. Bonachão, dando tempo a tudo, o padre perdoava os pais das virgens, condenando-se pelo silêncio.

— Mas padre Antônio não é disso!...

— Se não fosse, por que é então que não aperta ela, faz contar o culpado, não obriga casar?

— Casar?! Perder o pé-de-boi?

— Bom, isso é verdade, mas ficar com uma rapariga dentro de casa, lá na igreja...

— “Deixar nascer pra ver a cara que tem”.

— É isso.

Somente lembrado por falta do que se dizer, o assunto já não emocionava mais ninguém. Mocinha já saía às ruas, lavava algumas peças na fonte e conversava desconversando.

Pondo boa isca no anzol e amarrando com linha muito fina, o Juiz tateou o terreno, forçado em casa:

— Mas padre Antônio, o senhor tem muita calma: do jeito que está aqui na dama está com os seus detratores...

— Detratores?!

— Esse povo aí inventando, levantando falso sobre a sua pessoa... aquele caso aí... da menina.

— Ah. Compreendo. Consciência limpa, meu caro. Por que perder a tranquilidade?... Sua vez.

— Obrigado. Mas o senhor é uma autoridade religiosa, não fica bem essa moça em casa.

— E mandar para onde, no estado dela? Seria uma infâmia maior que a que se propala por aí. Com o tempo tudo entrará nos eixos, o senhor vai ver.

- O senhor sabe, amigo da gente difamado na boca alheia...
- Ora, não pense nisso – cortou-lhe o padre. – Olha aí, sua vez.
- Obrigado.

Deu de ombros e mudou a pedra.

Havia nascido, descobriram. Ninguém viu, mas Mocinha desaparecera e bastava isso. Incendiara-se de novo, a corrutela. É branco, é preto, cara de quem será? Padre Antônio estava radiante. Era como se lhe houvesse nascido um sobrinho. Com hora e dia marcados, o batizado seria solene, dizia. Que todos o vissem, a seu gosto.

Repletou-se a igreja. As *comadres* faziam questão de pegar o pimpolho e, disfarçadamente, puxavam a touca, examinavam-lhe os cabelos, a cor dos olhos. Moreninho, cabelos pretos, olhos pretos, nariz levemente achatado, o menino, em tudo contrastando com o pobre do padre, de cor bem clara e cabelos castanhos. Uma decepção geral. Regozijavam-se as da Irmandade. Andavam escassas de fiéis as missas e rezas anteriores. Agora os bancos, disputados quase uma hora antes de começar, a igreja ficava repleta. O padre voltou a saborear os bons embondos das quitandeiras. Mas para dizer que o negócio havia esfriado de tudo é mentira. Uma reima sempre fica, em bate-boca de povo.

Andava grandinho já, o garoto. Sempre bem vestidinho, brincando com os outros meninos, mas com certa reserva recomendada pelos pais. Até a Etnologia consultaram as pessoas mais evoluídas. Descobriram que o sangue poderia predominar numa geração futura. E padre Antônio era descendente de portugueses, talvez até filho de uma negra, uma escrava, quem sabe. As cinzas voavam, as brasas reapareciam, queimavam.

Com opiniões formadas, a cidade dividiu-se. De um modo geral já estava mesmo dividida em partes distintas, a Situação e a Oposição ao Governo. Havendo dissidências e adesões, era quase igual, no caso. Quem combatia ou defendia o padre mudava de opinião dependendo da maioria do seu Partido. Um troço esquisito, mas bem próprio de lugares.

Cresceram, engrossaram as suas fileiras, as outras religiões. Também as dissidências religiosas eram contínuas. Padre Antônio dava tempo ao tempo.

Atormentava as *comadres*, uma dúvida: pela quadra da gravidez, meses antes, doutra banda, perto da fonte de lavar roupas, havia um acampamento da turma do Departamento de Estradas de Rodagem. Será que um deles... não, queriam que não fosse. A arrumação tinha que ser do coitado do padre mesmo. O caso é que morava definitivamente na casa paroquial, Mocinha, já com os seus vinte e cinco anos.

José Maria – assim se chamava o menino por ter como padrinhos de batismo São José e Nossa Senhora – era muito agarrado com o padre. Não se revelava inteligente e andava meio esquisito, passos incertos, danado de bom pra rir à toa. Isto fazia a defesa do padre:

- Onde já se viu filho de padre ser burro e pongó?
- Castigo! Resultado do sacrilégio! – os radicais.

Coronel Pradinho, acostumado a manobrar com tudo e com todos, chefe político da Situação e inimigo do padre, que o combatia do púlpito pelas suas arbitrariedades, roía-lhe a vontade tremenda de aventurar-se com Mocinha. Era o mais ferrenho acusador daquela causa. Não que fosse muito bonita a moça, porém despertava interesse doentio em quase todos os homens. Não se arriscavam com medo de praga de padre, sabiam, pegava mais que doença braba. Pradinho nunca deixou de fazer o que lhe passasse pela telha, agora... no caso de Mocinha, já pensou?

Gostava bastante dela, como era sabido, o Josias, mas não para isso; uma amizade fraternal, sendo o único que ia assiduamente jogar com o padre. Recomendava-lhe muito, sua mulher:

— Cuidado, Josias!... olha que o povo já tá falando de você... Eu te conheço, sei que não tem nada não, mas você sabe língua do povo como é...

— Tenho nada com a língua do povo não, Maria!... Como diz padre Antônio, consciência limpa, pronto.

— Sei não...

José Maria, apesar das insistências, ainda não tinha aprendido a ler, com os seus dez anos, mas possuía uma vontade e vocação fortíssimas pelas coisas da Igreja. Auxiliava o padre no que davam as suas posses, inclusive ajudando as missas. Chamavam-lhe pelo nome apenas a mãe e o padre. Para os outros ficou sendo o Zé Coroinha. Recebia-o, por galhofa, o pessoal da dúvida. Pelos dias dos santos mais fortes Mocinha montava-lhe uma bandeira bastante enfeitada com a estampa do santo, flores de papel crepom e fitas coloridas: psicodélica, essa bandeira. Pedia beijamento, angariando dinheirinhos para vestir-se e calçar-se. Parando de casa em casa, percorria as ruas. Dispensava, já, a ajuda materna, os dias santos muitos, o povo bastante caridoso, era? Mais e mais, sempre aumentava o seu amor pela mãe e pelo padre.

Padre Antônio aflagava-o terno, mormente depois de certificarse do seu atraso mental. Presenteara-o com um crucifixo de madeira bastante velho, medindo uns trinta centímetros. De há muito ele trazia um enorme terço de contas-de-lágrimas, ao pescoço.

Carregava, agora, parando sempre, casa por casa, uma maleta velha contendo o crucifixo, o Rosário, uma revista *Seleções* inchada de tanto manuseio, uma latinha vazia e um vidrinho com água. Batia palmas e esperava, paciente, dentro do terninho espichado, a gravata vermelha, sapatos largos e engraxados, cabelos quase repartidos, negros. Oferecia-se para celebrar missa. Muitas vezes havia até pedidos, gozação. Ali mesmo na mureta montava o seu altar. Estendia os braços, fechava-os, abençoava, batia as mandíbulas, genuflexava. Mudava de lugar e fechava a revista. Repetindo sempre – “O Senhor esteja convosco”, não se voltava enquanto não respondiam “Ele está no meio de nós”.

Coronel Pradinho, certa vez, vindo com a sua charrete, puxada por um cavalo preto, enorme, Mocinha pediu que parasse, inocente. Ele obedeceu e disse alto para que todos ouvissem: “A vontade de te levar é muita, mas o meu cavalo quando vê cheiro de égua empaca e não vai mesmo!”. Procurou aplausos. A gaitada foi geral. Raiva de perder a oportunidade, remoendo-se por dentro, ele seguiu macio, superior, foi?

Mocinha desde então passou a rezar mais, assídua em todas a novenas, pia. Nunca, a não ser aquela vez, o mequetrefe do coronelzinho, alguém teve coragem de lhe falar nada, nunca. Acreditavam piamente na sua santidade, uns, na sua esperteza, outros. Mas sempre o respeito. Surgiam muitas cogitações, buscavam justificativas. O caso é, aconteceu mas testemunhas, onde?

— Falar do padre Antônio é um crime, gente. O homem é meio santo! Todo mundo faz de esquecido, não lembra daquela vez que Nenê do finado Nóca ‘tava com espírito no corpo e quanto mais ela ia no centro mais doida ficava? Não foi mesmo? E o que foi que curou? Vou falar mas todo mundo sabe, não é, nunca foi segredo: pois foi uma benção do padre Antônio. Uma só, mais nenhuma. ‘Tou mentindo ou ‘tou falando verdade? E os revoltosos aquela vez? Não fizeram estripulias pra tudo quanto foi canto, só poupando nós aqui? Não cortaram por fora, como coisa que aqui não existia nenhum morador? Alguém já esqueceu ou já viu contar que o padre Antônio reuniu todo mundo dentro da igreja, benzeu o povo, benzeu as entradas da cidade, benzeu o rumo dos cujos e mandou eles pra onde bem quis?

Ninguém ligou pra conversa do Zelão, velhote mulato danado de bom pra pedir pinga pros outros.

Enclausurou-se novamente Mocinha. O que seria, o que não seria? Outra gravidez? Agora essa tinha que ser do padre mesmo! As visitas frequentes do doutor tranquilizaram os curiosos. Fora acometida de mal súbito mal súbito. Seu vigário, triste, Dr. Gervázio certificou-o de que nada poderia fazer. Talvez chamando médico de fora, um especialista, mas somente para desencargo de consciência.

Zé Coroinha foi engabelado pelo padre, mandado fazer uma coisa e outra, quase sempre fora de casa, para que não assistisse ao desenlace.

Esquisito. Um arrependimento inexplicável, quase generalizado, o do povo. E uma vontade estranha e irreprimível de visitá-la. Automaticamente seguiam à casa paroquial, onde padre Antônio re-



cebia na porta e mandava entrar, com bondade. Já havia lhe dado a extrema-unção.

Zé Coroínha naquela tarde demorara menos que nos outros dias. Uns tentando primeiro que os outros, gritaram-lhe que a mãe dele havia morrido. Chegou à porta do quarto e não quis entrar. Correu à varanda e abraçou-se choroso com o vigário, a cabeça sumindo pelo colo do benfeitor, num choro entrecortado de criança querendo ser homem. Perguntou:

— Ela morreu mesmo, padrinho?

Padre Antônio afagava os cabelos do menino, sentindo as lágrimas quentes molhando-lhe o peito. Os olhos lá longe, perdidos no fim da rua, perscrutavam o horizonte, procurando as barras, uma lágrima ofuscando-lhe as muitas cores, onde o Mestre misturava tintas, enfeitando o céu.

## MARIA ROSA VERSUS ROSEMARY

**Q**uerida tia Perpétua  
Saudações.

Que todos aí estejam gozando boa saúde são os meus votos. Eu vou indo bem, graças a Deus. Tenho muita coisa pra contar pra senhora, tia Perpétua. Eu quero dizer que seguir os conselhos que a senhora me deu, as recomendações que me fez, é muito custoso aqui. Achei tudo tão diferente! Imagina que fui tratar com o doutor advogado aquele assunto sobre o dinheiro do Ricardo, do Instituto, e aconteceram coisas que não esperava. Esse doutor advogado é um homem muito simpático e muito educado. Uma educação fina que só vendo. Disse que se tudo correr bem, conforme, ele nem vai cobrar nada. O que a senhora acha? Como é que pode, se ele nunca me viu? Têm coisas que eu não entendo bem. Aqui a senhora precisa ver: tudo é diferente. Me deu um papel escrito e fechado num envelope e subscrito com o endereço do doutor médico. Fui lá. A senhora não imagina que coisa mais engraçada: eu estava falando com o médico, sem saber que era ele, porque eu nunca tinha visto um doutor tão novo, até mesmo mais novo do que eu. Um mocinho de cara lisinha, que se tiver barba ele faz toda hora. Aí foi ele me contou que o doutor advogado queria um atestado negativo de gravidez. Achei esquisito aquilo, mas foi daí ele me explicou que pra receber o dinheiro eu não podia estar grávida, e o atestado era uma prova de que eu não andei foliando durante todo esse ano que fiquei viúva. Mandou eu tirar a

roupa, mas a senhora já viu? Na frente de um rapazinho daquele? Quando que eu ia fazer isso? Nunca!... De primeiro eu achei que era descaramento dele, mas depois vi que não era, porque ele mandou a sua mulher, que estava lá na hora, me despir e me deitar numa mesa toda coberta com um lençol branco e com uma abertura bem no lugar que ele ia fuxicar. Depois me perguntou se nesse derradeiro ano usei pílula. Falei que sempre usei pílula. Ele e a mulher, aliás, depois fiquei sabendo que não era mulher dele; bem que desconfiava que um rapaz tão novo como falei pra senhora, ter uma mulher mais velha que ele. Aqui os doutores médicos não fazem nada sem a enfermeira rente. Tão diferente daí, que o doutor é homem respeitoso e faz tudo sozinho. Como comecei a falar, todos dois riram quando me perguntou a marca da pílula que eu tomava e eu respondi que era pílula de Vida do Dr. Ross. Falei pra ele que os meus intestinos são presos e só funcionam bem com a pílula. Aí ele me examinou e fez uns testes e me falou na marca da tal pílula que queria saber, um nome muito enjoado de guardar, e me explicou que era pra evitar filho. Aí eu falei pra ele que o Ricardo nunca deixou evitar e contei também daqueles dois abortos que tive aí. Levei o resultado do exame para o doutor advogado e ele disse pra mim voltar lá de tarde, pelas seis horas. Estava muito ocupado, com a sala cheia de gente.

Querida tia Perpétua:

Estou voltando agora lá do escritório do meu advogado. Ainda estava cheio de gente. Ele disse que o processo vai demorar um pouco, que o exame médico era para juntar nos autos do processo. Veja como as coisas aqui são diferentes: auto aí é automóvel, não é mesmo? Esse negócio de processo também não me cheira nada bem. Para ir nesses lugares todos, falar com gente importante, como a senhora está vendo, estou acabando com o meu dinheiro. Aqui é um moer cobre que não tem fim. A gente não pode estar todos os dias com a mesma roupa. Hoje comprei um sapato novo, daquele modelo que sempre não encontrávamos, lembra-se? Gostei muito do sapato,

mas fiquei com os pés em brasa viva. Estou escrevendo para a senhora, dando conta de tudo, que é pra senhora ver como estou seguindo os seus conselhos. Aqui ninguém vai me fazer de boba, não. Não me esqueci do que a senhora me recomendou que a carne é fraca e o que é uma fortaleza é a memória do meu marido.

Tia Perpétua:

Não tem jeito de terminar esta carta de uma vez. São tantas as coisas que a senhora não imagina. Esta é a terceira vez que estou escrevendo e a carta ainda é a mesma. Dr. Rubens, o meu advogado, quer que eu vá ao seu consultório particular, tratar do meu caso com mais tranquilidade. O que a senhora acha? Não terá perigo? Eu estive pensando e acho que isso depende muito da pessoa, da gente mesmo. A dona da pensão, dona Mariquinha... espera aí, esqueci de contar que na pensão que a senhora me recomendou não tinha lugar. Estou nesta da dona Mariquinha, Pensão Flor de Maio. Achei o nome muito bonito, por isso vim pra cá. Simpatizei muito com o nome da pensão. Essa dona Mariquinha me elogia muito e disse que uma mulher bonita e nova como eu, ainda por cima viúva, tem chance de faturar muito aqui em Goiânia. Não sei o que ela quer dizer com isso, porque eu não sei fazer nada, vender nada!...

Tia Perpétua:

Ainda estou na mesma carta. Hoje, se Deus quiser, vou pôr essa bendita carta no correio. Desse jeito, quando é que eu vou receber a resposta da senhora me orientando? Essa não!... O povo daqui é muito bom. Todos me elogiam. As mulheres são diferentes, os homens é que são amáveis. A gente não anda de pé de jeito nenhum. Tem carro que passa na frente do outro pra modo carregar a gente e sem cobrar nada. Parece que ninguém tem o que fazer. Deve ser muito rico esse povo, porque estão sempre convidando a gente pra passear. Quando falo que quero ficar aqui na pensão e minto que meu marido está

me esperando, eles ficam brabos e vão s'embora sem se despedir da gente, não esperando nem agradecer a carona. Imagina cada nome que dão nas coisas daqui... Como a senhora vê, eu estou tomando muito cuidado. Realizei também um grande sonho da minha vida: fui ontem ao auditório da Rádio Brasil Central assistir um programa. Como tudo é diferente do que eu pensava... imagina, o Lindomar tem o mesmo tamanho que eu... pensei que ele era grandão!... Já ia me esquecendo de contar que amanhã vou no tal escritório particular do Dr. Rubens. Resolvi. Ele me telefonou aqui pra pensão, marcando até a hora. Deu o endereço e mandou eu pegar um táxi, que ele paga. Veja como é bom esse meu advogado. Não sei se escrevi certo o apelido do carro de praça, que aqui é táxi. Fui eu mesma que atendi o Dr. Rubens: mais um progresso meu. É fácil de falar no telefone.

Hoje a dona Mariquinha me apresentou um senhor muito distinto, muito bem vestido e bastante rico. Ele me convidou para sair com ele à noite, e, conforme for, ele paga um mês inteiro na pensão pra mim. Olha como tem gente boa ainda. Vou pedir conselho com o Dr. Rubens, primeiro. Não gosto de ficar fazendo perguntas pros outros, que eles podem pensar que a gente é boba. Esse negócio desse senhor da dona Mariquinha está me encabulando tanto!... Titia, eu ando tão confusa... Não estou falando? Lerdei e já chegou a hora de ir no advogado e não terminei a carta. Eu também não quero mandar sem antes saber do resultado com o Dr. Rubens, a senhora não acha melhor?

Minha querida tia Perpétua!

Não te conto nada! Desde que fiquei viúva, ainda não me aconteceu um trem assim. Essa noite não dormi nadinha. Decorei os caibros do telhado do quarto, um por um, as ripas e sei até quantas telhas têm. Vou ver se consigo contar direitinho toda a nossa conversa, eu e o Dr. Rubens. Primeiro ele me perguntou há quanto tempo eu estava viúva. Achei engraçado essa pergunta dele, porque isso ele sabe há muito tempo. Repostei que já faz bem um ano. Foi daí ele me perguntou como eu vinha resolvendo o meu problema. Esqueci

de contar pra senhora que nós estávamos sentados num sofá muito bonito, de couro vermelho. Fiquei embaraçada pra responder. Aí, foi ele me segurou a mão e ficou apertando muito tempo, sem soltar, a minha mão doendo e suando muito, mas uma dor que não incomodava. Perguntou se eu não tomava remédio. Falei que além da pílula de Vida do Dr. Ross eu não tomava nada, que a minha saúde era muito boa. Ele disse que é muito perigoso contrariar a natureza e que se eu quisesse ele podia me ajudar nisso. Pra falar a verdade, tia Perpétua, eu não estava entendendo bem o que ele queria dizer, mas depois que largou da minha mão e começou com outras coisas, passei a entender. Ele me falou baixinho nos ouvidos umas coisas bonitas, que o Ricardo nunca me falou. Tirou os meus brincos, muito fácil de sair, aqueles de pressão, que a senhora conhece. Me deu umas mordidinhas com muito cuidado na minha orelha e me bafejou quente na nuca. Vai daí eu tremi toda e fiz menção de empurrar ele pra lá, mas o danado é muito forte, um bitela de um rapagão novo, bonito até não ter mais aonde. Lembrei na hora, graças a Deus, do que a senhora me recomendou e respondi pra ele que eu sou de uma família muito religiosa e respeitadeira e que o Ricardo pra mim nunca morreu. Que eu aproveitei pouco com ele, mas fiquei satisfeita que vai dar pro resto da vida. Aí, foi, ele disse que admira uma mulher que pensa assim como eu, mas que nada no mundo é insubstituível. Que nós não precisamos de ir em casa de ninguém, que ninguém vai ficar sabendo, que o escritório é um lugar garantido, inclusive tendo todas as condições de higiene. E que por cima disso tudo ele não ia cobrar nada pelos seus honorários (honorários é o nome da conta que eu tenho que pagar pra ele). Disse pra mim fechar os olhos na hora e invocar o meu marido, fazendo de conta, já que pra mim ele ainda não morreu. O que vale é a intenção e que não ia incomodar com isso, não. Esse doutor deve ser espírita, o que a senhora acha? E me pediu mais uma vez que não contasse nada a ninguém quer desse certo, quer não. Mal sabia ele que eu não fico nada sem contar pra senhora, tia Perpétua. O telefone tocava muito e ele nem ligava, o que me dava uma gastura danada. Se ao menos fosse atender o telefone, aquela sensação esqui-

sita que eu estava sentindo até que podia passar, mas parece que ele não escutava o telefone. Lembrei que a senhora disse que era pra ter cuidado que a carne é fraca e que eu confiasse na fortaleza que é a memória do Ricardo. Foi um negócio fora de série!... Tia Perpétua, como é difícil controlar tudo isso! Como é duro ser viúva!... Quando ele viu que eu fiz pé atrás mesmo, ficou nervoso e falou: “Olha aqui, no meu cartão tem os telefones; pela manhã é neste (e marcou com a pena). De tarde é este (e marcou também). Agora de noite é este, que é a minha residência. Aí ele riscou o número da casa e disse que aquele não valia. Se eu resolvesse a fazer o negócio era só telefonar.

Estou sabendo de cor e salteado os dois números do telefone que o Rubens me deu. Mas vou resolver depois que mandar essa carta e receber a resposta. Agora, tem uma coisa, tia Perpétua, as nossas idades, a minha e a da senhora, são bem diferentes, a senhora sabe. A senhora tem o seu marido. Eu quero que se coloque no meu lugar, viúva já de sobreano. A senhora sabe que tenho 25 anos só. Tem noite que quase subo nas paredes e não prego os olhos nadinha dessa vida. Responda com o coração, pelo amor de Deus, tia Perpétua. Receba um abraço apertado da sua sobrinha que muito a estima e quer,

Rosemary

Ah, também esqueci de dizer que inverti o meu nome. Foi ideia de dona Mariquinha, a dona da pensão. A senhora gostou? Eu adorei!...

## CICLO

**E**ra do Secretário da Segurança Pública o ofício que o Coronel tentava ler. Lia pouco, entendia menos, o soldado portador explicando no possível. Agora, dizia o soldado, até o destacamento não chegar, quem vai mandar aqui sou eu. O senhor vai ter que me obedecer. Aí tá rezando que o modo de mandar do senhor não agradou o Governo. E eu, da minha parte, quero saber donde foi que o senhor arrumou esse título de Coronel, que vai nem uma continência male-mal sabe fazer.

Seu Jerônimo, marido aposentado de dona Sinhaninha, assuntava a conversa, a bandeja de bolo deixada em cima da mesa. O soldado exigiu o ciente do Coronel, o que foi feito, a rogo, pelo aposentado Jerônimo. Desse dia em diante quem ia mandar mesmo era o soldado.

Dona Sinhaninha levantou-se bem cedo e esparramou polvilho sobre a mesa, apá para um lado, quebrando ovos, despejando leite, ralando queijo, Jerônimo soprando fogo, amassando na gamela. Depois o marido vestiu o terno, aprumando-se. E bem mais cedo que no dia anterior ele entrava na cadeia, bandeja na mão, cumprimentando seu Soldado, pedindo que fizesse o favor de aceitar, que era o gosto da patroa. Seu Soldado quebrou com as mãos, entupiu a bocarra de bolo, custou muito para engolir e disse que gostava de bolo era com café. Depois, que leite também era bom. E, ainda mais, que gostava de tomar café na hora que levantava e não tão tarde assim.

Seu Soldado vestiu a muda de farda, toda amarrotadinha, e apregoeou que até casamento estava autorizado a fazer. Era só chegar.



E não faltou quem quisesse. Comeu em todas as mesas, participou de todas bolsas, dormiu com quem quis. Maria Gentinha brigava com o marido e dizia para ele pegar exemplo, ser como seu Soldado. *Bolo de arroz*, o quepe de seu Soldado, tinha auréola de santo, resplendor. E todos os pais queriam que os seus filhos, quando ficassem homens, fossem como ele. Houve quem dissesse que mães levaram as filhas para dormir com ele para apurar a raça, ter filhos grandões e inteligentes. Macho, mandão, autoridade, seu Soldado. Orientava o padre nos ofícios, receitava e mandava o farmacêutico aviar, demarcava terras, lavrava escrituras. Tudo, seu Soldado. Até um anjinho morto, a mãe pediu ao seu Soldado que fizesse viver. Ele baixou o facho, disse, benzendo-se humildemente, que aí não dava, só mesmo lá com Deus.

Um dia, como sempre tem, apareceu um nortista e começou a abrir os olhos do povo, dizendo que soldado na sua terra era porcaria à toa, trem sem nenhum valor, pasto para formigas. Seu Soldado soube, mandou que ele “arrespeitasse a otoridade”. Isso foi dito de homem para homem e o nortista colocou a mão no cabo da faca e disse que ele até podia respeitar, mas o seu ferro, por exagero de costume, não ia aceitar respeitar seu nenhum algum. Aí tinha muita gente olhando, apreciando, achando bom, esperando ver no que ia dar aquilo. A verdade é que rolo entre soldado e nortista fede a defunto e logo tudo se concretizou, após o “teje preso” e o “num teje”. Seu Soldado despejou cinco caroços quentes do 38 no nortista, que se virou nos desvios e acabou calcando a lâmina na barriga do soldado. Era uma vez seu Soldado.

Assim que amanheceu, no outro dia, dona Sinhaninha pôs o marido Jerônimo pra fora da cama, que fosse acender o fogo, enquanto ela destampava latas, quebrava ovos, despejava leite, cortava queijo, untava formas, amassava bolo.

Seu Jerônimo, espigadinho, bem composto, de gravata e colete, a bandeja quente e rescendendo aroma no ar da manhã, rumo ao quarto de seu Nortista, pedindo que aceitasse, que era a patroa quem mandava, feito pelas próprias mãos, lá dela.

Seu Nortista, o homem! Proclamou-se o dono da situação, que era quem iria manobrar: rei morto, rei posto. Pegou quatro na venda e mandou sepultar o soldado, embrulhado num lençol; no cemitério, da banda de fora. Soldado, era assim. Agora, com ele, mandos e desmandos. Que andassem direito, senão piariam fino. Novas leis, novas ordens. Todo mundo submisso. Seu Nortista sabia tudo, seu Nortista resolvia tudo.

Disse que não apreciava a Ditadura e, então, organizou uma eleição à sua moda e elegeu-se Prefeito. Democracia! Fez dez vereadores, todos de um único partido, que detestava Oposição. Usou o processo dos protestantes, obrigando os que trabalhavam a pagar o dízimo. “Meus honorários como Prefeito”. Os vereadores que fossem cuidar das roças: que o trabalho dignifica a pessoa e na cidade não tinham nada pra fazer. Que fossem produzir arroz e feijão, únicas coisas concretas da vida, muito mais proveitoso que palpites bestas.

E assim foi e por muito tempo reinou. Aí, no tal dia que sempre tem, chegou o destacamento do qual falara o soldado ao Coronel. Um sargento, um cabo e dois praças. O sargento inteirou-se da situação e foram prender seu Nortista. Ele, nesta hora, estava em casa de dona Sinhaninha comendo arroz de forno e frango, comida de sua predileção. Saiu empanturrado ao chamado do sargento. Os praças estavam de fuzil e o sargento mais o cabo, de revólver.

— Em nome da Lei, teje preso!

— Não teje, que quem manda aqui sou eu, o primeiro mandatário da cidade. Fui eleito honestamente pelo povo livre e honesto dessa comunidade e estou diplomado constitucionalmente.

— Teje preso e larga de prosa, que é melhor!

— Não teje, já falei, quem larga de prosa é o senhor, seu atrevido!

— Prendam o homem! – ordenou aos praças.

Seu Nortista coçou o cabo da faca e os soldados entreolharam-se, resolvendo não sair do lugar. O sargento sacou o revólver e começou a apertar o dedo. O cabo fez o mesmo, mas seu Nortista reparava a hora que eles fechavam o olho pra apontar e desviava dos tiros.

Aí as balas acabaram-se e ele caminhou nos dois graduados, faca na mão. Então, vai daí, os dois praças começaram a atirar de fuzil, mas ele usou da mesma tática. Acontece que um soldado era zarolho e conseguiu *desfechar* o corpo de seu Nortista, pregando o tampo de sua cabeça na parede. Seu Nortista caiu morto e o cuité da sabedoria lá pregado na parede suja de dona Sinhaninha. As mechas de cabelo também pregadas aqui e ali, o sangue borrifado em roda do tampo do crânio, a massa cefálica onduladinha, enfeitando, como um quadro de arte moderna, a parede de dona Sinhaninha.

O povo, tal uma revoada de pombas-do-bando, que havia fugido logo no começo, após o primeiro tiro, as janelas batendo com estrondo, voltou desconfiado, pisando de leve e andando miúdo. Então seu Sargento proclamou a libertação do lugar e sentou-se no trono.

Novamente farinha de trigo e polvilho espalhados, ovos desempalhando-se, fogo no forno, forma untada, leite misturado, seu Jerônimo colocando a gravata tirada há pouco, que havia gente nova mandando na cidade.

## DONA ESMERALDA DOS OLHOS VERDES

**A**s joias de dona Judite haviam desaparecido. Anel que fora presente do esposo, quando noivos, medalha de ouro incrustada de pedras que pertencera a sua mãe, além de outras. O Delegado prendeu todos os suspeitos. Desceu a borracha em todo o mundo. Quase matou um amante e o namorado de duas empregadas da casa. Isso aconteceu no ano passado e, até ontem, nada. Ninguém falava mais no caso. Uma das tais empregadas casou-se e bastou ir trabalhar com dona Esmeralda. Nem semana de emprego, pronto! Dona Judite arrecadou tudo e retirou a queixa, a pedido da professora-detetive. Ela, que já era temida por todos, subiu mais seu prestígio. As adúlteras assustavam-se ao deparar com o verde dos jardins, com o verde dos pomares. A ninguém restava esperança. Temiam até o sinal verde dos semáforos, pois a mulher dos olhos verdes tudo sabia...

Essa dona Esmeralda não se casara, talvez por falta de tempo ou... de candidatos. Eterna abnegada, lecionava no Colégio Municipal e em todas as classes dos serviços sociais da Paróquia. Arrumava a igreja trazendo flores do seu jardim aos domingos e dias santos. Com uns poucos anos de idade a mais que padre Anselmo, tinha olhos grandes e verdes, bem verdes. No mais, uma moça como as outras. Esse *dona*, do ofício de professora, é natural. Os cabelos negros desciam-lhe até abaixo da cintura, tocando o assoalho, quando na banquetta do piano a solar tangos e valsas vienenses. Isso em casa; na rua usava tranças enroladas pela cabeça. Bochechas saudáveis, tais bundinhas de anjo barroco. Mas os seus olhos verdes davam-lhe um encanto esquisito. Meio gorda, bem disposta,

não se sabia onde pudesse conseguir tempo e saber tanta coisa alheia. Apelidaram-na *Notícias da Manhã*, o diário da Capital. Muito interessante vê-la contar, com aquela graça toda sua, qualquer coisa. Tinham-na também como exibida, que ninguém possuía tão lindos dentes, e a boca, um nunca fechar naquele sorriso alvo, tão alvo. Um encanto! Contava, fuxicava, mas era agradável, assim dum jeito bom. Conversadeira, porém o trabalho saindo. Gulosa por doces, os alunos, filhos dos comerciantes, presenteavam-na com bombons, que adorava. Um particular que autorizava a por a mão no fogo por ela: nunca enredou, nunca fuxicou nada para padre Anselmo. Com ele, seriedade e respeito.

Padre Anselmo, trinta e dois anos de idade àquela época. Quem o visse cuidando dos ofícios da sua igreja, diria ali estar no lugar certo, a pessoa certa. Agora, moças e certas senhoras da alta sociedade, vendo o vigário, trajes modernos como um civil qualquer, diriam-no desperdiçado como padre. Havia mesmo quem afirmasse, sem encontrar contestação, ser ele o mais bonito entre os homens daquela cidade. Dos ricos angariava o que podia tecendo elogios, entregando aos pobres na mais santa das justiças. Apesar da boa frequência na igreja, os donativos eram arrancados somente naquela base. Não queria nada para si, mas não lhe agradava um irmão sofrer à sombra do desperdício do outro. Estudava, ainda bastante, como se tivesse que prestar exames sempre. Pretendia defender, se Deus quisesse, muito próximo, uma tese em Roma. A par da evolução da Igreja, enviava sabiamente o seu parecer sobre os problemas, principalmente o da juventude, direto ao Vaticano. Nunca recebera uma resposta sequer, nem sendo acolhido nem com ordens para parar com aquilo...

A casa paroquial era verdadeira escola de arte e ofício. Curso primário, curso para adultos analfabetos, escola de corte e costura, datilografia, arte culinária e trabalhos manuais. As classes estavam sempre ultrapassando as vagas, alunos sem carteiras, sem cadeiras, de pé pelos cantos. Lutava corajosamente com um orçamento sempre deficitário, pois tudo era grátis e as arrecadações nunca davam nem para as metades. Verbas, as tão sonhadas verbas... com aquele povo

radical, sempre da Oposição?... O que o fazia tocar para a frente era a grande fé em Deus e, abaixo d'Ele, dona Esmeralda.

Dona Betinha, que enviudara muito cedo e já fora a rainha da cidade no tempo de solteira, não se atrevia a fazer uso de suas lindas e apetitosas carnes, apesar da cobiça ser enorme. Desejava casar-se e não deixava ninguém por a mão. O artigo de primeira água estava exposto, mas na legalidade, sem licença de ser tocado. Sofria com isso, a coitadinha, e não convinha arriscar-se, pois os olhos verdes de dona Esmeralda estavam por todos os lados. Houve até muitos pretendentes para sua mão, que ela recusava com explicações não convincentes. O caso, ninguém sabia, nem mesmo o faro infalível da professora, é que curtia uma paixão sofredora por padre Anselmo. Dessas paixões doentias, sem remédio. Confessava-se com ele, dizendo do seu sofrimento. Dizem que para quem sabe ler um pingo é letra, porém o padre pareceu não entender as suas intenções, apesar dela pôr quase todos os pingos nos is. Talvez até entendesse. Quem é que já não foi tentado pelo demônio? Nem Jesus Cristo escapou. A viúva mantinha a sua esperança e esperava que, se alguma coisa acontecesse, mesmo aos olhos de dona Esmeralda, ainda seria segredo.

As tais madames frequentavam, semanalmente, na Capital, boutiques, costureiras, cinemas e o teatro, quando uma peça era bem badalada. Iam com os seus maridos ou sem eles. Uma corrente de infiéis esposas e também de infiéis maridos que dava extravasamento ao instinto delicioso do adultério. E era cada um para um lado, talvez fechando os olhos em orgasmos simultâneos.

O inferno no confessionário começara havia seis meses. A mulherada enchia a igreja para ver padre Anselmo. Muitíssimo aseado, barbeava-se com esmero, terno cinza, camisa preta, que dava muito bem com a sua cor moreno-claro. Cabelos pretos repartidos de lado. Olhar de ternura, rosto simétrico. Os sapatos, espelhos. Abafava sem saber. Dona Georgina, dona Tânia, dona Mariazinha; a Zulmira do Tadeu da farmácia, Eulália do Juiz de Direito, Mme. Rosinha do Dr.

Jorge, dona Luzia e dona Gracinha, as irmãs Marilda e Marialva, mais uns pares de Marias, todas elas ajoelhavam-se semanalmente diante do confessor, a contar suas mazelas, pedindo vênia, alegando sempre que a carne era fraca. Seu vigário dava sábios conselhos, desfiava capítulos da História Sagrada, citando exemplos. Elas saíam com lágrimas nos olhos, mas voltavam na próxima semana, os mesmos pecados. O padre tinha hora que quase engasgava, a fala não saía, embasbacado. É que elas já não se contentavam em contar apenas o pecado, mas explicar minuciosamente como foi acontecido, como foi feito. Assim, também não, gente, para lá! Ele ficava nervoso, febril, não coordenando mais nada. Depois rezava muito, o que lhe restituía em parte a calma. Olhava sempre com pavor para o cubículo do confessionário. Preferia as velhas que martelavam diariamente os mesmos resmungos.

Dona Mafalda, mulher madura, a mais bonita delas, e... também a mais sem-vergonha, já não se contentava em não ver a cara do padre: puxava a portinhola de pano preto para que ele visse o seu lindo rosto. Fechava os olhos, as bagas de lágrimas lhe escorrendo pelas faces, os lábios muito carnudos, os dentes alvos, a implorar-lhe a absolvição. E vai ele na mesma ladainha mandando-a rezar dois terços seguidos, mas lá em casa. Essa dona Mafalda acusava o esposo de não lhe dar a devida *assistência*, um homem frio que não deveria nem ter se casado. O padre discordava disso ser motivo de contrariar um dos Dez Mandamentos das Leis de Deus. Talvez fosse uma provação, porque Deus, na sua infinita bondade e sabedoria, nos experimenta, dando-nos a recompensa depois. Ela concorda dizendo que sim, olha dentro dos olhos dele e fulmina-o com leve sorriso de aquiescência. Mas como num filme em série, na próxima semana, lá vem a malfadada de novo, agora não se contentando com o confessionário, pedindo para ser atendida na Sacristia, as portas bem fechadas. Cruza elegantemente as pernas, o padre de frente, olhos fechados para não ver.

Dona Betinha, chorando sentida, desfia-lhe o rosário de amarguras, a carne secando sem proveito, mostrando-lhe o seu sacrifício para manter

de pé o moral, a honra. Padre Anselmo, segurando-lhe as mãos, elogia a sua pureza de espírito, distinguindo-a das outras, puras e simples pecadoras. Ficou desconsertadíssimo quando pediu que se casasse com ela.

— Mas minha filha, eu sou um ministro de Deus, tenho voto de castidade, a Igreja não me permite casar!

— Ora, padre Anselmo, larga a batina, os colégios estão precisando tanto de professores!... eu também tenho um recursozinho...

— Minha filha, você está falando boca do demônio... Pensei que estava pura, mas Satanás a possuiu!...

— Ara, bobagem! Pense bem no caso. Eu preciso muito do senhor, padre Anselmo. Quero ser sua, só sua, entendeu? Eu não lhe agradeço? Nós ainda vamos casar, se Deus quiser...

Padre Anselmo, às tontas, abriu a porta, convidando-a para sair.

Dona Lazineira chegou até a dizer-lhe que já havia arranjado um lugar muito reservado e sem perigo, na Capital, onde eles poderiam encontrar-se. Que o que é bom e agradável não é pecado. Se Deus pôs as coisas boas no mundo foi pra gente aproveitá-las. Ele chegou quase a excomungá-la, pedindo-lhe que saísse imediatamente e que, doravante, somente a atenderia no confessionário. Ela, parando na porta, voltou-se e disse:

— Pense bem no caso. O lugar eu garanto que é sem perigo.

As raízes do mal têm uma força de penetração terrível. Foram alastrando-se, aprofundando-se e pegaram o peito de padre Anselmo. Também, quem aguentaria aquilo? Tentava reagir tenazmente rezando muito e trabalhando ainda mais. Mas as propostas aumentavam. Vera Lúcia, mãe de seis filhos, a de mais juízo entre elas, confessando-se sempre arrastada por uma coisa invisível, inexplicável, chegou a pegar-lhe a mão, gelada naquela hora, e brincar com ele:

— Nossa! Que mão mais fria, padre Anselmo! Segundo o ditado, o coração deve estar bem quente, não é mesmo?

Essa Vera Lúcia, ele teve esperanças com ela, de levá-la ao caminho do bem, mas agora caíra do cavalo. Ficou descorçoado. Fê-la ver que ele era representante de Deus aqui na terra e que o seu sacrilégio poderia levá-la diretamente ao inferno. Ela pôs-se em choro, dizendo que a sua



vida já era mesmo um inferno e acabou culpando a tal coisa invisível. Absolveu-a e passou-lhe uma penitência dos diabos: rezar pelas vocações sacerdotais e tratar de três famílias pobres por uma semana, sendo o seu marido reconhecidamente unha de fome, embora rico, bem rico.

Mas o negócio não ficou aí. Padre Anselmo lutava com todas as forças que Deus lhe dava. Como tudo fosse feito dentro de muito segredo, segundo lhe relatavam as confessantes, ele apenas sabendo, aproveitava para dizer a cada uma, em separado, que estava manchando o bom nome da cidade, sendo a única adúltera entre aquela população toda. E elas lhe respondiam, por sua vez, que jamais alguém ficaria sabendo, a não ser que ele próprio contasse, mas para isso confiavam no segredo do confessor. Ou não poderiam confiar? Diziam-lhe ser aquilo muito natural, pois nos países civilizados havia até escolas de adultério. Ele então rebatia, dizendo estarmos num país subdesenvolvido, extremamente católico, e que isto não justificava.

— Eu acho que há muito exagero na nossa religião – disse dona Rosinha.

— Pois então o que é que a senhora vem fazer aqui, criatura?

— Confessar-me. O senhor não tem o poder de perdoar os pecados dos outros?

— O sacerdote perdoa em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas para isso é preciso que o pecador renuncie ao pecado, prometendo não repeti-lo. O que acontece é que a senhora não leva o caso a sério e toda semana está aqui incurso no mesmo erro, neste tremendo pecado mortal!

— Eu prometo que não virei mais ao confessor...

— Isso não basta. O que se faz necessário é não pecar mais, pelo menos não repetir os pecados. A senhora poderá enganar o sacerdote, mas jamais ficará impune aos olhos de Deus.

Dona Mafalda, também durante a confissão, disse ter lido numa revista um artigo de um renomado sociólogo, afirmando ser lícito o ato sexual fora do cônjuge, quando ele não é satisfatório, bem realizado no lar.

Padre Anselmo respondeu-lhe que a Igreja não pensa assim e ela, sendo católica, deveria viver dentro das leis da sua Igreja.

— A senhora diz ser o adultério legal, pois bem, por que é então que a senhora vem confessar-se culpada, depois? Se é tão legal assim, por que não pratica publicamente?

— Eu não disse que é legal, só disse que havia lido na revista... Quanto a este negócio de publicamente, o senhor está errado, padre Anselmo, porque o ato legal também não é feito em público. Ninguém é animal, padre Anselmo!... Até as refeições a gente não faz publicamente.

— Bem, a senhora não pense e nem faça isso mais. Cuidado com as más línguas e más leituras, as más publicações.

Pegou um catálogo das Edições Paulinas e deu-lhe:

— Estes, assinalados, são os livros que a senhora deve ler.

Quem conhece as delícias do adultério não fica mais só com o cônjuge, dizem. E as ignorantes ou sabidas senhoras apelavam pela absolvição a padre Anselmo, prometendo não pecar. Era raro ele entrar na sacristia e já não estar ali uma delas, sentada, esperando-o. No confessionário largava a pecadora lá, não a absolvendo. Mas ali, portas fechadas, não tinha jeito, não havia escapatória. Atentavam tanto que ele absolvía logo, para ficar livre e não cair também em pecado.

Neste ponto a vaca já ia indo para o brejo. Toda aquela reserva que a castidade acumulara durante anos estava para vir a furo, extravasar-se. O demônio trabalhava feio nos domínios de Deus. Padre Anselmo dormia mal, não conseguia ler atentamente, as ideias sobrepondo-se, o capeta rompendo na frente. Ele não queria ver nenhuma das infames, mas apreciava vê-las. Sentia-se bem e mal durante as confissões. Dona Marilda chegou a dar-lhe um beijo furtivo, dizendo que era para vingar-se do esposo que a traía. Até alta noite ficou trancado no seu claustro, de joelhos sobre grãos de milho, orando fervorosamente. Na manhã seguinte não ousou celebrar missa. Julgou-se manchado, indigno. Dona Esmeralda ficou incomodadíssima e levou-lhe o Dr. Jorge, médico de sua família. Desde então começara a barrocada. Até nas imagens dos santos ele via os semblantes das pecadoras. Quantas

vezes não tinha de recomeçar a leitura do Breviário, pois perdia-se em divagações, pensamentos desordenados, o inferno queimando. “Deus, dê-me força, meu Deus!” – pedia, rezava.

Agora as *benditas* frequentavam mais amiúde a igreja. Padre Anselmo pensou em aproveitar a oportunidade e exigir donativos para a causa da educação em sua paróquia, compensando parte daquela heresia, tentando justificar o meio pelos extremos. Chegou a falar com algumas delas. As vigaristas, parece que combinadas, somente cederiam, colaborando gordamente, se ele também cedesse. Eram os trunfos sobre a mesa, de ambas as partes. Mas, tudo no particular. Resolveu não ceder, mas já não suportava mais ficar sem experimentar o fruto do amor.

Vencido na batalha do sexo, capitulou com rendição condicional: optou pelo matrimônio. Escreveria ao Vaticano, pedindo dispensa do voto de castidade, licença para casar-se. Se não conseguisse entraria para a Campanha do Conselho Pastoral da Holanda, que é contra o celibato eclesiástico. Redigiu o mais comovente apelo ao secretário do Santo Padre. Citou os artigos sobre o preparo dos futuros sacerdotes, “Onde os jovens seminaristas receberão uma Educação Sexual apropriada, com pleno conhecimento da gravidade”, evitando a catástrofe futura, a debandada dos padres pelo mundo todo, como está acontecendo. Tentava provar não ser dele, e sim um problema generalizado. Relatou, ainda, o seu desempenho ministerial como vigário da Paróquia, os serviços sociais, um trabalho mais sociológico que teológico. Manteve correspondência com os demais colegas da causa pela absolvição do celibato.

A tentação, muitas luzes, muitas cores. Fugia a encontros que não marcava. Mais magro a cada dia, as olheiras denunciando noites em claro. Ele que era orador ardoroso, ficava nas repetições, as palavras no ar, pelejando pelas frases. Os fiéis preocupados. As madames apertando. Fazia-se duro, mas já não se aguentava. Do púlpito divisava sorrisinhos irônicos martirizando. Na Consagração, em vez de baixarem a cabeça, olhavam firme para a cara dele no mais vil dos sacrilégios. Resolveu casar-se mesmo e *contra quem quer que fosse*.

Uma Madalena ofereceu-lhe uniformes completos para cinquenta crianças: bastava ceder. Parecia até, quem sabe, uma aposta entre elas. O diabo, dentro da igreja, campeava feio.

Recebeu uma carta de total apoio dos padres da Holanda. Garantiam a capitulação do Vaticano. Ficou reforçado no seu propósito: casamento mesmo. Se não concordassem, iria lecionar no Colégio, como lhe dissera várias vezes dona Betinha. Falou com as principais pessoas da comunidade, pedindo parecer. Quase todas apoiaram. As madames, aquelas, acharam ótimo: dobrar homem casado, muito mais fácil que sacerdote com voto de castidade. Em dona Betinha já viam a futura vítima. Os homens, tarados na viúva, viram também o fino, neste casamento. Que tentação deliciosa conquistar a mulher do padre!

Dona Esmeralda, com seus lindos olhos verdes, não fora consultada. Achou padre Anselmo ingrato, mas não se manifestou, pois respeitava-o muitíssimo. Talvez pensasse que ela não aprovaria, ou então, para ver o tino descobridor. Uma prova!

Dona Betinha flechou em cima das costureiras e a dona de “La Femme Chic” saiu com as auxiliares em domicílio para enfeitarem-lhe os pés, as mãos, os cabelos. Isto foi notado até por quem não era de notar nada. A viúva, na dela. Esperavam-se as rajadas da metralhadora de balas verdes, o que não se deu, encabulando todo mundo. A professora continuou engordando sempre um pouquinho mais, nos doces e bombons.

A bomba estourou entre as adúlteras anônimas: dona Esmeralda era a noiva! O Meritíssimo sr. Dr. Juiz de Direito, esposo de dona Eulália, ficara encarregado de pedir a sua mão. Ah! Isso não! E não mesmo! Adeus segredos! Esmeralda, a detetive, arrancaria do marido-padre todos os podres das perfumadas senhoras. Ninguém pensara nesse perigo. Formou-se uma campanha sistemática em defesa do celibato de padre Anselmo. Bem fazia a Igreja em proibir o casamento de sacerdotes, lembraram. Redigiram até um manifesto assinado pelas pessoas mais significativas, ao Vaticano. Tudo para salvaguardar a honra e a moral das abnegadas famílias. Muito interessante ver como se resolviam rapidamente as coisas.

Houve uma assembleia com a presença dos interessados, a fim de dialogar com o padre. Todos tinham o mesmo interesse, embora batendo-se por outros pontos, abordando outros assuntos, pois como disse, cada um ignorava a situação do outro, embora o problema fosse comum. Somente o vigário estava ciente de tudo. Os verdes olhos que o encantavam desencantavam os demais. O seu anjo divinal, o Satanás deles.

Nos lares dos maridos enganados e honestos reinava a discórdia. Eles não entendiam tamanho interesse assim tão repentino pela religião. Religião era ir à missa todos os domingos e mandar os meninos ao catecismo. Nunca elas pediram nada para contribuir e agora aquele empenho. Mas como nem o Diabo pode com a mulher, o jeito, entrar na dança, ceder.

Padre Anselmo, mais inteligente, tinha os trunfos e derrubava todo mundo no diálogo. Não tomara conselhos com eles? Por que não disseram antes? Agora já estava resolvido e manteria sua posição. Mostrou a carta dos colegas da Holanda e a farta correspondência dos seus adeptos. Era uma questão universal e não um caso isolado.

Por todas aquelas semanas de batalha nenhuma delas foi à Capital e muito menos ao confessionário. Publicaram um manifesto no *Notícias da Manhã*, dizendo que a Sociedade não aceitaria um padre casado. Os pais não permitiriam mais a frequência dos filhos na escola da Paróquia e nem no catecismo de dona Esmeralda. Era a preservação da moral e dos bons costumes das tradicionais famílias cristãs. Padre Anselmo respondeu ao manifesto na mesma coluna, com bons argumentos. Concedeu entrevistas.

Nesse ínterim o correio entregou na casa Paroquial um envelope com timbre do Vaticano. Padre Anselmo tremeu o esqueleto.

Ao terminar a leitura, chorava como uma criança e andou muito pelo quintal, orando. Releu-a várias vezes. O próprio Paulo VI assinara a carta. Dizia de Sua grande decepção, pois recomendara-o bispo regional assim que a idade permitisse. Que todas as opiniões emitidas por cartas haviam sido acatadas e estavam até servindo para citações durante o Concílio Ecumênico. Estivera na pauta ser con-

vidado para defender tese na Santa Sé. Que agora teria que começar tudo de novo, mas que confiasse em Deus e nEle e pensasse na infinidade de brasileiros dependendo de sua ajuda. E, que tomasse cuidado com as tentações do demônio. Foi o *c'est fini*, o *consumatum est*. Mas, *Maktub!*

Padre Anselmo caiu dos seus propósitos. Voltou a si, violentamente. Que Deus e o Santo Padre o perdoassem. Fora uma grande prova, uma experiência bastante amarga. O capeta viera-lhe enfeitado demais. Aquelas paroquianas quase o levaram à perdição. Devia muito à dona Esmeralda, pois fizera que tudo se protelasse.

Se não soubesse agir, de agora em diante, seria iminente a sua demoralização. Teria até que mudar de Paróquia. Mas confiava na Providência Divina que lhe dera bastante inteligência. Tivera os seus momentos de fraqueza, mas tiraria proveito, vingando-se daquelas infieis.

Nesta meditação, dona Esmeralda quis lhe falar em particular, o que nunca ocorrera. Ficou satisfeito, pois ali mesmo poderia fazê-la compreender, dizer-lhe da sua resolução, mostrar-lhe a carta, pedir as suas desculpas.

A moça foi quem começou a falar. Estava alheia. Disse-lhe que se guardara em retiro por muitos dias, meditara bastante e vinha agradecer-lhe a escolha tão honrosa. Mas... ela o respeitava muito, havia se acostumado à sua pessoa como sacerdote, tinha-o quase como um santo e não poderia deitar-se com ele numa cama. Falou-lhe até. Chorou também, enquanto o padre ouvia, a bendizer aos céus, rezando, agradecendo a Deus e a Nossa Senhora, à Sua Santidade, o Papa Paulo VI. Considerava aquilo o único milagre ocorrido em toda a sua carreira sacerdotal. Como é que se escapa, resvalando à beira do abismo e se acaba em cume de montanha?

— Esqueça-se, minha filha. Tudo está como antes. Não foi você quem resolveu e sim a Virgem Maria. Está sendo feita a vontade de Deus. Peço para que não comente a sua desistência. É uma confissão. O segredo morrerá conosco. Combinado?

Não lhe mostrou a carta, nem mostraria a ninguém. Nunca, jamais daria o braço a torcer àquela cambada!

Redigiu um documento, uma espécie de contrato entre ele e os nomes mais representativos, aquela catrevagem toda, e marcou uma assembleia. Nesse papel estava o orçamento anual para os serviços sociais, válido por cinco anos, em que cada um contribuiria com materiais e dinheiro. Continuará como vigário respeitando a lei do celibato, como desejavam. No documento estava a vontade da tal Madalena, contribuindo com os cinquenta uniformes. Exigiu, como os protestantes, o dízimo na sua justa acepção. Luxou no orçamento. Castigou. Aplicou juros, custas, *correção monetária*. Ninguém estrilou. Até pelo contrário: “Então faltavam todas essas coisas tão úteis?” “Muito razoável, muito razoável”. “Coitadinhas das crianças... tão desamparadas...”

— Durante a missa de domingo farei um esclarecimento ao povo. Após a comunhão geral assinaremos isto – e ergueu o contrato –; concederei apenas mais uma vez o privilégio aos beneméritos da Paróquia de confessarem-se na Sacristia.

Tudo aconteceu numa sexta-feira à noite. Pela manhã do sábado, todo o horário da tarde estava para mulheres e o da noite, para os homens, às confissões. Pedidos por telefone, com hora marcada, ao modo das consultas médicas.

O padre ia rasgando logo, sem esperar pelos pecados, dando a mesma sentença para todos:

— Fique ciente, a senhora, de que não absolverei mais por pecado de adultério. Na reincidência, enviarei carta anônima ao seu marido. Se perdurar, aí mandarei a carta para a dona... bem, a senhora já sabe para quem é, não sabe?

Para os homens, o mesmo sabão.

Daí por diante a igreja engalanou-se e os serviços sociais deram muita alegria, conforto e luz aos humildes. Os ofícios traziam o templo repleto e a frequência do confessionário caiu bastante, ficando na rotina, que ninguém tinha pecado importante que valesse a pena confessar.

## FORÇA DA TERRA

**D**e pouca conversa, sistemático, o pai, o jeito era ir. Resolução difícil, porque o rapazinho deveria andar muito, afrouxando animais e inteirando viagem em trem de ferro. Desejo suplicado da mãe, agora morta. Por quanto tempo ficaria ausente? Em julho, viria? Para as férias grandes de fim de ano, a dificuldade da viagem, o tempo das águas? Torná-lo homem formado, doutor, o importante. Uma vida diferente, necessária.

“Fiíco até que bem podia ser meu filho”, pensava o velho Sinhô. Nunca se casara, mas gostaria de ter um filho assim como ele. Agora, aos dezesseis anos do menino, se apartavam. Fiíco contrariado, que o que ele pretendia era ajudar na lida da fazenda, a inclinação.

Resolução tomada, pé na estrada. Dois burros e uma besta, a tropa. Os machos selados, a mula com as bruacas cobertas pelos ligais. Fiíco atrás de Sinhô, cabresto da cargueira amarrado no arreio. O guia encurtava rumo, tentando atalhos muitos, seus conhecidos. Então, hora que a estrada sumia, rumava pelo instinto, que para isso era bicho. Buscavam o povoado de Tavares, até onde chegava trem de ferro. As coisas do rapaz, coisicas, que no Diocesano tudo precisava ser novo e diferente daquilo que usava. As bruacas repletas de produção da indústria caseira. Com a venda ou troca, que o dinheiro corria pouco, o peão levaria para a fazenda as imprescindíveis manufaturas do comércio, aproveitando a viagem.

Matula farta de frango, rapadura e queijo, paravam à beira dos riachos, sombra sempre. Comiam e bebiam conversando, enquanto os



animais, livres dos freios, pastavam no jaraguá ou meloso, de verde tingidos pela força das chuvas. Começo de ano. Chuvas contínuas, por vezes, tiveram que vadear, antes leitos secos, agora a correnteza afrontando. Nos rios de água, que nunca cortaram, buscavam as cabeceiras, contornando. Na seca, Sinhô fazia a viagem em quatro marchas, garantia. Agora, não dispensando ajuda de Deus e Nossa Senhora, mais seus santos de confiança, dez dias, no pouco. E lá vai, dando explicações, citando nomes de moradores, contando casos acontecidos nos locais por onde passavam. Cada cruz, com verdade ou sem ela, a estória para distrair o menino. Em cada pouso todos tinham alegria em atender o filho e o peão de Quincas Bernardes. Era também conhecida a sua rixa com o vizinho Zeca Moreira, questão de divisas. Embirração de velhos caducos, embora as idades não dando ainda.

E no gingado de passos seguros, Sinhô velho entretinha, animando Fiíco, comparando vida de cidade com vida de roça, homem estudado com matuto ignorante. Ser doutor, sabido, que o negócio era serrar da banda de cima. O menino rompia, contrariado, Sinhô estava vendo, que o que ele gostava era lidar com o gado, plantar roça assim que chovesse, estar ali rente, pedir bênção pro pai quando fosse dormir, quando levantasse. Agarrar garrote pelo rabo na corrida do cavalo. Os dois, Sinhô mais ele. Armar arapuca, pegar inhambu e jaó, derrubar pomba-do-bando lá das grimpas com a espingarda chumbeira, atirar veado e paca de riba da rede, na espera. Arrancar pias e piaparas da água limpa e mandi-amarelo quando chovesse. Isso sim, que era a vida dele, desejada. Ser doutor demorava muito. Todo doutor é homem feito, passa a vida estudando, sem ver, de menino virando homem, não fazendo nada daquilo que acha tão bom, que na cidade não tem nada disso. Sinhô desconversava essas ideias, que na cidade tinha outras diversões, diferentes, tão boas ou melhores. E repetia e batia numa tecla só, que para o menino era música que amolava.

Antecedendo a chegada, os vestígios da cidade. Carros de boi, cargueiros, gente cruzando. Enfim, Tavares. Apenas uma praça rodeada de casas, quase todas comerciais, em função da estrada de fer-

ro, a estação dominando, soberba, destacada, que tudo da cidade e da redondeza era lá. Esparramados, casebres de taipa e adobes.

O trem. Descarregou. Manobrou. Abasteceu de lenha. Bebeu muita água. Virou-se, que Tavares era ponta da linha, carregando com o Fiíco e mais um mundão de coisas, limpando a plataforma. Vagão de passageiro era um só, o restante de carga. Durante todo o dia em que a composição descarregava, Sinhô, melhor que o pai sendo, recomendou ao Abrão sírio para cuidar de tudo, comprar o que fosse preciso, o Quincas Bernardes pagaria na colheita. Seu Abrão também levava um dos filhos para internar no mesmo colégio, o dos padres, de Uberaba. Deixou lá com ele a carga das bruacas e abasteceu-se do necessário. Saudade já do rapazinho, unguido de ternura, tocou de volta, assim nem bem amanhecera, que na véspera aproveitara para por a *escrita* em dia. Uma roxa velha e suja fez tudo para seguir com ele. Ele, hein?...

Sinhô peão empurrava a pequena tropa, um animal para troca de sela, podendo a viagem render mais. Pretendia fazer pouso no velho Vicêncio, amigo do Quincas e amigo também do Zeca Moreira. Desejava conversar bastante sobre o assunto da velha rixa entre os dois, pois não via com bons olhos o resultado daquela encrenca. Velho Vicêncio era ponderado, respeitado por ambos e... quem sabe? Conversaria muito com ele.

Chegou turvando. Tudo lhe foi franqueado com gosto. Amilhou os animais e soltou-os com as peias. Era, esse Sinhô, caboclão forte, cabelos pintando, poucas falhas de dentes, de um ar assim comunicativo, bom demais da conta de se fazer amizade. Maneiroso, não apreciava banhar-se, mas em casa dos outros mostrava-se asseado. O banho no fundo da horta, aguão bom e morno que escapava do bicamente do monjolo. Jantou no respeito, repetindo prato, mas gabando muito a comida, que já era tempo não comia tão bom assim, de-comer feito por mãos de mulher. Para muitos lados foi a prosa até cair no assunto, a rixa dos birrentos. Mas voltava sempre para a

invernia querendo derreter o mundo, aquele godó danado, o viço das plantas, a gordura do gado, as dificuldades de-um-tudo.

— Ainda um dia, Deus ajudando, saio lá, faço os cabeças duras apertar os ossos.

— Não acho fácil, não, seu Vicêncio. O Seu Quincas até que tem muita beirada de chegar, mas aquele Zeca, sei não. É homem dos mais ignorantes.

— Nada, Sinhô, tudo cabeça dura. Tanto um como outro. É preciso um de fora, que seja amigo dos dois...

— O senhor!

— Eu mesmo.

— Aí tá certo. O senhor tá dos mais certos. Eu, como lá diz, sou um simples peão, mas ando amolado com esse caso. Ainda mais agora que o Fiíco foi estudar. Seu Quincas deve tá matando tatu a grito.

— Mas o Quincas não fazia gosto no estudo do menino?

— Fazia, mas ficou dos mais contrariados. Muito agarrado, ele mais o filho.

— É, filho único dá esse agarramento mesmo.

— Tendo mais reparte os cuidados...

— Eu aqui tenho uma cambulha, mas sempre tem um que puxa mais a gente. De em antes era o caçulinha. Agora 'tou bancando o cavalo de um netinho.

— Ah, sim! Diz que neto ainda é pior, não é mesmo?

— Muito pior. Neto é filho com rapadura.

— Já vi falar.

— Mas quando foi mesmo que eles brigaram?

— Ah, isso é sempre, pelo menor motivo. A porcada solta aprendeu a sair lá e volta com as orelhas cortadas.

— Cortada? Um pique?

— Pique? Que mané pique que nada, seu Vicêncio, cortada tudinha, a coisa mais feia. Homem, ói, até que os bichinhos fica engraçado...

— Mas isso é judiação, Sinhô!...

— Judiação das maiores que tem, coitado dos bichinhos, tão inocentes...

— Isso é demais, as criações não têm nada com as desavenças dos donos.

— Ainda na sumana passada ele prendeu uma novilha nossa, que atravessou o valo e foi sair lá. Fui buscar ela. Foi baixo! Não aceitou. Fez exigência da presença do patrão pra lascar na cara dele os pior desaforo. Seu Quincas ficou brabo, mas não falou nem arroz. Ele é daqueles que remói por dentro e não fala essa boca é minha.

— Isso que é pior.

— Pois aí que tá o meu medo de um dia sair qualquer trem ruim, qualquer desgraça por lá. Se isso acontecer, Deus livre e guarde, Fiíco larga pra lá os estudos e vem bater aqui. Como eu falei pro senhor, o menino é muito chegado com o pai.

— Mas pra isso se dá um jeito. O menino também não vai ser preciso ficar ciente de tudo. Ele tem lá seus estudos pra cuidar.

— Ah, meu medo taí, que se por acaso, Deus livre e guarde, como já falei, de qualquer coisa ruim acontecer, ele sabendo, vai vim e não vai querer voltar mais. Vai contrariar os gostos da finada Nestina, que tanto pediu antes de morrer.

— Mas não aconteceu nada e nem vai acontecer, se Deus quiser. Eu prometo de sair por lá logo depois das colheitas.

— O senhor promete mesmo, seu Vicêncio?

— Ora, palavra! Toque aqui.

O dia mal desturvando a madrugada e já o mulato Sinhô afivelava as correias da tropa. Os animais tremiam o pelo devido à raspagem recente. Mais uma vez amilhada, a tropa largou-se, passando nas cancelas, assustada. Sinhô, de pito novo grosso e forte, aconchegado no canto da boca satisfeita e quente do café adoçado com rapadura, safra velha. Ainda longe, mesmo não se enxergando bem, despedia-se seguidamente da turma esparramada pelo curral.

Também Fiíco se despedia de seu Abrão e, desconfiado como bicho que entra em roça de mantimento, penetrou no casarão do Colégio pela mão acolhedora do irmão Marista. Ali, apesar do conforto e da instrução ministrada, seria o seu cativo, gaiola

de pássaro acostumado em céu de grandes azuis. Seria o gemido de um carro de bois cortando os altos da cidade, melancolia arrochando-lhe o peito sofrido.

Pelas primeiras chuvas, o cheiro da terra molhada fazia o menino respirar forte, uma vontade doida de sair semeando milho, três grãos atirados na cova e o pesão direito arrastando terra, cobrindo. E ele passava o tempo comparando: ao levantar, rezar na capela, a turma toda, e, então, levava, imaginando, o balde, o pano limpo e o sedém, ordenhava as vacas, cortava cana. Para o refeitório, carregando o jacá de milho às costas até o mangueirão, espantava as galinhas e despejava para a porcada. Finda a refeição, os porcos também estavam tratados. Aluno de bom comportamento, não era aplicado. Não entendia bem as lições. Durante as aulas vivia aluado, esticando cercas, fazendo portei-ras. Trazia o gado para o curral, ajudava Sinhô. Em plena classe, muito sério, bastante cauteloso, os olhos negaceando no teto da sala a pomba ou o jacu imaginários. De roceiro, essas coisas.

Peão Sinhô sentia mais a falta do rapaz que o próprio pai, que era calado, sistemático. Nunca tocava no assunto do estudo do filho. Todo repique de inhambu-chororó no pé da serra ou nas palhadas apertava o seu peito forte, comprimindo fundo. E quando a pomba torcaz gemia no galho alto das árvores, peão Sinhô cantarolava engrolando qualquer cantiga besta para abafar. Depois, no repasse do poldro domado, sentia uma necessidade sem tamanho de ver o menino: era para ele que entregava o freio, quebrando o animal pra lá e pra cá, soltando e segurando o trote, tirando a prova dos nove, confiado.

No começo do ano seguinte, Fiíco recebeu uma carta comprida do peão. Foi a primeira. E antes não tivesse recebido, porque depois não teve mais sossego. Nela Sinhô contava, com muito cuidado, no jeito dele, a morte de Quincas Bernardes. Mas para chegar aí rodeou muito toco, falou das criações, que tudo ia muito bem, não se preocupasse não. Continuasse estudando, que ele queria vê-lo doutor formado. Que para isso nunca iria lhe *faltar nada. Podia confiar.*

Mentiu dizendo que morrera de repente, doença do coração. Chagas de *barbeiro*, ninguém sabia. Que rezasse bastante, das rezas novas aprendidas na escola. E também desculpasse os erros, que a carta fora ajudada por seu Vicêncio.

Os padres estavam a par, sem que ele a tivesse mostrado. Procuraram prepará-lo espiritualmente. Aumentaram-lhe as considerações, mas ele vivia, carregava os dias, impassível.

Sem licença e sem impedimento, largou-se pela Mogiana, baldeou em Araguari e chegou a Tavares. Seu Abrão deu-lhe bons conselhos e pediu que fizesse um pouso em casa de seu Vicêncio. Facilitou-lhe a ida, arranjando-lhe dois cavalos. Dispensou companhia.

Com direito a mundo aberto, era já homem de dezesseis anos e órfão completo. Resoluto, seguiu para casa. Levava um punhado de balas 44 da loja do sírio, certo que Sinhô esconderia o carregamento da carabina. Estava com pressa de chegar.

Quem desce o espigão que divide as águas do Turvo com o Rio dos Bois, seguindo para as divisas de Quincas Bernardes com Zeca Moreira, sai do cerrado e entra na invernada de pasto batido, um desbarrancado fundo, separando as duas propriedades. Mas assim que o caminho comum se bifurca, está um jatobá respeitado, os galhos fendidos pela fúria de dois raios. Fiíco sopesou o animal, as rédeas tesas. Protegida pela árvore, à sombra, a cruz espetada na cova coberta por pedras. Quatro dias quase sem comer, só um pouso, algumas paradas, poucas. Sentiu uma friagem na testa, a vista turva, firmou-se na sela. Desapeou. Os animais ali quietos, obedientes. Fiíco não compreendia o pai enterrado, tão disposto, operante que era. Quem não vê a pessoa morta tem a impressão de vê-la sempre em vida. Um medo terrível prendia-o ao chão. Falta-lhe coragem para aproximar-se. Garganta fechada, a boca enchendo-se de água salgada. Olhos a arder, uma torrente subindo, trovando seus ouvidos.

“Ô pai, coitado do pai!...”

Então as lágrimas quentes desceram pelo rosto, salgando-lhe os cantos da boca. Os animais, descuidadamente, como entendendo a situação, foram abocanhando um feixezinho de capim aqui, outro mais adiante, distanciando-se respeitosamente, parece.

Era o mês de janeiro e de flores silvestres. Por perto, algumas carobinhas roxas, muita flor amarela de angiquinho e muitas brancas do pau chamado jacaré. O rapazinho apanhou uma braçada delas, as abelhas e marimbondos zunindo junto, e enfeitou o túmulo. Fez as orações e prometeu, do fundo, que aquilo não ficaria assim. Era promessa de homem, que ele já era homem. Promessa de um Bernardes. Veria. Apalpou as balas no bolso. Juntou os cavalos e desceu a pé. Não havia lágrimas. Nem que ele quisesse não saíam mais. Deixara todas lá. Jamais choraria. Nem na prisão. Jamais choraria.

Assim que avistou a casa branca, grande, atrás da curralama, o gado fechado, mugindo, estacou. E a mãe? E o pai? Só o amigo Sinhô? Podia?

Sinhô tirava leite sob o sol morno da manhã. Este, sim, chorou sentido, abraçado com o seu menino. Fiíco fez beíço, engoliu seco, piscou miúdo, mas aguentou firme. Jamais choraria. Para destrancar a língua do velho amigo tentou contar a viagem, as orações que fizera na cova do pai. Peão Sinhô refez-se, enxugou os olhos com os punhos sujos da camisa grosseira, pediu desculpas pela fraqueza:

— Meu filho – explicou –, mato é cemitério de herege, pasto pra tatupeba. Seu Quincas foi enterrado direito, lá nos Pereiras. Fizeram muito empenho. Eu sempre quis tudo de bem e de bom pra você. Nunca ia permitir o meu menino virar criminoso!... Aquela sepultura que você viu não é a de seu pai.

## LUA AMARELA

A lua é amarela. O amarelo, na noite dentro, vai formando auréolas brilhantes nas árvores e coqueiros muitos, buritis. Treme-luzindo as copas, carícia de vento manso, a brisa. Ronco surdo de cachoeira, o farfalhar não se houve, tudo abafa. Mas o céu é amarelo, a lua colorindo, nuvens brancas frisando de ouro, correndo. E o friozinho da noite, cismando a gente, parece vir dos perfis das folhagens, chegando suave, mandado pelo balanço dos galhos, pra lá e pra cá, os troncos semidormidos, as copas ninando, ciciar, a cachoeira roncando. Paz selvagem.

Está iscando as pindas, que de dia as piranhas e a miuçalha não deixam. Não usa o remo: vai de pé na canoa, segurando, puxando os galhos. Pela manhã volta pra recolher o peixe, sungar os anzóis, encastoar linhas, que nem sempre o surubim perde a luta. Jaú-de-cama, saipé saltador, isto é lá mais acima, junto à cachoeira, o primeiro retesado nas pedras, o segundo, lépido, nas corredeiras. Joanicão conhece tudo. As pescarias mais grossas, as aventuras mais empolgantes ele sempre as realiza com os turistas que lhe pagam dinheiro e lhe agradam com outras coisas mais. Bebe uísque, come enlatados, joga com baralho de plástico. Essa nação de gente traz apetrechos adequados, tudo simplifica. Por isso Joanicão, para uso próprio, não vai ao poço da Pedra, do Ferrador, do Chiqueiro.

Para o gasto e pra vender algum, labuta na margem mesmo, só a canoa rompendo em meio à galharia sedenta, mergulhada. Ali ninguém bole com os seus trens, a sua tralha.



Tem muito patrão gringo que fala continuado, Joanicão nunca entendendo, um outro falando por ele, conversa brasileira, entendida. Uns outros, vários até, pescam pouco, muitas vezes nem, andam, sobem e descem, arriscam, tudo admiração. A cachoeira tem disso mesmo. Quantos que vão lá pescar e saem pescados, a cachoeira puxando de cima abaixo, de baixo em cima, levando para onde quer. Quando é de tarde, o sol descamba ali assim, dá na cruiana, borrifos muitos, tudo vira ouro. Isto, todo santo dia, o sol querendo, reverberando.

Agora hoje, nesta noite de abril, a lua é amarela. A fumaça úmida da cachoeira é envolvente, assim como a fumaça da lamparina na sala do professor Jeremias. Sala do professor Jeremias, chamada, porque é ali que ele tenta enfiar qualquer coisa de útil na cabeça dos três garotos, um deles já rapazinho. A improvisada escola funciona na casa do Joanicão, rancho socado naquela beira do Paranaíba, onde ele e a família pelem pra viver. Um dos alunos é seu filho, o Bento, quinze pra dezesseis anos, embuçando. Com menos de hora de aula, luz tremida junto ao rosto, tentando iluminar o livro, o papel, fuligem entrando pelas narinas, afogando. Olhos vermelhos, lacrimajantes, dificuldades, somente os olhos chorando, que o coração se derrete de alegria na maravilha das descobertas.

Seu Jeremias sempre falava, Joanicão escutando, que aquela cachoeira dava conta de jogar luz dentro dum mundão de cidades. Mostrava num livro velho de Geografia, encardido e engrossado pelo manuseio, usinas, barragens, represas, construções enormes, redes elétricas.

— Mas será que aí na cachoeira dá pra fazer uma dessas, seu Jeremias?!

— A cachoeira dá pra fazer dez igual dessa daí, seu Joanico. É só ter gente de peito, que a água tá esperando.

— Será mesmo?! Eu só vendo... não acredito fácil, não! O senhor desculpa a gente, não afronto...

— Que que é isso, seu Joanico?! Olha aqui, eu não dou muito tempo não.

— Quá!... Gente de peito da iguala que o senhor falou não vai mexer com isso aí nada... só vem pra pescar mais a gente.

— É esperar, quando a gente menos espera, ó o trem aí. Depois o senhor me conta.

A lua é amarela, bem clara. Bento tem vontade de ir estudar lá fora, que a lamparina lhe acaba com os olhos, nem dá pra respirar direito.

— Você eu não garanto não, Bento, mas tenho fé que os seus filhos, se Deus quiser, vão estudar com luz elétrica daqui, dessa cachoeira mesmo.

Bento sorri encantado.

— Fica tudo claro da iguala de aí de fora, seu Professor?

— Muito mais claro. Mesmo que um dia.

Os turistas que chegavam agora eram diferentes. Não pagavam o Jônico pra rodar canoa, bater varas com eles. Também como os outros, namoradores da cachoeira, indo e vindo, subindo e descendo, espiando nos aparelhos. Jônico bateu foice, cortou de machado, fez picadas. Depois ombreou trenheira esquisita, muito cuidado exigido. Enfim, iam fazer aquela água virar luz elétrica. Bento já não estudava mais. Trabalhava também, ganhando mais do que o pai, trabalhando menos, rendendo mais, anotando, mandando, mandado. Era um chefe de turma. Labutava satisfeito, superior. Até que aquilo tudo estivesse pronto, já os seus bacorinhos estariam em ponto de escola e não estragariam os olhos na fumaça-fuligem da lamparina. Seria com luz elétrica de muita claridade, luz dali da cachoeira deles, ajudada por ele. E os outros meninos de outros lugares ficariam sabendo que ele havia ajudado a produzir luz? Saberiam, como não! As máquinas fotográficas, as filmadoras, estavam trabalhando também. Todos iriam saber. Bento deu vontade de quebrar todas lamparinas do mundo.

Joanício não chegou a ver o término da primeira etapa, mas Bento estava lá, o seu sangue, ele sendo.

Hoje a lua está amarela. Ainda não é abril. Estão douradas as auréolas nas copas das árvores e coqueiros muitos, buritis. Pelas portas e janelas da casa de Bento sai luz branca, misturando-se com a de lá de fora. A lua é a mesma. O mundo é outro.

## ALGUMAS VIDAS

**D**escendo o rio, a ubá com a mudança, trenheira quase sem valor, mas imprescindível para eles. O lugar escolhido, o alto da barreira, livre de inundações, terreno seco, arenoso, porém milagrosamente fértil. No jatobá frondoso, guaxos recebem os novos moradores, alacrinantes, voando de um para outro dos inúmeros ninhos dependurados. Do alto, barranco do rio, a vista lava-se em pachorrenta beleza. Pra cima, a curva na praia alvinha. Pra baixo, os estirões de meia légua, barreira de um lado, praia do outro. E pela tarde toda, o sol fazendo a gente bobo de nunca parar de olhar, avermelhando faixas no rio, refletindo queimadas sem fumaça, parece. Os pacus saltando nos sarãs. Bicuda, cachorra e tabarana correndo por cima da crista das ondas atrás das pataquinhas e sardinhas relampeantes. É peixe batendo sem parar naquela fartura que Deus põe na mão da gente. Depois tudo para e só os terríveis botos assopram, focinho de fora, cercando peixe. Pra que será que serve boto?

O novo morador, já à tarde, consegue rápido, mandis-chorões e piranhas esganadas. Para os mandis nem gordura precisa e as piranhas moqueadas vão muito bem, não faltando farinha-puba e tico de sal. Por aquelas imensas praias, em setembro, ele irá colher absurdo de ovos de tartaruga. Ovos cozidos, ovos batidos, óleo para o ano inteiro, sabão também, muito. Paca, capivara, veado e caititu, no roçado que irá surgir, disparate. A ubá, o seu cavalo, a carroça da família.

O tempo passou, um átimo, levando a vida, encurtando a vida da gente. A roça, mais arremedo que roça mesmo, dava coisa pouca,

mas trazia muitos tatus, muita paca e algumas capivaras, que o Izé não perdoava mesmo. Mas o de-comer certo, do trival, vinha do rio. Só gastava tiro com as capivaras e veados, pregando fogo com a chumbeira de um cano, carregada pela boca. Tatu, paca e cutia, munições outras, era no mundéu.

As ramas de abóboras e melancias cobriam de verde a terra branca areenta, subindo nos tocos de paus. E a mandioca-mansa mais a mandioca-braba trançavam-se as raízes, exuberância difícil de explicar. Comer mandioca-braba, engano doido, de morte na certa, que mandioca-braba, a malvada, só é boa mesmo é pra farinha, de muito mais rendimento. Pés de mamonas pra todo lado, enormes, ninguém plantou, mas é um trem que acompanha o homem. Basta levantar um rancho, pronto, a mamona vem sozinha, enxerida. Os cachos maduros estalam ao sol quente, e coalham debaixo, de sementes. Socadas no pilão, óleo nas candeias, o conforto da iluminação.

O Bepe descia de vez em quando com o seu barco empurrado pelo Penta, permutando mercadorias indispensáveis aos ribeirinhos, por peles de bichos, jacarés, no mais. Também carne seca de peixe, pirarucu, muito. Fazia a troca, deixava uma mercadoria e pegava a outra, na volta.

Os meninos, João e Maria, Nego e Fia, sendo, gritados no chamado, iludidos, o tempo passando, com o casal de periquitos. Tempo de escola, nada de escola, que lá não tinha. Izé, pai, dizendo que estudo nunca que fez falta pra ele, bobagem fazer inzona por amor de escola. Inhana, mãe, amontoando cisco com a enxada, fazendo coivara, tocando fogo, preparando a roça, que o tempo enfumaçou pronunciando, prometendo chuva, pois setembro já não vem aí? E as crianças remedando os João-congos, gritando com eles, naquele achar bom. Depois descendo a barreira, a escada cavada na barranca, pegando miguelim com a apă, pregando facão nas pataquinhas, chupando nariz. Assustavam-se de momento com os botos saindo d'água, espirrando, espantando peixe, mas depois nem ligando, que boto é bicho besta, trem à toa, que nem serve pra comer, rodeando

gente feito pássaro-preto. De manhã e de noite, os garotos, olhos arregalados, assuntando guariba no ronco, o mato vindo abaixo, mal comparando. Sempre, de vez em quando, cobrindo necessidade de boca, pipoca um tiro fazendo ribombo, e o eco do outro lado, Izé derribando pato selvagem das grimpas do landi e do pati, os pousos deles. Pato é bicho duro pra fogo, mas ferventando com rama de mandioca amacia bem a carne. Inhana sabe disso, faz, não lembrando de onde aprendeu.

Com bastante couro de tinga, dois arurás, caititu e veado-do-campo, Izé surtiu bem o rancho com o Bepe, luxou na tralha de pesca, linha de náilon, até. E sempre amanhece uma pirarara na pinda rente ao barranco. Algum filhote e até mesmo uma piratinga boa já ferrou mais no meio do rio. Tem fósforo, mantimento, sortimento pra espingarda, anzolama macha, balinha pros meninos chuparem, ferramentas de roça. É o progresso. Não estudou, não foi preciso, os filhos vão no rumo. Jaó arisca ele dependura pelo pescoço, com o laço. Nego e Fia armam também, mas quando é que vão dar conta? Assim mesmo eles já figam, com a varinha de mato e linha de loja, pacus, mandis, piaus e até tartaruga que apreciam mais. As piranhas são ferradas junto às galhadas, encastoo comprido de arame, que sem isso é-baixo, tora mesmo. Anzol, ali, o justo valor não vale, que a dificuldade está na aquisição. Engarranchou, tiram a roupa e vão ao fundo soltá-lo, arriscando. Poupa-os das piranhas, raça de peixes filhos-de-uma-égua de bom pra torar linha e carregar anzol da gente. Se ainda por cima fosse muito bom de carne, dinda vá lá, mas só serve quando não tem os outros, da moda de pirarara.

Ali no rancho da barreira não tem criação, um xerimbado, nada. Criar trem pra onça comer? Nem!... E, assim, lá vão criando os filhos selvagens, sem um leite, uma fruta de horta, carne de gado, uma galinha e ovos, um queijo, impossíveis. Izé nunca teve disso, nunca usou, está bem vivo, seu muito bom dele, pra quê? Mas faz carinhos a seu modo, encorajando Nego pra crescer logo, ser homem, ajudar o pai. Pra Fia também ficar moça sacudida e bonita, aparecer rapaz,

casar, ser vizinho, criar filhos. Aparecia sempre com frutas do mato, filhotes de passarinhos e de bichos, que assim que cresciam sumiam, pondo os meninos birrentos. Carregava-os na ubá e remava pra cima e pra baixo, louvando o rio, que nunca cansava de admirar, fazendo, de vez em quando, alguma descoberta. Onde é que a gente mora? Em Goiás? No Mato Grosso? O rio vem de Leopoldina? Vai pra Ilha? Os filhos ficam encantados com a sabedoria do pai. Banham-se sozinhos no rio. A mãe cavando milho, que chuva não tarda.

Fins de novembro, uma chuva só. A água emendada de cima em baixo, das nuvens com o rio, com o mato alagado. O nível do Araguaia aí rente, no beicho da barreira. Aquilo virou um tebeiro d'água sem fim, o rancho ilhado, torrão. O peixe custoso de pegar, que trem pra comer é mato, as matrinxãs pastando feito gado na rasoura. A bicharada chegando, fugindo, procurando as alturas, a segurança dos torrões. De começo até que Izé achou aquilo bom, redenção do céu, caça à escolha, nem precisava quase de tiro, mas depois foi agravando, tudo misturado, chegantes pelo terreiro. Era lebre se entendendo com cachorro-do-mato, veado com onça, coisa esquisita. Também Nego e Fia, coragem inocente, se arriscando. Eles que davam o dedo pra maritaca, pro papagaio e pra arara, não dizendo os periquitos, sem agravo, pegavam no colo até filhotes de onça vindo às impucas pela boca da mãe. Os bichinhos, os pequeninhos, preá, rato-do-mato, estes eram coriscos, relampejando de cá pra lá, acabando na bocarra faminta dos perseguidores. Jacarés-tinga, emparelhados como num desfile, à margem, abocanhavam tudo quanto é peixe que tentava a alimentação no raso. À noite a pequena família quase nem dorme, tamanho o barulho na água e no mato. É a luta pela sobrevivência, os pequenos levando as desvantagens. Mas não é sempre assim? *Sempre não foi? Então!...*

O cuidado maior é conservar a canoa bem amarrada dentre d'água, pra não rachar.

Agora as espécies já se congregam em separado, cada família para um canto, rodando, fugindo. O veado já não olha a onça com confiança, lógico. Até uma jaguatirica pulou e tentou agarrar um porco cateto. Uma pintada pegou uma suçuapara e começou a devorá-la meio viva, veja se pode! Saciada, foi beber água, deixando o resto pras disputas que se sucederam, barulho selvagem. Nego e Fia foram ver e Izé com Inhana se incomodaram muito.

Não dava mais pra ficar. Talvez as águas baixassem. Bem que os João-congos fizeram seus coadores bem alto, profetizando cheia. Nuvens de muriçocas zuniam e enchiam até a boca na hora de abrir pra comer. Era mosquito pra jogar bode n'água. Inhana não havia dia que não encontrava cobra dentro do rancho. Micos e saguis riscavam, serelepes, de galho a outro. E os guaribas surgiram também, acabando com as madrugadas, com aquela algarra de engenho moendo cana. Camaleões sossegados andavam pela cobertura do rancho, mutantes.

Jeito de fazer fogo, conservavam a fornalha em lata cheia de brasas, arrancando tocos com raízes, de maior duração. Parada a chuva, o chererém sustentava o inverno. Ninguém passava, esperança de surgir uma embarcação. O rio era aquela chapa metálica enorme, estendida, refletindo os domínios de Deus.

Começou a matar, no tiro, no facão e no porrete, indistintamente. Guardava carne, juntava peles. Sal há muito que não havia. Defumava as mantas tiradas finas, mas mesmo assim perdia bastante que a umidade era muita, a carne enxumbrada, as folhas de cobertura enxarcadas, fedendo a podre, despencando bigatos. Meleca de chuva. Todavia, um calor infernal. Quando surgia um olho de sol, então era aquela trabalhadeira doida de por tudo para secar, até o restinho de pólvora para a espingarda. As crianças mulambentas, roupa-trapo, tiras só, misturadas com a bicharada. A alimentação, só em peixe e caça moqueados. Era o bloqueio pela natureza.



Não dava mesmo mais não, pra ficar. Um dia voltaria. Juntou tudo de seu, mais a família, e encheu a ubá. Tocou fogo no rancho, que ardeu custoso, fumarento. Um remo e uma zinga. Partiu pesaroso. Iria procurando as rasouras, orientado pela fumaça. A ubá rompia lerda ao impulso vigoroso da zinga, por entre as inúmeras simbaíbas e muitas caraíbas, o capim semi-encoberto de água. A umidade continuava, que a cruviana mantinha os intervalos entre uma pancada e outra, de chuva. Antes de escurecer chegaria a um lugar alto, seco, nalgum morador irmão, para um cafezinho quente e um gole de pinga reconfortantes. Uns panos pro nenê que vinha e um naco de rapadura pros bacorinhos, pensava. Tudo agora na vontade de Deus, o Pai.

## SITUAÇÕES

**D**ormia pouco ou nem. A cabeça quente, crescendo, pensando, pensando. Vasculhava dentro dela remotas possibilidades, todas barradas por sucessivos obstáculos. Com a dedicação contínua de dona Amélia, a situação agravava, passando a sentir dela ainda mais vergonha, vergonha tremenda, estado de culpa. Onde esteve com a cabeça? Se tivesse permanecido em casa estaria a par, lendo jornais, ouvindo rádio, vendo televisão, o andamento político e financeiro do país. Esbanjara dinheiro a rodo, àquela época áurea da anarquia nacional, onde o negócio era comprar a prazo, vender depois mais caro e pagar na base da inflação. Quem soube, guardou, se manteve. Nunca dera uma joia que valesse à dona Amélia. Para Lúcia, vivia pagando prestações nas joalherias. As crianças iam bem, apesar. A casa boa, grande, confortável, funcional, totalmente financiada pelo BNH. Mais de ano que não pagava as prestações. Temia o leilão.

Aquela facilidade em tirar num Banco e cobrir no outro há muito havia acabado. A de cheques de outras praças, que entre ir e voltar dava tempo de arranjar o depósito, também ruíra. O Banco Central atrapalhara tudo com as novas leis. Com a Câmara de Compensação e o Telex, adeus mamata. Sepultaram o crochê bancário. E a média? Como manter saldos médios em diversos bancos?

Bernardes, cançã em crochê, era doutor nas artimanhas bancárias. Os gerentes sabiam disso. Admiravam-no, até. Negócio de carros, esfriara. Os compradores de São Paulo pagavam melhor que

as garagens locais. Conseguia alguns fregueses que tentavam as financeiras, mas quase todos os cadastros eram insuficientes. Falta ele possibilidades de um lado e exigências cerradas do outro. Gerentes cautelosos, nenhum deles querendo participar como de em-antes. Quando apelava para a velha amizade, mostravam-lhe circulares enérgicas e proibitivas, responsabilizando-os. Já fora o tempo de Gerente de Banco. Hoje, melhor ser contínuo.

Em casa, de início, a mulher não aceitava em atrasar as mensalidades do colégio das filhas. Não se conformava com a queda do padrão de vida. Desabituada a cobranças, raro o dia em que não apreciavam duas ou mais. Que viessem ter com o seu marido – dizia. Faziam isso, mas ele já nem vinha para o almoço. Algumas vezes que jantava em casa era da meia-noite pra lá.

Lúcia também já não estava respeitando mais. Por isso o Volks dela ele vendera há dias. Ameaçava contar tudo à esposa, se não lhe devolvesse o carro. E tinha que ser com certificado próprio, no nome dela, garantido, exigia. Ele enfezava, autorizava, dissesse o que dissesse, que não estava mais para bancar o palhaço, seu coronel chifrado de ninguém. Carro pra paquerar? Jamais! Não dava o braço a torcer, expondo a situação. Não tinha de dar satisfação. Mas por dentro torcia-se de medo do caso ir parar nos ouvidos da esposa, de grande respeito. Esta sim, estava a par de todos seus negócios, menos de Lúcia. Já chegara à tardia conclusão de que mulher boa é a própria. Dava razão a Lúcia, que papel de amante era aquele mesmo: tirar de onde pudesse, que a mocidade se vai e a lei não garante nada.

Depois dona Amélia resignou-se, compreendeu melhor o papel de esposa e enfrentou os gastos, economizando, economizando... Com os cobradores, passou a dar um cafezinho da hora. Ele, que detestava jogo, já fazia sua fezinha na Esportiva. Quem sabe, talvez, Deus ajudasse?... Não pensou, porém, sem bater a mão na boca pela heresia, costume seu desde menino, pois onde já se viu Deus envolver-se com jogo? Mas o aperto faz o sapo pular. Então, rezou. Tem gente que até acende uma vela para Deus e outra para o diabo, não é mesmo?

Bernardes dava voltas e não passava em porta de Banco. Dona Amélia animava-o. O amor que parecera esfriar em casa, renascia com a força dos primeiros tempos. Era a paz de um lado e o inferno do outro. Sentia-se envergonhado. A falta de dinheiro põe o sujeito nos eixos.

Terminara com Lúcia, fazendo acordo, comprando um Volks zero. Venderam-lhe o carro mais por força do aval, um amigo de Anápolis, ignorante da barrocada. Também lá era mais fácil do caso ficar encoberto. Daí para frente, nem mais uma aventura. Prometeu-se. Cumpria. Mas... perdigueirando fregueses para uns e para outros, agenciando, fazendo expedientes, tudo pouco, rendia também muito pouco. De noite, em casa, a mulher cheia de cuidados, imaginando enfartes, derrames cerebrais. Ele tentava ajudar as crianças nos deveres escolares, mas quase nada conseguia, a cabeça pensando outras coisas. Dava desculpas de já ter esquecido tudo. Há tanto tempo deixara os estudos. Uma coisa procurava corrigir, não achava meios, a predileção que nutria por Marlúci. A única que se parecia demais com a mãe, aqueles grandes olhos pretos, a boca grande, o jeito dela. As outras e o menino, tinha dificuldades de ajudar, mas, para Marlúci, fazia o impossível. Consultava enciclopédias, dicionários, revistas especializadas. As crianças não davam por essa preferência, mas Amélia adorava ver o denngo.

Moral agachada, chapéu na mão, recebeu o avalista de Anápolis. Estava nervoso, dizendo que não pagaria os títulos do automóvel. Dona Amélia quis saber que automóvel, que não tinha visto automóvel nenhum. Bernardes mentiu-lhe. Tirara o carro para pagar a um agiota, que o estava ameaçando.

— Por que não deu parte na Coletoria Federal? Que registrasse a letra lá, pagasse os impostos, ora essa!...

— Mas o homem me serviu numa hora muito oportuna e ainda fiquei devendo obrigações para ele...

— A exorbitância desses juros cobre qualquer obrigação! Era tacar o homem na cadeia, que a lei facilita e lei é lei! Não é não?!...

— Questão de moral... você compreende...

— Compreendo nada!...

O tal amigo deu-lhe uma semana para resolver. Havia pedido esse prazo lá. Que com ele era no duro, até no trinta, se quisesse. Amizade para um lado e negócio para o outro. Com ele era assim.

Lúcia procurava-o, insistente. Não se conformava em perdê-lo, mesmo com o negócio do carro. Bernardes lembrou-se de um amigão capangueiro, lá pelo garimpo do Garça. Fazia tempo que não aparecia por aqui, no Café Central. Talvez, como solução, arranjasse umas pedras para vender, pois entendia bem disso. Seria uma graça caída do céu. Resolveu. Foi lá. Ficou surpreso, pois lhe disseram que o Antônio, o seu amigo capangueiro, havia sido morto havia mais de um ano e se admiravam dele não ter sabido.

Trouxe um picuá cheio de um veneno que os índios usam passar nas pontas das flechas. Poria um fim àquela vida desgraçada. Entregava os pontos. Não fora falta de pelejar. O inimigo invisível vencera-o.

“Querida Amélia,

Sinto desapontá-la. Eu nunca a mereci. Cheguei a um ponto que se tornou impossível prosseguir. Quando estiver lendo esta, já não serei mais do mundo dos vivos. Você conhece de sobra a situação. Sei que vai me julgar um covarde por desistir da luta e largá-la na chapada, em pleno campo de batalha, mas fiquei destituído de todas as armas para continuar lutando. Diga ao Almor, aquele de Anápolis, que esteve aqui outro dia, que é para ele pegar o carro com Lúcia Duarte, na Av. Brasil, 712, que está com reserva de domínio. Este é o meu maior débito com particulares. Os Bancos que se danem, que mandem para o “Lucros & Perdas”. Isso é rotina. Nas reformas tirei todos os avalistas das costas dos títulos. Com a minha morte cessará a dívida da casa com o BNH. Venda-a e com-

pre um apartamento no Centro, que o preço é bem menor, e compre Letras Imobiliárias. Não pague dívida nenhuma com o meu nome. O apartamento é mais seguro, valoriza sempre e fica livre dessa onda de ladrões que assaltam até durante o dia. O que Lúcia lhe disser será quase verdade, verdade em parte, mas não lhe dê ouvidos. Ela não poderá nem beijar-lhe os pés. Tudo já passou. É sobre Lúcia que quero lhe falar. É mais por esta vergonha e falta gravíssima que cometi contra você e o nosso lar, que me mato. Ela foi minha amante. Banquei o burro. Imagina, quem tinha uma esposa como eu, arranjar uma vagabunda!... Você não mereceu isso, essa traição. Tudo que eu lhe neguei, dei a essa mulher. Mas o meu amor por você jamais foi diminuído. Aventura besta que a gente faz. Tudo começou naquela época gorda, quando mandei você para Araxá. Quis deixá-la, mas ela ficou de cima, ameaçou contar tudo. Fiquei em suas mãos, embora muito contrariado. Morro sem sentir nada por ela, mas sempre amei apenas você. Não iria mentir-lhe numa hora dessa. Destrua essa carta. Esconda a verdade das crianças. Jamais a perdoarei se um dia Marlúci vier a saber o motivo desse meu gesto. Reze por mim, você que sempre foi muito devota de Nossa Senhora. Não sei para onde irei, e é por isso que peço encarecidamente que reze por mim. Você é boa, a sua oração vale. Dizem que os suicidas não vão para o céu. No meu caso estarei então entrando para um segundo inferno, porque a minha vida nesses últimos tempos, não passou de um verdadeiro inferno. Reze por mim, repito. Vou precisar muito das suas orações. Fale para as crianças rezarem também para o papai. A Marlúci, principalmente. Quero que você me perdoe. Se você me perdoar, morrerei aliviado.

*Do seu Bernardes”*

Amélia sumira do mundo. Voltou. Correu ao quarto. Estatuada à porta, custou a ter palavras. Bernardes olhava fixamente para o teto,

olhos abertos, peito ofegante. Ingerira o conteúdo todo do picuá há cinco minutos. Remoía o seu drama. Mas não sentia dores. Talvez a tensão cobrisse o fogo do veneno.

— Que é isso, Bernardes?! Você ficou louco? Deixar eu e as crianças assim?

Ele confirmava, meneio lento de cabeça, olhando para o lustre no teto, cada vez mais ofegante. Amélia viu aberto o gomozinho de bambu em cima do criado. Encostou-se no batente da porta, a testa calcada nas costas das mãos e desatou no choro, um choro entrecortado de gritos histéricos, impotente para o menor gesto. A vizinha acorreu logo:

— Que que foi que aconteceu, criatura?!...

E ela, numa trégua, apontando para o marido:

— Ele bebeu veneno!... Ai meu Deus do céu!...

— Ô meu São Judas Tadeu! Tenha dó! Vai dando leite pra ele, enquanto vou telefonar pro médico!...

Amélia correu às tontas até a cozinha e com dificuldade conseguiu um copo de leite.

— Beba, Bernardes, beba tudo!...

Ele cerrou os lábios e balançou a cabeça, negativamente. A vizinha ficou lá de fora esperando, aflita.

— Beba o leite, Bernardes! Vai ter que beber. Você tem que viver! Não posso ficar viúva. Pensa nas crianças, Bernardes. Bebe o leite! Ai minha Nossa Senhora do Carmo!...

— Bernardes, você está me ouvindo?

Ele balançou a cabeça, afirmativamente.

— Não morra pensando que foi culpado sozinho, Bernardes. Nós todos erramos. O erro é humano, Bernardes. Eu também errei e quero que você me perdoe antes de morrer. A gente fica quites. Você perdoa, Bernardes?

Ele virou-lhe os olhos, somente os olhos, indagativos. Esperou.

— ... Aquela vez que você me mandou para Araxá, você se lembra? Eu não queria ir, você insistiu, você está lembrado?

Aí ele virou o rosto e fitou-a, espantado. Ela prosseguiu:

— Foi lá no Hotel do Barreiro, conheci um senhor que disse que te conheceu muito, do tempo de solteiro de vocês. Era um senhor tão atraente, tão insistente, tão envolvente, que eu não soube o que aconteceu comigo naqueles dias. Acho que foi alguma coisa que eu bebi primeiro...

— E daí?! – bradou como se não estivesse morrendo.

— E daí, e daí... bem, foi você quem me obrigou a ir, está lembrado?

— E daí?! – o rosto em brasa, já sentado na cama.

— ... Foi lá que me engravidei da Marlúci...

Levantou-se, pois estava ajoelhada, e correu para a porta, quase topando com a vizinha que entrava com o médico. O doutor tomou-lhe o pulso, que batia desenfreadamente. Auscultou-o com o aparelho e perguntou se ele tomara bastante leite, no que Amélia respondeu que não, não quis. Pediu o frasco de veneno e mostraram-lhe o copo apenas com água no fundo. Cheirou. Examinou atentamente o picuá de bambu:

— Mas isto não é curare?!

Elas não sabiam, mas o suicida confirmou com a cabeça. Aí o médico perguntou à dona Amélia se ele sofria de úlcera no estômago. Ela respondeu que não, que a saúde dele sempre fora muito boa. Falava sem olhar para a cara do moribundo.

— Ora – explicou o doutor. – Curare é como piranha que gosta de sangue, como veneno de cobra que só faz efeito no sangue. O curare vai passar pelo seu organismo de liso, como a água que bebeu. A água, se não estava filtrada, poderá fazer-lhe mais mal do que isto – disse, mostrando-lhes o tubinho.

A vizinha postou as mãos e exclamou num alívio:

— Ô meu São Judas Tadeu, mais uma vez graças a Deus! Bernardes sentou-se na cama, bruscamente, os pés no chão:

— A carta! Me dê a carta!

Amélia dobrou-a rápida, e meteu-a nos seios:

— Nunca!

Dr. Francisco queria saber quem que ia pagar.



## MANEQUIM

**T**rabalhava de bom grado apenas para mulheres. Para homem, só pagamento adiantado e bem caro. Havia aí, abuso, como é natural, e uma ou outra sirigaita atentava, fingindo descuido: indecorosamente deixava os seios a balançar dentro do ousado decote ou as coxas à mostra, as pernas mal ou bem cruzadas. Seus olhos brilhavam e avançavam para a tentação, os lábios tremendo, a garganta seca, veias do pescoço dilatadas, o corpo todo vibrando, afogueando. Mesmo assim, afrontado, jamais perdera o respeito. Bombeava para as enormes caixas-d'água dos bordéis, levava e trazia recados, baldeando para qualquer ponto da cidade, o que mandassem. Para homem, caro; para mulher, o sorriso, agradecimento. Mas nunca uma vagabunda teve a caridade de levá-lo para a cama, iniciando-o no amor.

Era, não se sabia de quando, aquela tara incontida por mulheres, embora não fizesse uso delas, apesar dos seus vinte e tantos anos. O membro criado no aconchego da mão, nas masturbações incontáveis. Transportava para o catre, transformando em carne quente, sensual, as frias massas dos manequins das vitrinas. Era apaixonado por eles. Daí o apelido Manequim. Zé Manequim.

Os pés descalços, esparramados no chão, calça larga e cinturão bem apertado, camisa com gravata vermelha, o paletó cabendo dois dentro, descia à noite. Plantava-se frente aos grandes e grossos vidros das vitrinas, olhar fixo sempre na moça de cabelos de náilon, de nariz

aflado, olhos enormes e cílios escandalosos, o rosto muito colorido, dedos delgados, unhas compridas, um conjunto harmonioso, braços, mãos, cintura, tudo. Mas a predileção era pela morena que promovia calcinhas e *soutiens*. As orelhas espalmadas pareciam murchar e subir, acompanhando as maquinações lá do cérebro dele. Fitava aqueles olhos despropositados, cercados de muito azul, a fazer o seu flerte, sentindo a boneca sorrir-lhe ante a luz branca do neon.

Batata: na hora certa chegava ao cinema e entrava com sorrisos para a porteira, uma balzaquiana enxuta, como se ele possuísse permanente. Isso era todos os dias, assim como todos os dias, bem cedo, varria e espanava o salão, sem nunca ter com ninguém tratado a permuta de seus serviços pelo direito às sessões. Pensava decerto ser o cinema da moça porteira. Assistia a todas as exhibições, mesmo repetidas. Sentava-se à frente, poltrona reservada por direito de assiduidade.

Dizem que nós nesta vida somos o contrário do que fomos na outra. Pagamos aqui os pecados cometidos lá e trazemos o estigma daquela personalidade. O leso Zé Manequim deve ter sido um oriental de populoso harém. Bastava reparar nele durante as projeções dos grandes filmes e ver a transformação do idiota em austero conquistador de povos e subjugador de mulheres. Ter-se-ia a impressão dele estar lá, o papel inverso na vida real onde era senhor e não escravo, o grande Harum-al-Raschid. Chegava a levantar-se de êxtase, em evoluções, ante o protesto geral do *senta!*

Professora dona Conceição era moça duns quarenta anos, quem sabe? Os cabelos já grisalhos, sempre pintados de roxo, as muitas rugas a martirizarem-lhe a vida. Solteira, não por não ter encontrado o seu tão decantado príncipe, mas devido ao excesso de trabalho, o cansaço cotidiano, sempre uma inexplicável falta de ânimo, as aulas muitas, os alunos insubordinados, nervosismo crescente; enfim, os *sos do ofício*. Devido ao seu nível intelectual, a escolha foi dilatando o tempo, passando do direito de escolher à condição de ser escolhida.

Acometida de entrevamento reumático, aconselharam-na procurar as areias monazíticas em praia do litoral. Uma família amiga

ofereceu-lhe a casa de férias, vazia há um mês, por quanto tempo quisesse. Como era só e possuísse algumas economias, conhecendo bem o Zé Manequim, levou-o consigo. Seria ele quem faria o seu transporte na cadeira de rodas. Satisfeito da vida, lá foi o Manequim, que era época das férias grandes e as praias formigavam de manequins reais. Na casa emprestada estava também a outra tara do rapaz: uma bicicleta seminova.

O sol mal saindo, olha os dois rumo à praia-da-areia-preta, ele com uma das mãos a segurar a bicicleta e a outra empurrando o carro de rodas, Conceição. Ajuda a patroazinha a acomodar-se na areia. Depois finca a sombrinha de sol, carrinho de lado, esteira do outro, os pertences ao alcance, fácil.

Gostava de ver o pretinho, com as margaridas pintadas na cabeça raspada, apregoando o seu milho verde cozido, a papa, a pamonha, dando sempre a hora certa: “Em Guarapari, a capital da saúde, são precisamente 10 horas, vinte e cinco minutos e onze segundos”. Em só o que chamava a atenção do boiota. No mais ficava como que num jogo de pingue-pongue, a cabeça pra lá e pra cá, acompanhando as moças de maiô. Pulava sobre a bicicleta, sentado na garupeira, pedalando com os calcanhares descalços. Cabeça raspada, calças cáqui muito largas, boca escancarada no achar bom, apenas alguns dentes inferiores. E lá vai ele em ziguezague, por entre mulheres. Sempre vinha para ver os mandos da patroa e partia em seguida na mesma satisfação. O sol já a pino, voltavam para casa, partindo ele depois; célere, trazendo a marmita reforçada, que ela, Conceição, era de pouca comida, mas o pateta...

À tarde, como ninguém frequentava a praia, revirava a pequena cidade, sempre montado na bicicleta e do mesmo modo: sentado na garupeira, os calcanhares a empurrar os pedais. Ficava parado, horas e horas, um pé no pedal, outro no meio-fio, reparando aquelas beldades semidespidas umas, a roupa modelando o corpo, outras. Seu rosto era um sorriso só, de bem com todo mundo. E no vaivém, ficava com a cabeça pra lá e pra cá, apreciando.

Como quem, numa provação, escolhia as favoritas que deveriam sentar-se no seu tapete persa para assistir aos bailados exóticos ou à sua imensa e farta mesa, onde lhes servissem as odaliscas e dançassem as huris de Cecil B. de Mille. Saía dali, os cálculos feitos, a pedalar vigorosamente como se estivesse reinando.

Com alguns dias a professora já fizera amizades. Ele só deveria levá-la e trazê-la. Aí descortinou-se um novo mundo. Já não era mais somente a praia-da-areia-preta, nem a da-castanheira o seu mundo ilusório. Foi adiante. Atravessou a ponte e meteu-se pela enorme Praia-do-Morro. Ali, além das centenas de novas descobertas, apaixonou-se terrivelmente por três mulheres de posturas e maneiras diferentes. Mineiras, decerto. Uma alta, a Ivone, o rosto rosado de boneca de louça, sorriso fácil, um maiô de duas peças, sempre descalça. Jogava tênis, comia espetinho de camarão e andava de bicicleta. Era canhota, a malvada. As suas cores, rosa e azul, biquínis de modelos vários. Essa Ivone, muito solicitada, era como um raio que rasgasse o escuro. Manequim, pacóvio, a divisava a longa distância.

A segunda parecia ser moça de origem humilde. Era a mais perfeita de corpo e de rosto, de todas. Durante a temporada, usara apenas um maiô completo amarelo-mostarda. Andava a pé chutando água rendada que morria na areia. Assim até o fim da praia e voltava, sozinha. De beleza que agradava completamente, dos lindos pés morenos ao cabelo negro cobrindo-lhe os ombros. Zé Manequim não pode desvendar o seu nome. Era mais baixa e cheia de corpo que Ivone.

A terceira, uma jovem triste de aliança no dedo esquerdo, sentada ao longo dum banco, à mesa do ranchão de palhas. Calças compridas, descalça, magra, os dedos finos e unhas longas esmaltadas de branco, cigarro aceso permanente. Morena bem claro, possuía um certo mistério. Semblante triste, mas muito longe, leve, um sorriso impressionando. Ficava horas e horas com as costas à parede e as pernas sobre o banco. Tomava coca-cola. O atoleimado Manequim postava-se em frente, extasiado, um sorriso sem-vergonha contrastando com outro, cândido e meigo. Muito do agrado dele se ela pedisse um

favor, ao menos que deixasse cair qualquer coisa para pegar. O olhar feiticeiro, penetrante, imoral, despia, deixando apenas o biquini preto, bem pretinho, a realçar aquela quase brancura de mármore.

Ivone entra no Ranchão com uma criança nos braços. Beberica ali na mesa e sai, leve, sozinha, tremendo as carnes, as poupas rosadas. Como um autômato, lá vai o quarta-feira do Manequim atrás, o instinto da tara. E ela, graciosamente, raqueta à canhota, bate a bolinha de praia com um rapaz simpático, que Manequim desaprova. Mas ali fica ele a correr atrás da bola entregando-a sempre à moça. E quando ela para pra chupar um picolé, ele, arfando num cansaço íntimo, a cara tremendo, as orelhas em movimento como onça canguçu, come-lhe as formas, o rosto lindo, as maçãs salientes, os dentes alvos e certinhos. Como que num chamado urgente, sai montando a bicicleta e em evoluções simétricas corteja a morenaclaro de maiô amarelo-mostarda que está entrando pela praia, recebendo sol, queimando a pele macia e limpa, enfeitizando. Ela bem poderia mandá-lo comprar uma coca-cola, um caju, um milho cozido que fosse, ocupá-lo, enfim. Ele não lhe perdoava essa falta de consideração e a desvestia, vingando-se, lá no pensamento dele, apreciando as suas formas íntimas, imaginárias. Estava assim, preparando a sua corte, onde reinaria com toda a pompa, entre as três escolhidas, mais um séquito daquela multidão feminina que lotava as praias. Reinaria como César e Marco Antônio, Cleópatra desdobrada em três. O pensamento dando voltas, sobrepondo-se, imprimialhe uma fúria, e, então, pedalava lá da garupeira, os calcanhares tesos nos pedais, girando-os rápidos, ziguezagueando velozmente por entre as banhistas. Disputava, enxerido, carreiras com qualquer ciclista. À noite, logo mais à noite, no leito comum, teria suas favoritas.

Conceição, a doença cedendo, mantinha-se ainda presa à cadeira de rodas. Fora dela, Manequim era as suas muletas e o nervosismo, agora, com as férias, abrandara-se bem mais e ela solicitava o seu auxílio chamando-o ternamente de Zezé. Era a vida que voltava. Ele então compreendia-lhe a ternura e desmanchava-se em

atenções. Manequim varria, lavava os trens, as marmitas, comprava o necessário e caía à rua. À noite, era a pé, porque o movimento não dava para circular com a bicicleta. Passava a admirar os manequins animados, lindas moças e senhoras com trajes modernos, minissaias provocantes, as frentes-únicas bárbaras, calças esporte modelando os belos corpos, expostas as formas, uma grande parte ainda de maiô. As suas três favoritas, ele jamais as vira a não ser na praia. Então escolhia as demais, dividindo-as em grupos, um para servir Ivone, a resplandecente, outro para a morena-claro. O terceiro, as senhoras mais lindas e vestidas, cuidando da jovem-triste, de blusa e calças compridas, pretas. O sangue agitado, quente, era amenizado com os picolés que chupava.

De volta, despia-se e deitava de costas, os olhos pequenos, parados por tempo, depois piscando muito na arrumação extravagante das ideias. Os caibros do teto, que a casa era sem forro, movimentavam-se e, com as ripas, telhas, vigas, transformavam-se, representando lacaios, escravas, mulheres vestidas, mulheres nuas, os parques móveis e cortinas transformando-se em divãs, tapetes e reposteiros. O pequeno quarto dilatava as paredes e estendia-se formando o imenso salão imaginário. O grupo das odaliscas, chegando dos serralhos. A jovem-senhora-triste deslumbrando, vestes pretas, dedos e colo faiscantes, quase todas as joias da arca de Sadarnapalo, ornando-a. A moça moreno-claro de maiô mostarda, também à frente das aias, um vestido de cauda longa, da mesma cor do maiô, matizante, as pedras multicores. Os cabelos pretos até a cintura, seríssima, umbigo e pernas à mostra, Scherazade caminhando como se os tapetes fossem o rendado das águas que morriam na areia e a seus pés. Rumava ao seu amo, o rei Zé Manequim, senhor absoluto de todas as estrelas de Hollywood. Sentaram-se, uma de cada lado, as damas de pé nos degraus de baixo e as escravas deitadas, obedientes. Agora soam os clarins. Todos de pé. Poder-se-iam apagar as mil luzes dos candelabros, que é Ivone quem entra, resplandecente, uma capa azul arrastando-se até o fim do séquito, o mais rico maiô, cor rosa, ofuscando pelos reflexos da rica e variada pedraria, o tesouro dos Rockffeler, valendo. Este cortejo é o maior de todos, as

mais lindas banhistas, figurantes. Ele no seu traje real confeccionado pelas tintas mágicas de Walt Disney, desce os degraus para recebê-la. É um Rex Harrison vestido de César, ou um Richard Burton, de Marco Antônio, cortejando Elizabeth Taylor, no papel de Cleópatra. Depois, a comezaina, as danças, as bacanais. Aí o corpo febril, grunhindo feito porco, a evasão da tara armazenada. A professora chama-o para tirá-lo do pesadelo. Ele acorda e somente cai em si depois da ejaculação involuntária. Assim sucede todas as noites, mesmo com os remédios que ela o obriga a tomar antes.

Uma data de colapso para o comércio local: 28 de fevereiro. A cidade é evacuada por completo. Daí para frente chegam umas tantas pessoas, quase todas idosas, as roupas de banho moralizadas, a exigir no tratamento comidas sem sal, peixe apenas cozido n'água, essas coisas. São doentes que procuram a areia preta, o ar com iodo vindo do mar, o sossego reconfortante.

Manequim pedala furioso a sua bicicleta, procurando pelas praias o seu harém esvaziado. Ao deparar com novas caras, as banhistas sexagenárias, vira o rosto para não ver. E ele, já sem o que fazer, passa horas e horas deitado na areia, arriscando de vez em quando uma olhadela. Conceição, sem entender, manda-o passear, diz estar bem e que não precisa dele ali. Já consegue andar pela casa, escorando-se. As areias vão reabilitá-la, tem certeza.

Manequim fez a descoberta da comparação: a sua patroazinha já não parecia velha e feia como antes. Era a única com biquini. Ele andava pela cidade, pelas praias, pedais vigorosos, sempre na garupeira, o pesão de dedos espalhados, os calcanhares empurrando.

Ainda consegue trazer para seu quarto, uma noite ou outra, a falange imaginária, mas as feições não se materializam exatamente. Há muita dúvida sobre uma e outra e, por vezes, não pode recompor o rosto de Ivone. Elas vinham regiamente vestidas, mas iam-se antes de chegar, desfazendo-se das vestes, predominando os maiôs, indo, indo, indo, desaparecendo no mar.

Depois uma nebulosa de muitas cores, chegando, clareando, virando nuvem branca e transformando-se na professora, camisola bem alva, na mão um copo com água. Aí custava muito a dormir.

Nas noites seguintes aqueles rostos todos ficavam uma massa disforme e, por mais que se esforçasse, o rosto de Ivone era sempre o rosto da professora.

Agora sobrava tempo para observar a beleza do mar, as gaivotas, as tartarugas na dança das águas, os prédios, a chegada dos pescadores. O pretinho das margaridas desenhadas na cabeça raspada sumira também. Somente a velharia pintando aos magotes aqui, ali. Sentia dó de gente tão feia, tão fora de moda. O andar sempre apressado, mesmo não tendo nada que fazer, costume dele. Cabeça quase pelada, a roupa muita larga no corpo, os dentes solitários no maxilar inferior, olhos miúdos de bicho, de cobra, parecendo. Desbundado, o volume membro-escrotal avantajado, aparecendo.

Calor demais, sufocante. Conceição passa quase duas horas diárias na fisioterapia. À noite o sono é difícil, mormente faltando a brisa do mar. Pela madrugada refresca um pouco, mas ao clarear do dia o lençol está molhado de suor.

Sexta-feira, dia de sorte da professora. Jogaram buraco, ela e um casal de reumáticos. Ganhara todas as partidas. O médico achou que o seu restabelecimento caminhava rapidamente, surpresa até para ele. O calor inquietava, a roupa assava.

Zé Manequim, deitado, nu da cintura para cima, a embaralhar os caibros com as ripas, as telhas, invocando a legião feminina. Alguma velha entrava na faixa, mas ele piscava miúdo e fazia-a desaparecer. A jovem senhora-triste fugiu-lhe por completo, o mesmo acontecendo com a morena-claro do maiô mostarda. Ivone era captada, mas, como a onda, fugia logo. Ficava Conceição, agora linda, enchendo-lhe a cabeça, perturbando-o.

Do outro lado da parede ouvia-se o ressonar da moça, um surdo roncar, que era mais um gemido. O calor martirizava-o. Já despidas as calças, a montanha com a torre ereta. Aquele resfolegar de



fêmea... Transtornado, levantou e arriscou uma olhadela pela porta entreaberta. A lampadazinha de azeite, no oratório de Nossa Senhora, dava um rosado luxurioso às formas nuas da balzaquiana. Estirada de costas, os braços abertos em cruz na cama de casal, as gotículas de suor pelo nariz, pela testa, na barriga, o corpo desnudo. Dormia e, pelo jeito, sonhava frustrada nos supostos amores, o noivo amado que nunca existiu. Para a besta que a contemplava, a vista turva no lusco-fusco, era Ivone, era a jovem senhora-triste, depois a moça de amarelo, mas sempre que sacudia a cabeça, ficava a professora mesmo, corpo lindo como uma, o semblante da outra, toda fulguração de Ivone. Mas era sempre a professora mesmo.

Um cão, latindo, despertou os galos, que cantaram fora de hora. Lá fora o mar soltou a brisa e as águas começaram a bater nas pedras, fortemente.

---

---

FORÇA DA TERRA foi composto em tipografia Minion Pro, corpo 12pt, impresso em papel Pólen 80g nas oficinas da TAGORE EDITORA. Aca-  
bou-se de imprimir fevereiro  
de 2018

\*\*\*

LAVS DEO

Academia Paulistana de História, pelo livro *A Fronteira* (Revolução Constitucionalista de 1932); pela Academia Teresopolitana de Letras, pelo livro *Vão dos Angicos; Troféu Jaburu* (o maior prêmio do Conselho Estadual de Cultura de Goiás) e outros. Mantém, anualmente, o Concurso Literário de Redação Bariani Ortencio (oficializado pelo Governo do Estado de Goiás). Foi considerado na Feira Internacional do Livro de São Paulo, em 1984, o melhor escritor policial de enigma pelos livros: *O enigma do saco azul* (paradidático) e *Morte sob encomenda*, ao lado de José Louzeiro, que foi votado como o melhor escritor em *Roman noir* (ação). Bariani Ortencio pertence a todas as entidades culturais de Goiás e é tesoureiro de todas elas. Compôs (letra e melodia) em mais de 50 discos (78 rtm – CDs e Lps). É autor do Hino de Inauguração de Brasília (Brasília, 21 de abril) e o *Hino dos Direitos Humanos*. Autor também de várias versões, iniciando por “*Solamente una vez*”, gravado pelos Titulares do Ritmo e outros cantores, inclusive Lindomar Castilho. Um dos poucos brasileiros que assistiram as inaugurações de 03 capitais: Goiânia, Brasília e Palmas. É DOUTOR ONORIS CAUSA pela UFG – Universidade Federal de Goiás. O ICEBO – Instituto Cultural e Educacional Bariani Ortencio fica à Rua 82 nº 565 – Praça Cívica, contendo 3400 livros sobre o Centro-Oeste, grande quantidade de discos e revistas, jornais históricos e literários sobre o Brasil Central, que estão à disposição de pesquisadores sem nenhum ônus.

**A** Coleção Sertão é uma edição de preservação, cultura e reconhecimento da trajetória literária do escritor Waldomiro Bariani Ortencio. Paulista mas goiano de coração e alma, traz nesta coleção a sua obra-prima sobre o sertão que ele tanto viveu e até mesmo contribuiu a consolidar.

O sertão de Bariani descreve uma vida que já virou ficção para muitos de nós. Ao republicar suas três grandes obras, reabre as discussões sobre o que foi para o homem e para o Brasil ir para o centro do planalto brasileiro. Hoje para alguns um Eldorado e para outros um inferno. Essa dicotomia nos personagens e nas imagens de uma terra nova são as imagens que se enraízam nas memórias de quem lê Bariani Ortencio.

É fácil para quem percorre as páginas de Bariani, um Anhanguera moderno que observa e reinterpreta o mundo que o cerca assombrando os leitores com tão vasta obra.

A sua vida foi uma aventura na mesma intensidade de seus romances que trazem um apelo ao pensamento, ao sonho e ao tempo.

VICTOR TAGORE

Apoio Institucional da Prefeitura de Goiânia



**PREFEITURA  
DE GOIÂNIA**  
Cultura

ISBN: 978-85-5325-004-2



9 788553 250042

TAGORE EDITORA